

INSTITUTO SUPERIOR DE PSICOLOGIA APLICADA

**A RELAÇÃO FAMILIAR DE ADOLESCENTES EM RISCO DE
EXCLUSÃO SOCIAL**

Sandra Carolina Vilares Guedes

Dissertação orientada por Prof^ª. Doutora Teresa Botelho

Tese submetida como requisito parcial para a obtenção do grau de

Mestre em Psicologia

Especialidade em Psicologia Clínica

2008

Dissertação de Mestrado realizada sob a orientação da Prof^ª. Doutora Teresa Botelho, apresentada no Instituto Superior de Psicologia Aplicada para a obtenção de grau de Mestre na especialidade de Clínica conforme o despacho da DGES, nº 19673/2006 publicado em Diário de República 2^a série de 26 de Setembro, 2006.

Agradecimentos

À professora Teresa Botelho pela orientação e motivação durante a construção desta investigação.

Ao professor Peixoto pela cedência do instrumento de recolha de dados.

À professora Marina Carvalho pela cedência do instrumento, mas sobretudo pela sua disponibilidade sempre que solicitei ajuda.

Aos jovens que colaboraram nesta investigação, pois sem eles não teria sido possível realizá-la.

À Dra. Carla Coelho pela compreensão e pelo tempo.

À Marta por ter acreditado, quando eu duvidava.

Ao meu pai por me ter ensinado o valioso tesouro que é a aprendizagem e que na vida podemos perder tudo menos aquilo que aprendemos.

À minha mãe pelo suporte económico mas sobretudo pelo amor incondicional.

Ao meu marido pelo apoio e suporte afectivo.

Resumo

O presente estudo teve como objectivo aprofundar o conhecimento sobre a relação familiar de adolescentes em risco de exclusão social. A amostra foi constituída por dois grupos: o grupo de estudo composto por 60 adolescentes em risco de exclusão social e pelo grupo de controlo constituído por 40 adolescentes que não apresentam esta problemática. Os instrumentos utilizados para recolha de dados foram a Escala de Percepção da Relação com a Família e o Inventário sobre a Vinculação para a Infância e Adolescência.

Concluiu-se que o grupo de estudo tem uma pior percepção da relação familiar no que se refere ao suporte nas tarefas escolares do que o grupo de controlo ($p=0,009$). No âmbito da vinculação são também estes jovens que revelam os valores mais altos na vinculação ansiosa/ambivalente ($p=0,035$). Nas diferenças de género foi possível apurar que as raparigas da amostra do grupo de estudo percebem-se como sendo mais autónomas ($p=0,047$) e como tendo uma percepção das expectativas superior ($p=0,026$), comparativamente com os rapazes. As raparigas pertencentes à amostra dos jovens do grupo de controlo são mais seguras que os rapazes ($p=0,005$). No que concerne ao tipo de habitação, constatou-se que a amostra dos jovens em risco de exclusão social que moram em casas abarracadas apresentam valores inferiores na vinculação segura comparativamente com os que habitam em casas alugadas ($p=0,024$) e camarárias ($p=0,011$). O padrão de vinculação ansiosa/ambivalente nos jovens que moram em habitações próprias é superior aos que habitam em casas abarracadas ($p=0,042$). No que se refere aos limites, os jovens que não se percebem como sendo supervisionados nas saídas e horas de chegada a casa são aqueles que têm um suporte afectivo maior das figuras parentais, comparativamente com aqueles aos quais lhes são “sempre” colocados limites ($p=0,001$) e aos que “às vezes” lhes são colocados limites ($p=0,003$).

Palavras-Chave: Relação familiar, vinculação, exclusão social.

Abstract

The aim of this research was to analyze the family relationships of adolescents endangered by social exclusion. The sample was constituted by two different groups: the studied group composed by 60 adolescents endangered by social exclusion and the control group composed by 40 adolescents who do not show this problem. The instruments that were used to collect the data were the Family Relationship Perception Scale and the Inventory of Attachment in Childhood and Adolescence.

The conclusion was that the studied group has a worse perception of family relationship when it comes to support in school tasks than the control group ($p=0,009$). What anxious/ambivalent attachment is concerned this group also showed higher values ($p=0,035$). If we consider the different genders, it was possible to observe that the girls of the studied group think themselves to be more autonomous than the boys ($p=0,047$) and that they have a higher perception of their future expectations ($p=0,026$). The girls from the control group are more secure than the boys ($p=0,005$). Based on the dwelling place one could conclude that the sample of youngsters endangered by social exclusion that lived in slums present inferior values in secure attachment compared to those who lived in rented houses ($p=0,024$) and social housing ($p=0,011$). The pattern of anxious/ambivalent attachment in youngsters that live in owner occupied dwellings is superior to those who live in slums ($p=0,042$). What the limits are concerned, the adolescents that don't consider themselves to be supervised in their arrival time when they go out, are the ones who have a higher emotional support of their parents compared to those to whom the parents "always" set an arrival time limit ($p=0,001$) and to those to whom "sometimes" is given an arrival time limit ($p=0,003$).

Key words: Family relationships, attachment, social exclusion.

Índice

Introdução	1
O Papel da Relação Familiar nos Comportamentos dos Adolescentes.....	2
Os Estilos e Práticas Parentais.....	6
Factores que influenciam a Relação Familiar.....	8
Género.....	8
Cultura.....	9
Estatuto Sócio-Económico e Nível Educativo.....	11
Estrutura Familiar.....	11
A Vinculação.....	12
A Vinculação na Adolescência.....	14
Domínios da Exclusão Social.....	18
Método.....	20
Delineamento.....	20
Material.....	20
Procedimento.....	22
Participantes.....	25
Resultados.....	32
Discussão.....	54
Conclusão.....	59
Referências.....	62
Anexos.....	67

Índice das Figuras

Figura 1 - Item da Escala de Percepção da Relação com a Família.....	21
Figura 2 - Item do Inventário sobre a Vinculação para a Infância e Adolescência – Versão de Auto-Avaliação	22
Figura 3 - Distribuição do Grupo de Estudo em função do Género.....	25
Figura 4 - Distribuição do Grupo de Estudo por Idades.....	26
Figura 5 - Distribuição do Grupo de Estudo por Origem Cultural.....	26
Figura 6 - Rendimento Familiar por mês das Famílias do Grupo de Estudo.....	27
Figura 7 -Tipo de Habitação das Famílias do Grupo de Estudo.....	27
Figura 8 -Tipo de Estrutura Familiar dos Sujeitos do Grupo de Estudo.....	28

Figura 9 -Número de Retenções Escolares do Grupo de Estudo.....	28
Figura 10 - Tipo de Comportamentos Anti-Sociais praticados pelo Grupo de Estudo...	29
Figura 11 - Distribuição do Grupo de Controlo em função do Género.....	30
Figura 12 -Distribuição do Grupo de Controlo por Idades.....	30
Figura 13 –Tipo de Estrutura Familiar dos Sujeitos do Grupo de Controlo.....	31
Figura 14 - Número de Retenções Escolares do Grupo de Controlo.....	31

Índice dos Quadros

Quadro 1 – Valores Médios da EPRF no Grupo de Estudo e no Grupo de Controlo.....	33
Quadro 2 – Valores Médios do IVIA no Grupo de Estudo e no Grupo de Controlo.....	34
Quadro 3 – Valores Médios da EPRF em função do Género no Grupo de Estudo.....	35
Quadro 4 - Valores Médios do IVIA em função do Género no Grupo de Estudo.....	35
Quadro 5 – Valores Médios da EPRF em função do Género no Grupo de Controlo.....	36
Quadro 6 - Valores Médios do IVIA em função do Género no Grupo de Controlo.....	37
Quadro 7 – Valores Médios da EPRF em função da Origem Cultural no Grupo de Estudo.....	38
Quadro 8 – Valores Médios do IVIA em função da Origem Cultural no Grupo de Estudo.....	39
Quadro 9 – Valores Médios da EPRF em função de Problemas Comportamentais com Professores no Grupo de Estudo.....	40
Quadro 10 – Valores Médios do IVIA em função de Problemas Comportamentais com Professores no Grupo de Estudo.....	40
Quadro 11 – Valores Médios da EPRF em função de Problemas Comportamentais com Colegas no Grupo de Estudo.....	41
Quadro 12 – Valores Médios do IVIA em função de Problemas Comportamentais com Colegas no Grupo de Estudo.....	42
Quadro 13 – Valores Médios da EPRF em função do Tipo de Estrutura Familiar no Grupo de Estudo.....	44
Quadro 14 – Valores Médios do IVIA em função do Tipo de Estrutura Familiar no Grupo de Estudo.....	45

Quadro 15 – Valores Médios da EPRF em função do Rendimento Económico Familiar no Grupo de Estudo.....	47
Quadro 16 – Valores Médios do IVIA em função do Rendimento Económico Familiar no Grupo de Estudo.....	48
Quadro 17 – Valores Médios da EPRF em função do Tipo de Habitação no Grupo de Estudo.....	49
Quadro 18 – Valores Médios do IVIA em função do Tipo de Habitação no Grupo de Estudo.....	50
Quadro 19 – Valores Médios da EPRF em função dos Limites no Grupo de Estudo....	52
Quadro 20 – Valores Médios do IVIA em função dos Limites no Grupo de Estudo....	53

Índices dos Anexos

Anexo A – Questionário da Caracterização da Amostra.....	68
Anexo B – Escala de Percepção da Relação Familiar.....	74
Anexo C - Inventário sobre a Vinculação para a Infância e Adolescência – Versão de Auto-Avaliação.....	77
Anexo D – Carta de Consentimento Informado.....	79
Anexo E – Carta de Solicitação de Participação no Estudo.....	81
Anexo F - Outputs –Dimensões da EPRF e do IVIA.....	83
Anexo G - Outputs -Variável Género.....	86
Anexo H - Outputs – Variável Origem Cultural.....	90
Anexo I - Outputs – Variável Problemas Comportamentais com Professores.....	93
Anexo J - Outputs – Variável Problemas Comportamentais com Colegas.....	96
Anexo K -Outputs – Variável Número de Retenções Escolares.....	99
Anexo L - Outputs – Variável Estrutura Familiar.....	101
Anexo M - Outputs – Variável Número de Elementos do Agregado Familiar.....	105
Anexo N - Outputs – Variável Rendimento Familiar.....	107
Anexo O - Outputs – Variável Tipo de Habitação.....	110
Anexo P - Outputs – Variável Limites.....	114
Anexo Q - Outputs – Consistência Interna da EPRF e do IVIA.....	117

Introdução

A importância que a família tem na estrutura da sociedade é consensual nas diversas áreas do conhecimento. No âmbito da psicologia esta instituição é vista como o contexto primário de socialização. As figuras parentais exercem um papel fundamental no desenvolvimento do indivíduo. A este papel dá-se o nome de parentalidade que é definida por Cruz (2005) como “o conjunto de ações encetadas pelas figuras parentais (pais ou substitutos) junto dos seus filhos no sentido de promover o seu desenvolvimento da forma mais plena possível, utilizando para tal os recursos de que dispõem dentro da família e, fora dela, na comunidade”.

A qualidade da relação entre a família e o adolescente tem sido alvo de múltiplos estudos. Várias investigações demonstraram que o tipo de relação que o adolescente estabelece com a família tem impacto na sua vida (Peixoto, 2004; Eisenberg & Mussen, 1989, cit. Moraes, Camino, Costa, Camino & Cruz, 2006).

A dinâmica familiar não é alheia ao meio onde esta ocorre. Contextos mais fragilizados, ao nível sócio-económico, são mais vulneráveis e conseqüentemente o risco de exclusão social é maior, no entanto apesar dos diferentes contextos sócio-económicos determinarem processos de socialização diferentes, os pais continuam a ter um papel fundamental (Darling & Steinberg, 1993; cit. Moraes, Camino, Costa, Camino & Cruz, 2006).

No âmbito dos domínios da Exclusão Social, o económico tem um peso relevante. Deste domínio fazem parte não só os sistemas geradores de rendimento mas também outros sistemas como o acesso ao mercado de bens e serviços e a educação. Segundo o Instituto Nacional de Estatística (Informação à Comunicação Social, 2007), em 2005 a população residente em situação de risco de pobreza era de 19%. No âmbito do ensino, apesar de se terem registado melhorias ao nível da escolarização, as taxas de abandono escolar continuam a ser elevadas comparativamente à dos restantes países da União Europeia. Em 2007 a taxa de abandono escolar precoce foi de 36.3% (Instituto Nacional de Estatística). Este défice de escolarização reflecte-se na situação laboral. Segundo o IEFP em 2007 30,9% dos desempregados tinham apenas o 1º ciclo.

Aprofundar o conhecimento da percepção que os adolescentes, oriundos de meios onde o risco de exclusão social é elevado, têm da sua relação familiar reveste-se de toda a importância. As investigações realizadas nesta área apontam para a relevância que a dinâmica

familiar tem na vida do adolescente, no entanto o estudo desta relação nesta população carece de mais conhecimento.

Com este trabalho pretende-se aprofundar este conhecimento. Neste capítulo é apresentada uma revisão bibliográfica sobre o papel da relação familiar nos comportamentos dos adolescentes, os estilos e práticas parentais, os factores que influenciam a relação familiar, a vinculação na adolescência e os domínios da exclusão social. No segundo capítulo é descrito o método utilizado nesta investigação. No terceiro capítulo são apresentados os resultados obtidos. Por último, é feita a discussão dos resultados e apresentadas as conclusões desta investigação.

O Papel da Relação Familiar nos Comportamentos dos Adolescentes

O exercício da parentalidade vai sofrendo alterações de acordo com o ciclo de vida dos filhos e em todas as etapas os pais têm novos desafios. Na infância as estratégias educativas podem ser mais direccionadas e com maior controlo, no entanto na adolescência estas estratégias podem assumir uma maior flexibilidade. Na adolescência o ambiente familiar funciona como um reflexo das regras e tradições culturais que contribuem para o desenvolvimento das gerações vindouras (Formiga, 2005).

A adolescência é uma etapa onde ocorrem muitas mudanças ao nível físico, psicológico e social. O grupo de pares ganha um lugar privilegiado na vida do adolescente. No entanto, isto não significa que o papel da família passe a ser exercido pelo grupo de pares, uma vez que a família continua a ser uma fonte de suporte e a instituição com maior peso na socialização (Peixoto, 2003; Moraes, Camino, Costa, Camino & Cruz, 2006; Wagner, Carpenedo, Melo & Silveira, 2005). Oliva (2006) refere que no período da adolescência, apesar de se verificarem alguns conflitos entre pais e filhos, na maioria das famílias as relações continuam a ser de afectividade, mantendo-se o clima familiar semelhante ao da infância, com as respectivas adaptações e mudanças de algumas estratégias educativas.

A relação familiar, independentemente das suas características, funciona como um elo na construção da realidade social e de desenvolvimento psicológico assim como na construção de um sistema intermediário entre a sociedade e os comportamentos individuais (Formiga, 2005).

Desta forma na construção da identidade, a relação familiar está na base da edificação da dimensão psicológica e social do indivíduo.

Segundo Bayle (In Leal, 2005) a família constitui um pilar necessário para um equilíbrio tanto pessoal como social, sendo o berço da relação social entre o Eu e o outro.

A forma como a relação familiar é estabelecida, as suas regras e características poderão promover ou inibir determinados comportamentos nas diferentes áreas da vida do adolescente.

A componente escolar na vida de um jovem tem um papel central, o desempenho revelado nesta dimensão poderá reflectir a qualidade da relação familiar e o tipo de interacções estabelecidas no seio familiar. Feitosa, Matos, Del Prette e Del Prette (2005) afirma que quanto maiores são as dificuldades de relacionamento com as figuras parentais maiores são os problemas ao nível do desempenho escolar.

Num estudo realizado por Peixoto (2004) as retenções escolares estavam relacionadas com a qualidade do relacionamento familiar. Os alunos sem repetência perceberam-se como sendo melhor aceites, recebendo mais suporte afectivo e mais apoio na realização de tarefas escolares. Esta investigação concluiu ainda que o reduzido apoio do pai e da mãe contribuem para uma baixa auto-estima social o que por sua vez fomenta problemas na adaptação escolar.

No que se refere aos comportamentos na escola, estes também estão relacionados com as estratégias utilizadas no ambiente familiar para a resolução de conflitos. Adolescentes cujas famílias recorrem à violência têm maior tendência a replicar este comportamento no contexto escolar (Ochoa, Ferrer & Pérez, 2006).

A auto-estima é outra dimensão que parece ser influenciada pela qualidade da relação familiar. Estratégias como o apoio emocional, a responsabilização, o estímulo e a autonomia estão relacionadas com a auto-estima. Os jovens que percebem o seu relacionamento familiar como positivo são aqueles que revelam uma auto-estima mais elevada (Peixoto, 2004; Teixeira, Oliveira & Whottrich, 2006).

As estratégias utilizadas pelos pais na educação dos seus filhos são diferentes. O controlo que se traduz, segundo Baumrind (1968, cit. Oliva, 2006), nas estratégias socializadoras como o estabelecimento de regras e limites, a aplicação de sanções, a exigência de responsabilidades e a monitorização das actividades dos filhos, é uma prática educativa que não é consensual.

Segundo Oliva (2006), a literatura sobre o controlo aponta esta prática parental como sendo importante para prevenir problemas comportamentais, no entanto esta ideia não é consensual, pois outros estudos indicam exactamente o contrário, afirmando que não existe

uma associação entre o controlo que os pais exercem sobre os filhos e os seus comportamentos.

Num estudo realizado por Teixeira, Oliveira e Wottrich (2006) a correlação entre o controlo mais punitivo por parte dos progenitores e o comportamento anti-social não foi significativa. O mesmo não aconteceu com as práticas educativas de apoio emocional e de supervisão do comportamento, uma vez que estas se relacionaram negativamente com a conduta anti-social. Estes resultados sugerem que a supervisão do comportamento pode ser percebida como positiva por parte dos filhos, o mesmo não acontece com estratégias punitivas e intrusivas, que apesar de não se relacionarem significativamente com comportamentos anti-sociais afectam de forma negativa o seu desenvolvimento.

Pettit et al. (2001, cit. Silveira, Pacheco, Cruz e Schneider (2005) chamam a atenção para a existência de dois tipos de controlo, um realizado recorrendo à monitorização e supervisão, favorecendo o processo de socialização e outro caracterizado por utilizar estratégias que geram culpa e ansiedade.

Esta distinção deve ser tida em conta, principalmente quando se relaciona o controlo com a prevenção de comportamentos anti-sociais.

Feita esta associação das práticas parentais à prevenção de comportamentos anti-sociais é importante definir o que se entende por este tipo de conduta. Para Formiga (2005), uma conduta anti-social refere-se a uma não consciencialização das normas que devem ser respeitadas, no entanto, estes comportamentos não causam, necessariamente, danos a outras pessoas. O mesmo não acontece com os comportamentos delitivos, uma vez que estes podem causar danos morais e/ou físicos. Para este autor o que estes dois comportamentos têm em comum é que ambos interferem nos direitos e deveres das pessoas, causando uma ameaça ao seu bem-estar.

Segundo Carvalho e Gomide (2005) a definição de comportamento anti-social não é consensual, há autores que consideram que este tipo de comportamento só inclui acções definidas pela lei como crime e outros que consideram que atitudes como o vandalismo, fuga de casa e todas aquelas que vão contra os valores sociais e convencionais devem também ser considerados como anti-sociais.

Um estudo realizado por Martins (2005) distingue estes comportamentos desadequados através de três conceitos: conduta anti-social, indisciplina e delinquência juvenil. O primeiro refere-se à conduta “ que inflige dano físico ou psicológico ao outro; e/ou perda ou dano de propriedade, podendo ou não constituir uma infracção às leis vigentes”

(Loeber & Hay, 1997, cit. Martins, 2005), o segundo conceito, é apresentado por Amado (2000, cit. Martins, 2005), está ligado às atitudes adoptadas no meio escolar como os comportamentos disruptivos (ruído durante as aulas, silêncios propositados quando solicitados a participar, realização de actividades paralelas às tarefas solicitadas), conflitos inter-pares (agressividade física e /ou verbal, roubo, vandalismo) e ainda conflitos com os professores e pessoal não docente (insultos, desobediência, agressões verbais). A delinquência juvenil abrange os actos que infringem a lei e que são cometidos por jovens com idade inferior da idade de responsabilidade criminal (Martins, 2005).

No entanto, independentemente de se considerar uma definição mais estrita ou mais alargada, a verdade é que estes comportamentos parecem estar relacionados com as práticas parentais.

Famílias com atitudes agressivas, com habilidades emocionais precárias, altamente coercivas para o incumprimento das regras, assim como estados de privação e frustração estão na origem de comportamentos anti-sociais, uma vez que este tipo de ambiente familiar não promove habilidades para o relacionamento interpessoal e provoca no adolescente uma procura de afecto e reconhecimento desadequada, gerando na maioria das vezes rejeição e agressão (Feldman, 1979; Patterson et al., 1992; Conte, 1996; Kazdin & Buela-Casal, 1998, cit. Carvalho & Gomide, 2005).

Oliveira, Marin, Pires, Frizzo, Ravanello e Rossato (2002) referem que os filhos de mães autoritárias apresentam, geralmente, maior frequência de comportamentos de agressão verbal ou física assim como, maior retracção social, ansiedade e depressão.

Para Carvalho e Gomide (2005) um ambiente familiar hostil, seja por um controlo excessivo ou por uma inexistência de monitorização é facilitador do desenvolvimento de comportamentos anti-sociais. Uma investigação realizada por estas autoras, onde se estudou as práticas educativas parentais em famílias em conflito com a lei, revelou que a maioria destas famílias tinha estratégias educativas negligentes para com os seus filhos.

Martins (2005) assinala um estudo realizado por Moffitt e Caspi (2000), que verificou que o comportamento anti-social com início na infância, assim como a delinquência que perdura para além da adolescência, estão associados aos estilos parentais inadequados.

Nas famílias com indicadores de elevada compreensão, disposição para o perdão, afecto e com boa relação conjugal entre os pais, os filhos apresentam um menor número de comportamentos de delinquência, revelando que estes indicadores funcionam como inibidores desses comportamentos. Os jovens que têm uma boa dinâmica familiar, com apoio emocional

e social são mais capazes de interiorizar valores e comportamentos socialmente desejáveis, uma ordem inter-familiar poderá fomentar a ordem social (Formiga, 2005).

Segundo este autor, práticas educativas adequadas são capazes de inibir condutas anti-sociais uma vez que fomentam valores normativos de interação social, assim como promovem o desenvolvimento de traços sociabilidade e capacidade de tomada de consciência.

A aceitação de regras e obrigações relacionadas com a vivência pacífica em sociedade está relacionada com existência de laços sociais entre pais e filhos (McCord, In Fonseca, 2002).

De acordo com Ferreira (2005) as estratégias educativas adoptadas pelos pais são influenciadas pelas que eles experimentaram enquanto filhos, ficando assim reforçada a evidência da transmissão intergeracional. Esta autora refere ainda que há estudos que sugerem que também há continuidade intergeracional ao nível de comportamentos anti-sociais, sobretudo quando existem dificuldades sócio-económicas.

Os Estilos e Práticas Parentais

A forma como os pais educam os filhos e exercem o processo de socialização varia, podendo ser atribuído um estilo de acordo com as características dominantes. Os estilos parentais são definidos como o clima emocional no qual se expressam os comportamentos dos pais, nestes comportamentos estão incluídas as práticas parentais que se traduzem em estratégias específicas utilizadas pelos pais com o objectivo de suprimir ou incentivar determinados comportamentos dos filhos (Darling & Steinberg, 1993 cit. Weber, Prado, Viezzer & Brandenburg, 2004).

No entanto, um estilo parental não pode ser definido atendendo apenas às técnicas utilizadas de socialização, também devem ser consideradas as atitudes dos pais, que dependem dos comportamentos dos filhos, do contexto onde se realiza a socialização e por sua vez este contexto varia de acordo com crenças, normas e valores culturais (Moraes, Camino, Costa, Camino & Cruz, 2006).

Os estudos pioneiros nesta área foram realizados por Baumrind em 1966, que propôs a existência de três estilos, baseados no controlo parental: autoritários, autorizados e permissivos.

O primeiro caracteriza-se por uma distância entre pais e filhos e por um controlo excessivo dos comportamentos, sendo a punição uma prática comum de controlo. Este tipo de pais modelam, controlam e avaliam o comportamento dos filhos de acordo com as regras estabelecidas e normalmente absolutas. O segundo caracteriza-se por uma relação onde a

independência e a individualidade são estimuladas, existe controlo, no entanto, este é exercido recorrendo à empatia e ao respeito pela opinião dos filhos. São pais que incentivam o diálogo.

Por último, no estilo permissivo, os pais exigem pouco, não regulam as actividades dos filhos e evitam o uso da punição. Este tipo de pais não se apresenta como um modelo ou como um agente responsável em orientar o comportamento dos filhos, assume-se como um recurso para realizar os desejos (Baumrind, 1966).

Na década de 80 Macooby e Martin acrescentaram duas dimensões fundamentais nas práticas educativas dos pais, denominadas exigência (“*demandingness*”) e responsividade (“*responsiveness*”). A primeira diz respeito às atitudes de controlo dos comportamentos dos filhos através do estabelecimento de regras e limites. A segunda refere-se aos comportamentos de apoio emocional baseados numa comunicação bi-direccional que favorece o desenvolvimento da autonomia.

Esta abordagem descreve os pais autoritários como sendo muito exigentes e pouco responsivos. Os pais com elevada responsividade e exigência são classificados como autorizados. Estas duas dimensões permitiram dividir o estilo permissivo em dois: o estilo indulgente e o negligente. No primeiro os pais são muito responsivos mas pouco exigentes, no segundo são pouco responsivos e exigentes (Macooby & Martin, 1983 cit. Costa, Teixeira & Gomes, 2000).

Musitu e García (2001, cit. Moraes, Camino, Costa, Camino & Cruz, 2006) apresentaram um modelo semelhante no qual propuseram outras dimensões, que apesar de serem parecidas às definidas por Macooby e Martin, têm aspectos diferentes. A primeira é a aceitação que se refere ao reforço positivo utilizado pelos pais quando os filhos revelam comportamentos de acordo com as normas sociais. Esta dimensão contempla ainda o diálogo para situações em que os filhos se comportam de forma inversa à esperada. Esta actuação parental caracteriza-se fundamentalmente por demonstrações de afecto e o recurso ao diálogo colocando de parte a indiferença. A outra dimensão deste modelo é a coerção que diz respeito às acções de repressão caracterizadas pela privação, coerção verbal e coerção física, que são utilizadas quando os comportamentos são totalmente inadequados e vão contra as normas de funcionamento familiar estabelecidas. Esta forma de actuação pode ser ou não acompanhada de diálogo.

De acordo com estas duas dimensões, os pais autoritários impõem regras rígidas, não fomentam o diálogo e são pouco afectivos, logo apresentam uma baixa aceitação e uma alta coerção.

No estilo autorizado tanto a aceitação como a coerção são elevadas. O clima familiar caracteriza-se pela comunicação, respeitando as opiniões dos filhos sem esquecer as regras dos adultos, utilizando quando necessário a coerção física e verbal e a privação.

Os pais que utilizam de forma regular o diálogo mas que não recorrem à coerção para inibir comportamentos indesejáveis são classificados como indulgentes, apresentando uma elevada aceitação e uma baixa coerção.

Por último o estilo negligente é caracterizado por uma baixa aceitação e coerção. Este tipo de pais age essencialmente de forma indiferente, não dando reforço positivo perante um bom comportamento nem utilizando a coerção perante uma conduta desaproprada

Este modelo bidimensional remete para os estilos parentais definidos por Baumrind, substituindo as dimensões de responsividade e a exigência, propostas por Macooby e Martin pelas de aceitação e coerção. Mas na verdade ambas as propostas defendem a co-existência de duas grandes formas de actuação perante os comportamentos dos filhos. No entanto, como já foi referido não são apenas as acções dos pais que modelam o comportamento dos adolescentes, estes também influenciam as figuras parentais na sua acção bem como outros factores.

Factores que Influenciam a Relação Familiar

A dinâmica familiar é, em parte, determinada pelas práticas educativas adoptadas pelas figuras parentais, no entanto, estas são influenciadas por vários factores. Desta forma, a qualidade da relação familiar não depende apenas dos pais, é construída por todos os seus elementos e ainda afectada por factores como o género dos filhos, a cultura, o estatuto sócio-económico e nível educativo das figuras parentais e pelo tipo de estrutura familiar.

Género

O género dos filhos é um dos factores que pode influenciar o tipo de estratégias utilizadas no processo educativo e por consequência o estilo parental adoptado.

Um estudo realizado por Weber, Prado, Viezzer e Brandenburg (2004) indica que existem diferenças significativas entre rapazes e raparigas quanto à exigência, os pais são um pouco mais exigentes com as filhas do que com os filhos. A diferença dos comportamentos educativos parentais em função do género é também apontada por Cruz (2005), esta autora refere que vários estudos assinalam esta diferença. As mães assumem uma atitude mais negativa perante um comportamento agressivo das raparigas do que dos rapazes e as

expectativas em relação a um comportamento pró-social são mais elevadas nas raparigas do que nos rapazes.

Segundo Teixeira, Oliveira e Whottrich (2006) as adolescentes têm a percepção de uma maior supervisão tanto por parte da figura materna como do casal.

No uso de punição como prática educativa parece não haver distinção, se a família utiliza essa estratégia como principal modo de controlo, fazem-no tanto com os filhos do sexo masculino como feminino (Eddy, Leve & Fafot, 2001 cit. Szelbracikowski & Dessen, 2007). Outros estudos indicam o contrário, afirmando que as filhas são menos punidas que os filhos, sobretudo em meios socio-económicos favorecidos (Glória, 2005).

Quanto à comunicação Wagner, Carpenedo, Melo e Silveira (2005) referem estudos que também apontam para essa diferenciação, os pais sentem maior dificuldade em comunicar com os filhos do que com as filhas. Os adolescentes afirmam sentirem-se mais próximos da mãe do que do pai, falando de um maior número de assuntos com a figura parental feminina. É também à mãe que pedem mais conselhos e orientação, pois estas são vistas como mais abertas e com mais iniciativa para começarem as conversas.

Outros estudos indicam que as raparigas falam mais com as mães que os rapazes. Com a figura parental masculina os rapazes falam mais de sexo do que as raparigas. O tema mais recorrente das filhas com o pai são as normas da família (Jiménez & Delgado, 2002).

Outra diferença apontada refere-se aos comportamentos anti-sociais, nos rapazes verifica-se uma associação mais forte entre as condições socio-económicas desfavoráveis e o sentimento de frustração do que nas raparigas (Veenstra, Lindenberg, Oldehinkel, Winter & Ormel, 2006). Segundo Sampaio (2007) o comportamento anti-social é mais frequente nos rapazes.

Quanto às expectativas sociais, os pais esperam que as raparigas obtenham um nível de escolaridade maior do que os rapazes, em contrapartida as expectativas em relação ao sucesso profissional e financeiro são mais elevadas para os filhos de sexo masculino (Glória, 2005 cit. Sampaio, 2007).

Cultura

A cultura é um factor que também deve ser considerado. Os efeitos de determinadas práticas educativas podem ser diferentes em função da cultura. Para além disso, a diversidade de normas e valores de cada cultura é responsável pelas diferenças observadas na forma de educar, uma vez que as cognições parentais são parte integrante da cultura de cada país (Cruz, 2005).

De acordo com Oliva (2006) existem vários estudos que apontam a autonomia como uma dimensão da prática parental que apresenta diferenças em função de valores culturais. Nas culturas individualistas, os pais promovem a autonomia dos seus filhos ao contrário das culturas colectivistas onde a interdependência entre os elementos da família é altamente valorizada.

As práticas parentais exercidas no âmbito escolar também apresentam diferenças em função da cultura. Num estudo comparativo realizado com estudantes americanos e estudantes de origem asiática, verificou-se uma diferença no desempenho nos testes de matemática. Os estudantes de origem asiática, cujos pais tendem a ser autoritários, apresentaram melhores resultados do que os americanos, onde as práticas parentais estão inseridas no estilo autorizado. As práticas parentais dos jovens com ascendência asiática caracterizam-se por valorizar o trabalho árduo e por terem elevados padrões académicos. Estes jovens passam mais tempo a estudar do que a socializar com os amigos (Papalia, Olds & Feldman, 2001).

A importância dada à dimensão escolar varia de acordo com a cultura. Na etnia cigana a valorização da escola é reduzida. As crianças ciganas têm baixos níveis de escolaridade e a taxa de absentismo e abandono escolar é bastante elevada, em muitos países de Europa. Para esta minoria étnica a realidade escolar entrou no seu quotidiano há poucos anos, razão pela qual ainda não é prática efectiva (Antunes, 2008).

Este grupo minoritário, na sua maioria, não reconhece nem valoriza as competências escolares como forma de promoção e mobilidade social (Mendes, 2005). Logo, no âmbito das práticas parentais o desempenho escolar não é valorizado.

Um estudo realizado com uma amostra espanhola também revela diferenças em relação ao estilo parental mais adequado na promoção de um melhor auto-conceito e adaptação social. Os resultados desta investigação demonstram que os filhos de pais considerados como indulgentes (alta aceitação/afecto e baixa coerção) apresentam um igual ou melhor auto-conceito que os filhos de pais autorizados (alta aceitação/afecto e alta coerção). Estes resultados contrariam os apresentados por amostras anglo-saxónicas, onde o estilo autorizado tem uma maior relação com o melhor auto-conceito e adaptação social (Musitu & Garcia, 2004).

Estatuto Sócio- Económico e Nível Educativo

O estatuto sócio-económico da família pode também influenciar o estilo parental. O efeito pode não ser directo, porém condiciona as práticas parentais. O meio onde uma família está inserida, geralmente determina as oportunidades de educação assim como as expectativas sociais (Papalia, Olds & Feldman, 2001).

Num estudo realizado por Silveira, Pacheco, Cruz e Schneider (2005) que tinha como objectivo analisar as estratégias educativas desejáveis (afectividade, diálogo e controlo positivo da disciplina) e indesejáveis (intromissão, relaxamento da disciplina, controlo através da culpa e/ou autoridade) utilizadas pelos pais e mães de adolescentes, de um meio socio-económico desfavorecido, revelou que a maioria das práticas educativas empregadas na educação dos filhos eram desejáveis. Os investigadores referem que tal facto pode estar associado ao suporte social destas famílias, uma vez que uma rede social formada por instituições ou pessoas pode amenizar o stress, promovendo atitudes de cuidado e atenção por parte das figuras parentais.

Mas esta ideia não é consensual, Le Blanc e Janosz (In Fonseca, 2002), apontam o baixo estatuto sócio-económico e a dependência económica como factores de desvantagem, podendo estar na origem da promoção de comportamentos menos apropriados para uma sociabilidade adequada.

O nível educativo que geralmente está associado ao nível sócio-económico, poderá também influir no tipo de estratégias educativas utilizadas pelos pais.

A relação familiar poderá ser afectada pelo nível educativo dos pais. Num estudo realizado por Peixoto (2003) os alunos com pais mais escolarizados revelaram uma percepção da relação familiar com menor qualidade que aqueles cujos pais tinham menores habilitações. No entanto, na percepção do suporte das tarefas escolares verificou-se o contrário, sendo os filhos de pais mais escolarizados aqueles que revelam uma melhor percepção no suporte de tarefas escolares.

Segundo Jiménez & Delgado (2002), os filhos de pais com um nível educativo baixo falam menos com os pais, do que os filhos de pais com um nível educativo médio e superior.

Estrutura Familiar

A estrutura familiar poderá também ser outro factor que influencie o estilo parental. A instituição familiar tem sofrido alterações, o aumento significativo de divórcios deu origem a famílias mono-parentais e reestruturadas. Os novos valores sociais e morais assim como os avanços na medicina também favoreceram o aparecimento de novas famílias.

De acordo com Le Blanc e Janosz (In Fonseca, 2002) uma fratria numerosa, uma dissolução matrimonial recente e uma família que muda muitas vezes de casa são condições estruturais que reduzem a probabilidade de um funcionamento harmonioso do sistema familiar.

Uma investigação realizada por Hernández e Hernández (2005) estudou se a conduta anti-social na adolescência estava relacionada com o tipo de estrutura familiar. Os resultados revelaram que este tipo de comportamentos não depende da estrutura familiar. O estilo parental influencia a conduta dos filhos, no entanto, este estilo não está directamente condicionado pelo tipo de estrutura familiar.

Vinculação

A influência que a família exerce no desenvolvimento de um indivíduo é indiscutível. As práticas educativas adoptadas poderão promover comportamentos mais ou menos adaptados. A forma como os pais se vinculam aos seus filhos tem uma repercussão no seu desenvolvimento.

A teoria da vinculação, elaborada por Bowlby (1973), aborda precisamente as questões sobre a ligação entre o cuidador e a criança. Segundo este autor todos os seres humanos nascem equipados com um sistema que lhes permite criar laços que assegurem a proximidade com o adulto, este sistema de comportamentos garante a segurança na criança. Trata-se de uma ligação emocional que é duradoura e recíproca, uma vez que tanto a criança como a figura de vinculação contribuem para a qualidade da relação.

A figura de vinculação poderá ser qualquer pessoa que mantenha uma interacção na qual responda aos sinais da criança, esta relação deverá ser ao longo do tempo. A criança poderá estabelecer vinculação com várias figuras, no entanto uma delas irá tornar-se privilegiada (Holmes, 1995, cit. Guedeney & Guedeney, 2004; Papalia, Olds & Feldman, 2001)

A relação de vinculação distingue-se das outras relações sociais pela existência de quatro características: a procura da proximidade, a noção de base segura (que permite a exploração do ambiente, na presença da figura de vinculação, em momentos tranquilos), a noção de comportamento de refúgio (que permite o retorno à figura de vinculação, em momentos conturbados) e as reacções perante a separação (Ainsworth, 1978).

Um conceito importante na teoria de vinculação desenvolvida por Bowlby (1973) é o modelo operante interno (*Internal Working Model*), este modelo desenvolve-se através da relação com o outro e consiste em representações mentais do mundo e de si próprio que

ajudam a criança a compreender e a interpretar o comportamento, permitindo a antecipação das reacções do outro. As relações inter-pessoais da criança são orientadas, segundo este modelo.

Estes modelos podem ser modificados como resultado de alterações das interacções entre o indivíduo e o meio, no entanto, há uma tendência para a sua consistência ao longo do tempo influenciando a vida adulta (Rodrigues, Figueiredo, Pacheco, Costa, Cabeleireira & Magarinho, 2004; Cruz, 2005). Esta influência pode dar origem ao que Bowlby (1973) chamou de fenómeno de transmissão intergeracional, que consiste na repetição do mesmo padrão vivenciado, assim os filhos irão confrontar-se com o mesmo tipo de afectos que os progenitores.

O modo como os adultos recordam as experiências vividas, com as figuras parentais, afecta a forma como exercem os cuidados parentais com os seus filhos, no entanto, a maneira como o adulto recorda as vivências relativas à vinculação pode estar enviesada, verificando-se incompatibilidades entre as generalizações que o indivíduo faz em relação aos pais e os factos que são avaliados através da rememoração de episódios. Por vezes a generalização é negativa e a rememoração é muito mais favorável. Outras vezes acontece a situação inversa, a generalização sobre as figuras de vinculação revelam qualidades admiráveis, no entanto, quando se apela à rememoração estas qualidades perdem peso, neste caso a pessoa exclui defensivamente todos os acontecimentos que emocionalmente são intoleráveis, assim a representação geral da sua infância encontra-se desligada dos episódios específicos que viveu (Bowlby, 1973). Esta ideia é também defendida por Van Ijzendoorn (In Fonseca, 2002) que afirma que as avaliações das experiências infantis precoces podem não corresponder à realidade, em virtude de estarem distorcidas por causa da natureza reconstrutiva da memória autobiográfica.

Ainda no âmbito da teoria da vinculação surge o sistema de *caregiving* definido por Solomon e George, como um conjunto de cuidados parentais físicos e afectivos, prestados à criança. Este sistema é também visto como o da vinculação, na medida em que se acredita que existe uma tendência para cuidar e proteger as crianças. A forma como os cuidados são prestados não é estanque, evolui à medida que a criança se desenvolve. Na adolescência este sistema deve ser adaptado, de forma a conciliar a autonomia, própria deste ciclo de vida e os cuidados de protecção que devem continuar a existir. Segundo esta teoria, este sistema constitui uma competência que todos os seres humanos têm (Solomon & George, 1999, cit. Guedeney & Guedeney, 2004).

Outro conceito importante nesta teoria é o padrão de vinculação. Ainsworth (1978) definiu dois grandes padrões, um correspondente à vinculação segura e outro à vinculação insegura. O primeiro caracterizado pelo choro e protesto por parte da criança na ausência da mãe e pela alegria no seu reencontro, a mãe é utilizada como base segura para explorar o meio. No padrão de vinculação insegura inclui-se a vinculação evitante e a ambivalente/resistente. Crianças com uma vinculação evitante raramente choram com a ausência da mãe e evitam o contacto com esta após o seu regresso, em momentos de necessidade raramente se aproximam. No padrão ambivalente/resistente verifica-se ansiedade por parte da criança antes da ausência da figura de vinculação e uma perturbação acentuada na sua falta, no seu regresso a criança demonstra ambivalência, por um lado procura o contacto, mas simultaneamente resiste.

Mais tarde foi identificado um outro padrão, a vinculação desorganizada/desorientada, que se caracteriza por comportamentos contraditórios por parte da criança no reencontro com a mãe, indo ao seu encontro mas depois afastam-se evitando o contacto visual (Papalia, Olds & Feldman, 2001).

O tipo de vinculação vivenciado terá repercussões ao longo do desenvolvimento. As crianças seguras são mais curiosas, auto-confiantes, resilientes e competentes, são mais independentes e têm maior facilidade em estabelecer relações de amizade e em resolver conflitos. Ao nível escolar, um estudo realizado com crianças classificadas como seguras aos 7 anos de idade revelou que aos 9, 12 e 15 anos os professores as avaliavam como sendo mais atentas e participativas e obtendo melhores resultados escolares (Papalia, Olds & Feldman, 2001).

Veríssimo, Monteiro, Vaughn e Santos (2003) verificaram que as crianças classificadas como inseguras apresentaram os valores mais baixos na cognição social, na descentração cognitiva e afectiva, o que vem corroborar a relação entre a relação estabelecida com a figura de vinculação e a expressão e compreensão das emoções, por parte das crianças.

Vinculação na Adolescência

Como já foi referido anteriormente a adolescência é um período onde ocorrem muitas mudanças ao nível físico, cognitivo, afectivo e social. Estas modificações vão ter várias repercussões na vinculação. As transformações cognitivas vão permitir o acesso ao pensamento formal o que possibilita uma diferenciação mais clara de si e do outro. O adolescente pode colocar hipóteses sobre as relações com as figuras de vinculação, imaginando que outras relações poderiam satisfazer melhor as suas necessidades. Estas

capacidades cognitivas vão também influenciar as práticas parentais, uma vez que nesta fase o indivíduo já é capaz de considerar não apenas o seu ponto de vista, mas também o das figuras parentais o que permite a capacidade de argumentar e de negociar (Atger, In Guedeney & Guedeney, 2004). Outro factor a considerar nesta relação é o género, dos pais e dos filhos, uma vez que é importante para a compreensão dos efeitos das relações parentais sobre variáveis desenvolvimentais dos adolescentes (Matos & Costa, 2006). No entanto o padrão de vinculação pode não ser influenciado pelo género, numa investigação realizada por Carvalho (2007) não foram encontradas diferenças no padrão de vinculação em função do género.

O contexto onde o adolescente se desenvolve também deve ser tido em conta quando se estuda a vinculação neste ciclo de vida (Pardo, Pineda, Carrillo & Castro, 2006).

Outra das mudanças significativas é o processo de autonomização, que na adolescência ganha uma maior importância. Os pares assumem um papel central, razão pela qual a vinculação sofre transformações, assiste-se a uma distanciação e modificação da relação com as figuras de vinculação e ao estabelecimento de novos laços de vinculação (Atger, In Guedeney & Guedeney, 2004; Ribeiro & Sousa, 2002). Segundo Bravo e Tapia (2006) estas transformações vão contribuir para a definição de identidade do adolescente e para a redefinição da relação de dependência com as figuras parentais.

No entanto, apesar destas alterações, as figuras de vinculação continuam a ter importância, funcionando como bases de segurança, evidenciando-se esta ligação, sobretudo em situações como doença, reencontro com uma figura de vinculação após uma longa separação e em outras situações de stress (Bravo & Tapia, 2006).

A qualidade da vinculação antes construída terá influência no processo de autonomização e nas relações que o adolescente irá estabelecer.

De acordo com Rodrigues, Figueiredo, Pacheco, Costa, Cabeleireira e Magarinho (2004) os cuidados parentais durante a infância vão determinar a qualidade do relacionamento com pessoas significativas na adolescência e adultícia, uma vez que contribuem para a elaboração de estratégias seguras ou inseguras da vinculação.

Thompson (1999, cit. Bravo & Tapia, 2006) afirma que a vinculação estabelecida na infância e o modelo operante interno têm repercussões em diferentes âmbitos da vida do adolescente como a sociabilidade, as predisposições emocionais, a confiança, a curiosidade, a auto-estima, a independência, e a cooperação.

Segundo Kobak (1993, cit. Guedeney & Guedeney, 2004) os adolescentes seguros têm maior facilidade em comunicar com os pais, discutem com a mãe, de maneira mais construtiva assuntos stressantes, revelando menos cólera quando têm pontos de vista

diferentes do que os adolescentes inseguros que percebem a intervenção da mãe como um ataque.

Um estudo realizado por Bravo e Tapia (2006) que tinha como objectivo analisar a relação entre os padrões de vinculação o nível de auto-estima e a depressão em adolescentes, concluiu que os jovens com uma vinculação segura apresentam uma maior auto-estima comparativamente com os adolescentes cujo padrão de vinculação é ansiosa e preocupada. No que se refere à depressão, os adolescentes com vinculação ansiosa apresentam maiores índices de depressão do que os classificados como seguros.

Como já foi referido, a relação com os pares é privilegiada na adolescência. Matos e Costa (2006) verificaram uma correlação, ainda que baixa, entre o padrão de vinculação aos pais e aos pares. A maioria dos adolescentes classificados com um tipo de padrão de vinculação com a mãe obtiveram a mesma classificação com os pares. Tal facto evidencia que existe uma correlação positiva, entre os valores de segurança da relação, com as figuras de vinculação e a dos pares, o mesmo acontecendo para os valores de insegurança. Neste mesmo estudo também foi avaliada a diferença de género. As raparigas obtiveram valores mais elevados na procura de proximidade, ansiedade de separação e valores mais baixos de autonomia no relacionamento com a mãe. No entanto, na globalidade não se registaram diferenças substanciais.

No que se refere ao relacionamento amoroso, estas investigadoras concluíram que os jovens com um padrão de vinculação segura, em relação aos pais, evidenciam uma menor idealização no relacionamento amoroso, em contrapartida os adolescentes mais preocupados e amedrontados na relação com as figuras parentais são aqueles que apresentam uma maior tendência para idealizarem a figura e o relacionamento amoroso.

Uma das explicações poderá ser o facto destes adolescentes terem vivido situações familiares adversas e como mecanismo de protecção tendem a idealizar as figuras parentais, fazendo descrições muito favoráveis, mas estas não estão sustentadas por informação episódica e factual. Este mecanismo poderá ser repetido em relação aos pares.

De acordo com Oliveira e Costa (2005) o processo de internalização dos modelos parentais é afectado pela qualidade das relações de vinculação, e estes modelos assumem-se como modeladores das relações adultas, pois são eles que vão orientar o tipo de relações afectivas que em adulto o adolescente irá estabelecer. Num estudo realizado por estas investigadoras verificou-se que o mais importante é a forma como os filhos percebem a satisfação do exercício do papel parental. Este estudo concluiu ainda, que são os sujeitos

seguros são aqueles que percebem os seus pais como retirando mais satisfação de seu desempenho parental.

Os comportamentos anti-sociais também podem ser influenciados pelo tipo de vinculação. Segundo Van Ijzendoorn (In Fonseca, 2002) problemas de vinculação e relações de vinculação disruptivas podem estar na origem do comportamento agressivo, anti-social e delinvente. No entanto, este autor chama a atenção para o facto da vinculação não ser o único factor promotor deste tipo de comportamentos, uma vez que o comportamento anti-social ou criminoso é francamente influenciado pelo contexto social, factores genéticos e por factores relacionados com a idade.

De acordo com Hirschi (1969) ligações frágeis com professores e figuras de autoridade, assim como, uma falta de identificação com a ordem social e moral podem ter como origem vinculações inseguras entre pais e filhos.

Van Ijzendoorn (In Fonseca, 2002) afirma que ao longo dos anos, vários autores têm vindo a comprovar nos seus estudos que o tipo de vinculação tem influência sobre os comportamentos. Uma vinculação segura contribui para um controlo equilibrado das emoções negativas podendo mesmo estar na origem de uma atitude pró-social, uma vez que existe uma maior tendência para ter sentimentos de empatia e para a interiorização das normas parentais.

Outros estudos relacionam o padrão de vinculação a um comportamento de autoritarismo. Algumas dessas investigações concluíram que as atitudes autoritárias não estão relacionadas com as experiências educativas, outras indicam exactamente o contrário, afirmando que o autoritarismo se encontra, enraizado nas experiências de vinculação. Ambos estudos estão de acordo em que os sujeitos rejeitadores são os mais autoritários e que sujeitos com uma vinculação insegura têm tendência para desvalorizar as suas experiências passadas de vinculação e idealizar as suas figuras parentais (Van Ijzendoorn, In Fonseca, 2002).

A vinculação parece também estar relacionada com comportamentos de saúde. Os resultados de uma investigação realizada por Ribeiro e Sousa (2002) demonstraram que uma vinculação com qualidade está associada a melhores comportamentos de saúde, neste estudo também foram encontradas diferenças em função do género, as raparigas exibiram melhores comportamentos de saúde do que os rapazes.

Domínios da Exclusão Social

A vinculação e as práticas educativas são dois factores que estão interligados e que afectam a qualidade da relação familiar e esta por sua vez influencia o comportamento dos adolescentes. Mas toda a dinâmica familiar ocorre num determinado ambiente que pode afectar a qualidade da relação familiar.

Famílias oriundas de um meio sócio-económico desfavorecido correm um maior risco de exclusão social.

Para definir o conceito de exclusão social Bruto de Costa (1998) sustenta-se na perspectiva de Robert Castel, descrevendo este fenómeno como a fase extrema do processo de marginalização, ao longo do qual se verificam várias rupturas entre o indivíduo e a sociedade, essas rupturas são ao nível do trabalho (desemprego prolongado), familiar e afectivo. Para este autor o conceito de exclusão social abarca a noção de pobreza mas também é aplicável a outras situações que não sendo de pobreza são caracterizadas por rupturas ao nível das relações sociais.

As relações que o indivíduo estabelece com a sociedade passam pelo acesso a um conjunto de sistemas sociais básicos. Bruto da Costa, Baptista, Perista e Carilho (2008) agrupam estes sistemas em cinco domínios: o social, o económico, o institucional, o territorial e o simbólico.

O social refere-se ao conjunto de relações sociais estabelecidas com a família, vizinhos e amigos. O económico traduz-se nos mecanismos geradores de rendimentos (emprego, subsídios, crédito), no acesso a bens e serviços (alimentação, vestuário, saúde, habitação, educação) e na educação/formação (nível de escolaridade, sucesso escolar, acesso à formação). O institucional refere-se ao acesso à cultura e lazer, informação e à cidadania política (acesso ao voto, acesso à nacionalidade). O territorial está ligado às condições de habitabilidade e as características dos espaços habitacionais. Por último o simbólico refere-se às referências identitárias e construção das memórias individual e colectiva (reconhecimento pessoal e colectivo, auto-estima, auto-confiança, sentido de pertença).

As rupturas nestes domínios são factores de exclusão social. O acesso a estes sistemas pode ser mais ou menos satisfatório, razão pela qual existem graus de exclusão social, logo nem toda a forma de exclusão se traduz na falta de acesso a todos os sistemas sociais básicos (Bruto da Costa, 1998).

No âmbito desta perspectiva é legítimo falarmos em risco de exclusão social. A ruptura com alguns sistemas sociais ou ainda o nível em que essa ruptura é feita pode colocar

o indivíduo numa situação de fragilidade social podendo dar origem a um processo de marginalização.

Os adolescentes oriundos de meios familiares, onde se verificam rupturas com alguns dos sistemas sociais básicos e que eles, de forma directa, já vivenciam (insucesso escolar, abandono escolar, problemas comportamentais com as instituições sociais, práticas de crime, etc.) encontram-se numa situação mais favorável de desencadear um processo de marginalização, logo em risco de exclusão social.

O objectivo desta investigação é aprofundar o conhecimento da relação familiar de adolescentes em risco de exclusão social. Será estudada a percepção que o adolescente tem da relação familiar e do padrão de vinculação em função do género, da origem cultural, do número de retenções escolares, dos comportamentos anti-sociais, da estrutura familiar, do rendimento familiar, do tipo de habitação e dos limites definidos pelos pais/encarregados de educação.

A percepção que os adolescentes têm das características da sua dinâmica familiar poderão ajudar-nos a compreender melhor os seus comportamentos e a definir estratégias de intervenção para promover a inclusão social.

Método

Delineamento

Trata-se de um estudo exploratório, comparativo e transversal. Pretende-se aprofundar o conhecimento sobre a relação familiar em adolescentes que se encontram em risco de exclusão social (grupo de estudo) comparando-os com um grupo de adolescentes que não apresentam esta problemática (grupo de controlo). Os sujeitos da amostra do grupo de estudo apresentam características como abandono escolar, problemas comportamentais no recinto escolar, são oriundos de meios sócio-económicos desfavorecidos e em alguns casos são autores de crime.

A presente investigação pretende ainda averiguar se existem diferenças significativas da percepção familiar e do padrão de vinculação em função do género, da origem cultural (caucasiana, africana, mista e cigana), do número de retenções escolares, dos comportamentos anti-sociais, da estrutura familiar, do rendimento familiar, do tipo de habitação e dos limites definidos pelos pais/encarregados de educação.

Material

O protocolo da avaliação foi constituído pelos seguintes instrumentos:

Questionário de Caracterização da Amostra

O Questionário de Caracterização da Amostra (Anexo A) visa obter informações sobre aspectos demográficos e da relação familiar no grupo de estudo e no de controlo.

Este instrumento foi construído de raiz. Para a sua construção seguiu-se a orientação metodológica de Botelho (2003), sobretudo para as questões demográficas.

O questionário apresenta quatro partes, a primeira intitulada Caracterização Geral do Adolescente refere-se a dados demográficos, a segunda (Caracterização da Família) recolhe dados sobre características gerais do agregado familiar, a terceira denominada Caracterização Específica do Adolescente explora aspectos comportamentais e por último o Relacionamento Familiar aborda aspectos da relação do adolescente com a família.

EPRF - Escala de Percepção da Relação com a Família (Peixoto, 1999)

A Escala de Percepção da Relação com a Família (Anexo B) permite avaliar a relação que os adolescentes têm com os progenitores. A escala é composta por 35 itens distribuídos por 5 dimensões: autonomia, aceitação, suporte afectivo, suporte nas tarefas escolares e expectativas.

A dimensão da autonomia é avaliada através dos itens 11, 16, 1, 26, 21, 6 e 31; a de aceitação com os itens 9, 29, 34, 19, 24, 14, 4 e 24; o suporte afectivo através dos itens 12, 27, 17, 7, 32 e 2; o suporte nas tarefas escolares com os itens 13, 28, 18, 8, 33, 3, e 23 e a das expectativas com os itens 15, 30, 5, 10, 20, 35 e 25.

A dimensão da autonomia procura avaliar a percepção que o sujeito tem do grau de controlo exercido pela família e da sua participação nas decisões familiares que o afectam; na dimensão da aceitação os itens pretendem avaliar o grau de aceitação que o sujeito sente por parte da família; o suporte afectivo procura avaliar em que medida o sujeito sente que pode contar com a família na resolução de problemas com que se confronta; o suporte nas tarefas escolares visa avaliar em que medida o sujeito sente que a família acompanha, incentiva e apoia a sua vida na escola e na dimensão das expectativas os itens pretendem avaliar a percepção que o sujeito tem do que a sua família pensa acerca das suas capacidades, e do que poderá vir a ser ou a fazer (Peixoto, 1999).

O formato dos itens permite identificar dois grupos de sujeitos. O avaliado deve, inicialmente, identificar-se com um dos grupos e seguidamente dizer se é exactamente assim ou se é mais ou menos assim.

Na figura que se segue pode visualizar-se o formato dos itens.

	Exactamente como eu	Como eu	Diferente de mim	Completamente diferente de mim
a) Alguns jovens gostam de ir ao cinema nos tempos livres.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

Figura 1 - Item da Escala de Percepção da Relação com a Família

As respostas são cotadas de 1 a 4, correspondendo 1 a uma percepção de relação com a família menos positiva e 4 a uma percepção de relação com a família mais positiva.

No que se refere às qualidades psicométricas, as dimensões desta escala apresentam valores de consistência interna que variam entre 0.76 e 0.86. Para o total da escala o valor é de 0.94. A correlação do total da escala com a questão colocada no final para avaliar a qualidade da relação com a família foi de 0.61. Todas as dimensões apresentam valores de correlação de 0.60 ou muito próximos, à excepção da suporte nas tarefas escolares que apresentou o valor de associação mais baixo (0.28) (Peixoto, 1999).

IVIA - Inventário sobre a Vinculação para a Infância e Adolescência – Versão de Auto-Avaliação (Carvalho, Soares & Baptista, 2006)

O Inventário sobre a Vinculação para a Infância e Adolescência – Versão de Auto-Avaliação (Anexo C) permite identificar o padrão de vinculação (vinculação segura, ansiosa/ambivalente e evitante) predominante no adolescente.

O inventário é composto por 37 itens, com um formato de resposta numa escala de tipo Likert de 5 pontos, onde 1 corresponde a Nunca, 2 a Algumas Vezes, 3 a Muitas vezes, 4 a Quase Sempre e 5 a Sempre.

Na figura que se segue pode visualizar-se o formato dos itens.

1	2	3	4	5
Nunca	Algumas Vezes	Muitas Vezes	Quase Sempre	Sempre
1. Preocupo-me se tiver que depender de outras pessoas.....1 2 3 4 5				

Figura 2 - Item do Inventário sobre a Vinculação para a Infância e Adolescência – Versão de Auto-Avaliação

Os 37 itens estão distribuídos por 3 dimensões: vinculação segura, ansiosa/ambivalente e evitante. Dos 37 itens serão avaliados apenas 24, estando cada dimensão representada pelos 8 itens com os valores de saturação mais elevados e por isso terem sido os seleccionados para a versão final deste instrumento.

Cada dimensão é representada por 8 itens. A vinculação segura é avaliada através dos itens 8, 10, 15, 16, 17, 31, 32 e 33 a ansiosa/ambivalente com os itens 4, 9, 11, 18, 22, 29, 30 e 37, por último a vinculação evitante está representada com os itens 1, 2, 3, 13, 19, 21, 24 e 28. Um maior número de pontos numa determinada dimensão corresponde a uma maior frequência de comportamentos de vinculação em questão.

As qualidades psicométricas revelaram-se adequadas, apresentando consistência interna (alfa Cronbach) superiores a 0.70 nas três dimensões (Carvalho, 2007).

Procedimento

Inicialmente foi solicitada uma reunião à directora dum Centro de Formação Profissional da Santa Casa da Misericórdia de Lisboa para pedir a autorização da participação dos formandos deste Centro neste estudo, foi apresentado o objectivo da investigação assim como os instrumentos de recolha de dados.

A escolha deste local deveu-se ao facto de este centro ser frequentado por jovens cujo percurso é indicador de risco de exclusão social.

Para além do auto-preenchimento dos instrumentos, foi também solicitada a consulta dos processos dos menores de forma a recolher dados para o questionário da caracterização da amostra, que não seriam perguntados directamente aos participantes, garantindo sempre a confidencialidade e o anonimato.

Assim, os dados da segunda parte (Caracterização da Família) e da terceira parte (Caracterização Específica do Adolescente) do Questionário da Caracterização da Amostra (Anexo A) não foram recolhidos através de auto-preenchimento mas sim com a consulta dos processos individuais.

Na reunião de fim de primeiro período de formação, com os encarregados de educação dos adolescentes, a investigadora fez uma breve explicação dos objectivos do estudo, assim como dos dados que seriam recolhidos, procedeu-se também à entrega da carta de consentimento informado (Anexo D), obtendo assim a autorização dos encarregados de educação para a participação dos seus educandos. Os encarregados de educação que faltaram à reunião foi-lhes enviado, através dos seus educandos, a carta de consentimento informado, a qual assinaram e devolveram.

Só participaram na investigação os jovens cujos encarregados de educação autorizaram e se mostraram disponíveis para fazê-lo. De uma população de 100 jovens a amostra foi constituída por 60 sujeitos.

A fase que se seguiu foi a recolha de dados que foi efectuada em Janeiro de 2008. Tendo em conta que o grupo de estudo é constituído por 60 elementos e atendendo que estes estão distribuídos por 4 turmas com 15 jovens cada, a aplicação dos instrumentos foi feita em quatro momentos, uma vez que os instrumentos permitem que a recolha possa ser feita em grupo.

Para o grupo de controlo o procedimento foi semelhante, foi contactado por meio de uma carta (Anexo E), o Conselho Executivo de uma escola pública da área geográfica do local de recolha do grupo de estudo e foi apresentado o objectivo da investigação e os respectivos instrumentos de recolha de dados.

Foi explicado à escola que os participantes fariam parte de um grupo de controlo pelo que não podiam apresentar características no âmbito do domínio da exclusão social. Tendo em conta este requisito, o Conselho Executivo indicou três turmas, assegurando que os alunos pertenciam a um meio socioeconómico médio e que não estavam sinalizados a nenhuma instituição da rede social. A escola não autorizou a consulta directa dos processos

individuais, razão pela qual não tivemos acesso às profissões dos encarregados de educação, ao rendimento familiar e ao tipo de habitação. Também não fomos autorizados a recolher estas informações junto da amostra. De forma a recolher os elementos do agregado familiar e número de retenções, foi feita uma alteração no Questionário da Caracterização da Amostra, onde estas questões passaram a fazer parte das de auto-preenchimento.

Após a autorização do conselho executivo para a recolha de dados, a investigadora participou na reunião de encarregados de educação de final do 2º período explicando o objectivo da investigação e solicitando a autorização. Para aqueles educandos cujos encarregados de educação não compareceram à reunião foi enviada, através da caderneta escolar a carta de consentimento informado. Também para este grupo só foi permitida a participação daqueles que tinham autorização e que mostraram interesse em colaborar.

A recolha foi feita em 3 turmas do 9º ano. Na primeira turma participaram 12 jovens, na segunda 8 e na terceira 10.

A aplicação do protocolo de avaliação foi semelhante para os dois grupos. Iniciou-se a recolha dos dados com uma breve explicação sobre os objectivos do estudo e uma vez mais foi dito que as respostas eram anónimas e confidenciais. Seguidamente foram distribuídos os instrumentos, o primeiro foi o Questionário da Caracterização da Amostra, pediu-se que de forma individual respondessem aos itens apresentados e foi disponibilizada ajuda no caso de terem alguma dificuldade em compreender alguns dos itens.

Seguidamente foi aplicada a Escala de Percepção da Relação com a Família (Peixoto, 1999). A explicação para o preenchimento foi a seguinte: “Neste questionário vão encontrar uma série de questões, e terão que escolher uma das quatro das alternativas de respostas apresentadas. Vejamos a primeira questão “Alguns jovens gostam de ir ao cinema nos tempos livres”, se acharem que são como estes jovens devem escolher “Exactamente como eu” ou “Como eu”, consoante o grau de identificação. Se acharem que não são como eles devem escolher a alternativa “Diferente de mim” ou “Completamente diferente de mim”, uma vez mais consoante o grau de identificação.

Após a conclusão do preenchimento deste instrumento, foi apresentado o Inventário sobre a Vinculação para a Infância e Adolescência – Versão de Auto-Avaliação (Carvalho, Soares & Baptista, 2006). Para este instrumento foi lida em voz alta a instrução que está escrita no inventário que é a seguinte: “Seguidamente vão encontrar um conjunto de afirmações que descrevem características que as pessoas podem apresentar. Lê cada uma delas e assinala com uma cruz o número que melhor te descreve, utilizando a escala

apresentada, onde 1 corresponde a Nunca, 2 a Algumas Vezes, 3 a Muitas vezes, 4 a Quase Sempre e 5 a Sempre”.

Durante a aplicação dos instrumentos foram esclarecidas dúvidas dos jovens que apresentaram dificuldades na compreensão de alguns conceitos.

Participantes

Grupo de Estudo

O grupo de estudo é constituído por 60 adolescentes, que frequentam um Centro de Formação Profissional da Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, em Benfica. Os participantes constituíram uma amostra de conveniência.

O questionário aplicado aos sujeitos permitiu fazer uma caracterização sócio-demográfica da amostra.

Dos 60 sujeitos, 52% são do sexo feminino e 48% do sexo masculino.

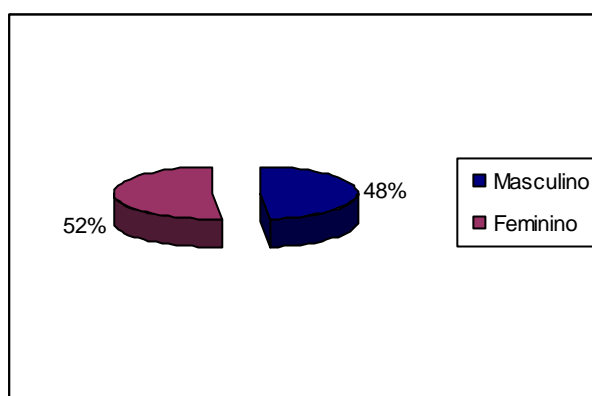


Figura 3 - Distribuição do Grupo de Estudo em função do Género

As idades variam entre os 14 e os 18 anos de idade, sendo a idade dos 15 a que tem maior representação (31,66%), seguida da dos 17 anos (26,66%). Existem 21,66% sujeitos que têm 16 anos e 13,33% com 14 anos. A idade com menor representação é a dos 18 (6,66%).

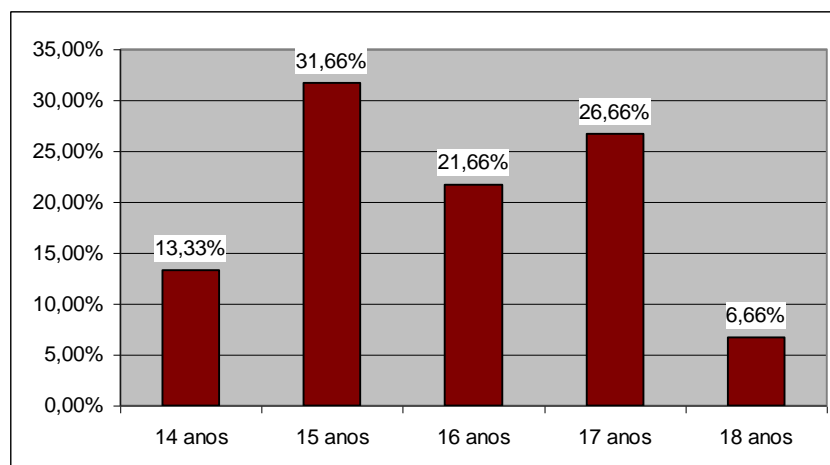


Figura 4- Distribuição do Grupo de Estudo por Idades

Quanto à origem cultural, pode-se verificar que a maioria é caucasiana (51.66%), 20% são negros, 10% são de origem cultural mista (mistura de mais de uma raça) e 18,33% são de etnia cigana.

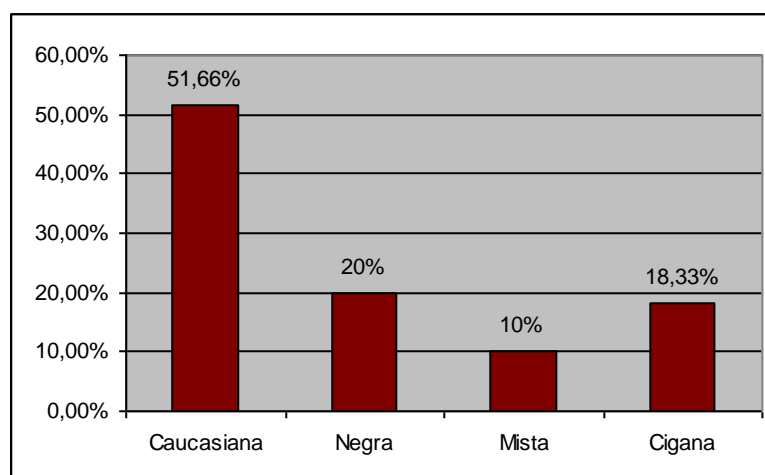


Figura 5- Distribuição do Grupo de Estudo por Origem Cultural

Os sujeitos deste grupo de estudo pertencem a famílias oriundas de um meio sócio-económico desfavorecido, 50% são beneficiárias do Rendimento Social de Inserção (RSI) e a maioria (68,33%) tem um rendimento familiar entre os 300 e 500 euros, 26,66% destas famílias têm um rendimento entre os 500 e os 1000 euros, 3,33% tem menos de 300 euros e 1,66% tem um rendimento entre 1000 e 1500 euros.

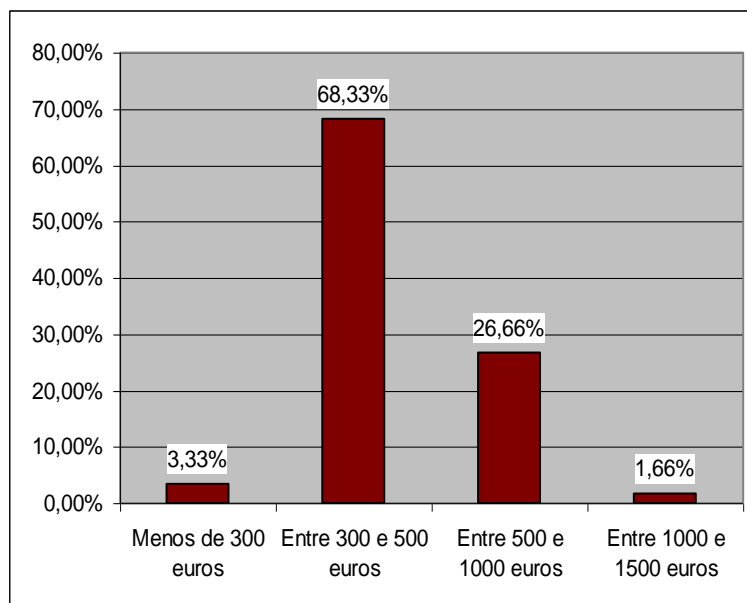


Figura 6- Rendimento Familiar por mês das Famílias do Grupo de Estudo

No que se refere ao tipo de habitação, 46,66% famílias habitam numa habitação camarária, 30% numa casa alugada, 15% em casa própria e 8,33% em cada denominada por abarracada por não ter as condições necessárias à habitabilidade condigna.

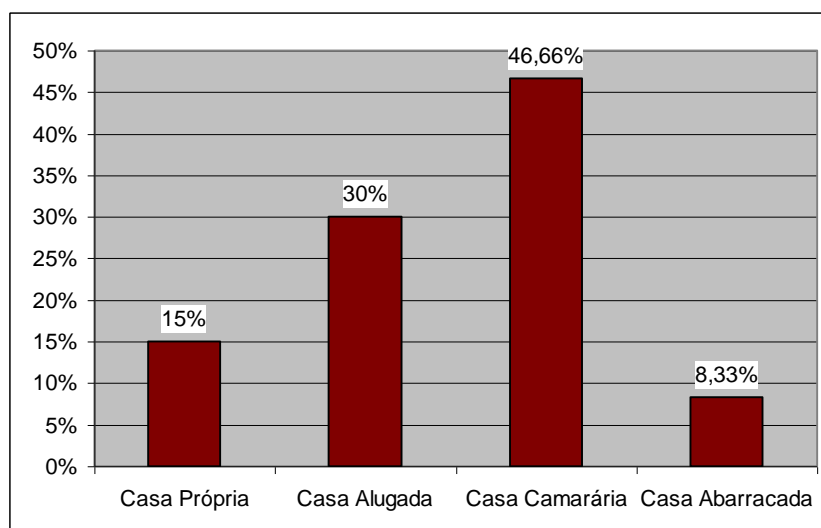


Figura 7- Tipo de Habitação das Famílias do Grupo de Estudo

Quanto ao agregado familiar, 38,3% vive com os progenitores, 46,7% coabita apenas com uma das figuras parentais (40% com a mãe e 6,7% com o pai) e 15% não mora com nenhum dos seus progenitores. A maioria destas famílias é numerosa ($M= 4,66$; $DP=1,53$), tendo 50% dos agregados mais de 4 elementos.

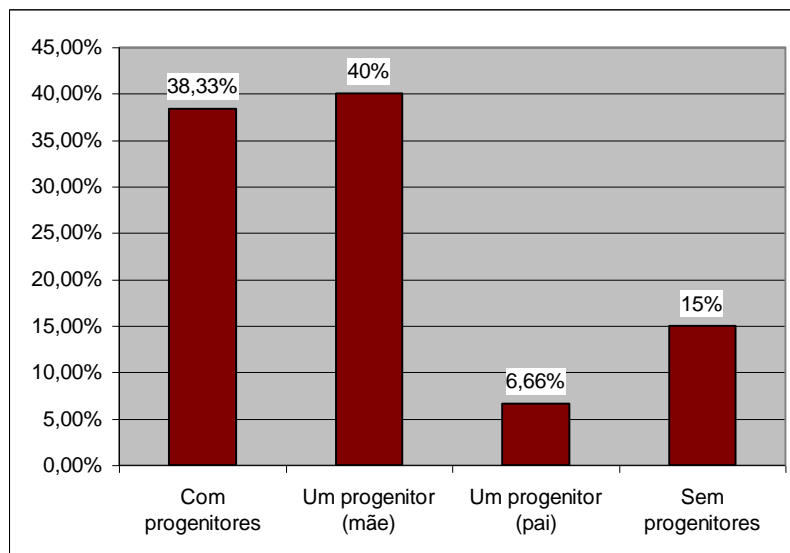


Figura 8 - Tipo de Estrutura Familiar dos Sujeitos do Grupo de Estudo

Todos estes jovens tiveram um comportamento absentista quando frequentavam a escola do ensino regular tendo acabado por fazer abandono escolar antes de completar a escolaridade obrigatória, 36,66% ficaram retidos 3 vezes, 22,33% tiveram 4 retenções, 21,66% ficaram retidos por 2 vezes, 8,33% tiveram 5 retenções, 5% ficaram retidos 6 vezes e o mesmo valor percentual foi apresentado para uma retenção.

A duração do abandono escolar foi de um ano para 41,66% dos sujeitos. Após este tempo foram enquadrados num ensino de formação profissional.

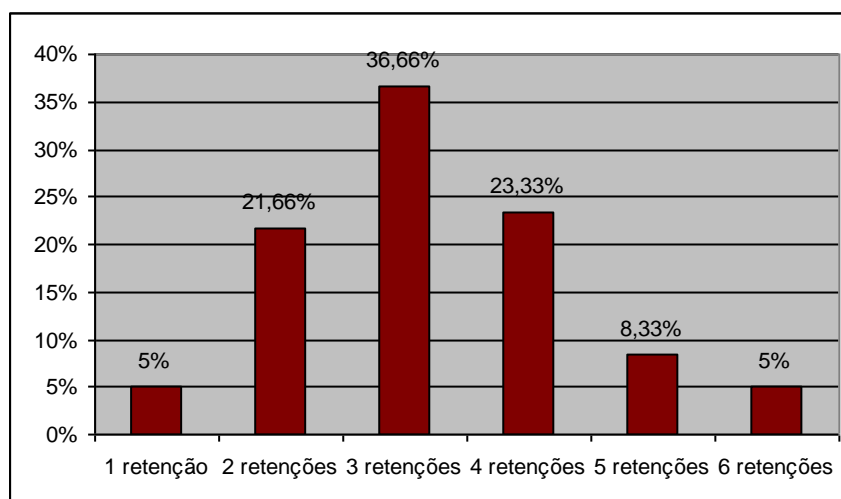


Figura 9 - Número de Retenções Escolares do Grupo de Estudo

A prática de comportamentos anti-sociais foi também registada, dos jovens que revelaram este comportamento 51% tiveram problemas de comportamento com professores que se traduziam em atitudes incorrectas em sala de aula e desrespeito pelo professor, 27% foram autores de agressões e/ou extorsões a colegas e 15% cometeram actos de vandalismo. A prática de crime foi verificada em 7% dos elementos deste grupo. Foram sinalizados à Comissão de Protecção de Crianças e Jovens em Risco um total de 41,7% jovens e 33,3% tem um processo em tribunal.

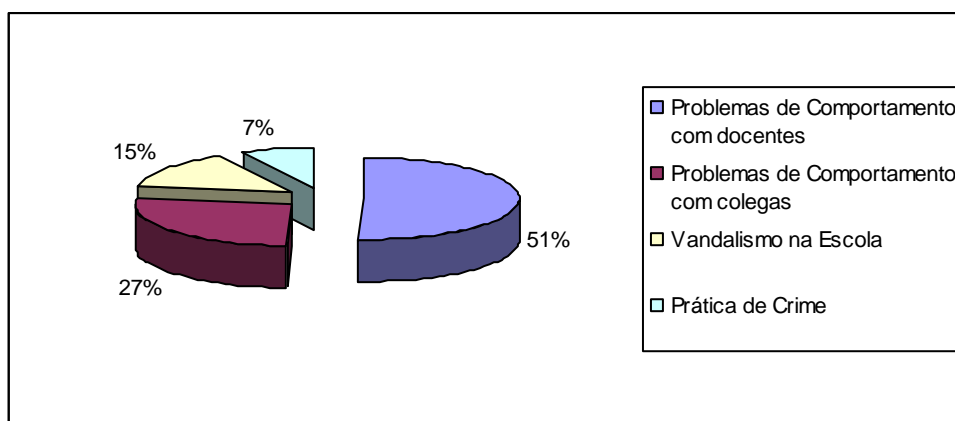


Figura 10 - Tipo de Comportamentos Anti-sociais praticados pelo Grupo de Estudo

Estes jovens frequentam actualmente um curso de formação profissional, 28,3% frequentam os cursos de Educação Formação ministrados segundo os referenciais do IIEFP – Instituto de Emprego e Formação Profissional – nas áreas de carpintaria e cozinha e 71,7% frequentam o PIEF – Programa Integrado de Educação e Formação – este programa é uma medida que foi criada no âmbito do PETI (Programa para Prevenção e Eliminação da Exploração do Trabalho Infantil) e regulamentada pelo Despacho Conjunto 948/2003, de 26 de Setembro, do Ministério da Educação e do Ministério do Trabalho e da Solidariedade Social.

Esta medida é aplicada apenas quando nenhuma outra das ofertas educativas e formativas se revelou adequada ou foi aceite pelos jovens. O PIEF destina-se a menores com idade igual ou superior a 15 anos, sinalizados pelas entidades competentes por se encontrarem em situações de risco - trabalho infantil, absentismo ou abandono escolar. O seu principal objectivo é permitir o cumprimento da escolaridade obrigatória através da frequência de cursos de tipologia 1 que certificam os jovens com o 6º ano de escolaridade e de tipologia 2 que conferem uma certificação de 9º ano. As áreas formativas nesta modalidade formativa são de pastelaria, costura e carpintaria.

Grupo de Controlo

O grupo de controlo é constituído por 40 sujeitos, que frequentam uma Escola Básica dos 2º e 3º ciclos em Benfica. Esta amostra é também de conveniência. Dos 40 participantes, a maioria é do género masculino (60%) e 40% são do sexo feminino.

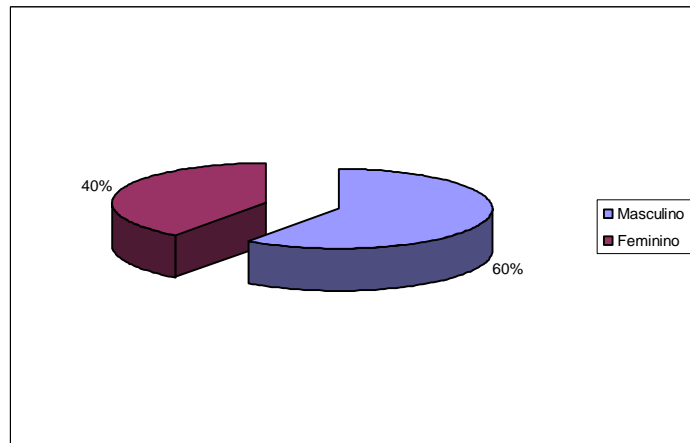


Figura 11 - Distribuição do Grupo de Controlo em função do Género

Têm idades compreendidas entre os 14 e os 18 anos de idade, a maioria dos sujeitos deste grupo tem 14 anos (45%), 30% tem 15 anos, 17,5% tem 16 anos. As idades com menor representação são a dos 17 e 18 anos de idade, com 5% e 2,5% respectivamente.

Destes 40 adolescentes, todos à excepção de um, que é negro, são caucasianos.

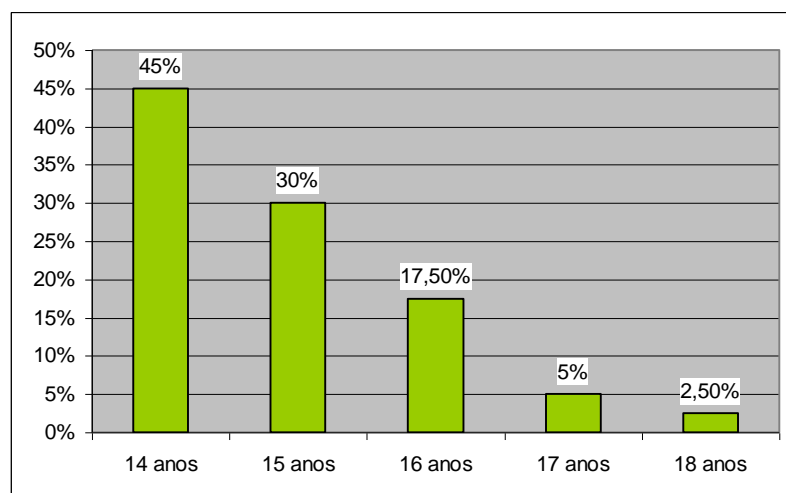


Figura 12 - Distribuição do Grupo de Controlo por Idades

A maioria (85%) destes jovens coabita com os progenitores, 12,5% vive apenas com a mãe e 2,5% não coabita com nenhum dos progenitores. O número dos elementos do agregado familiar é em média de 3,65 (DP=0,76).

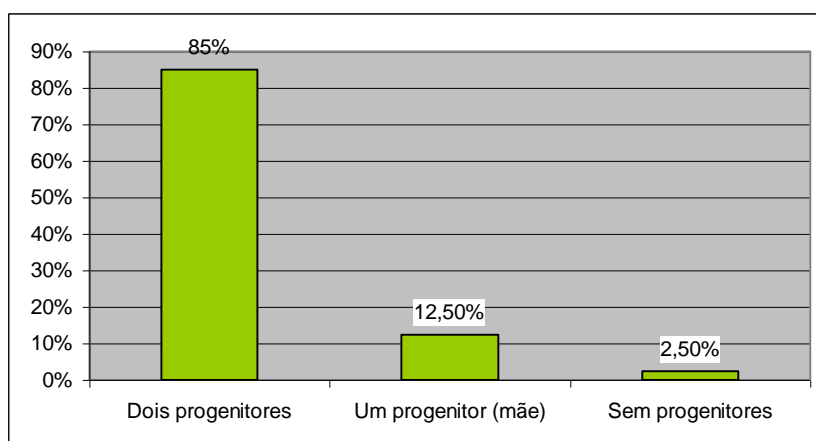


Figura 13 -Tipo de Estrutura Familiar dos Sujeitos do Grupo de Controlo

Todos os adolescentes deste grupo frequentam o 9º ano de escolaridade e a maioria (62,5%) nunca ficou retida e 22,5% ficaram retidos uma vez.

Os participantes não apresentam problemas de comportamento significativos no recinto escolar e nenhum está sinalizado a Comissão de Protecção de Crianças e Jovens em Risco nem tem processo em tribunal.

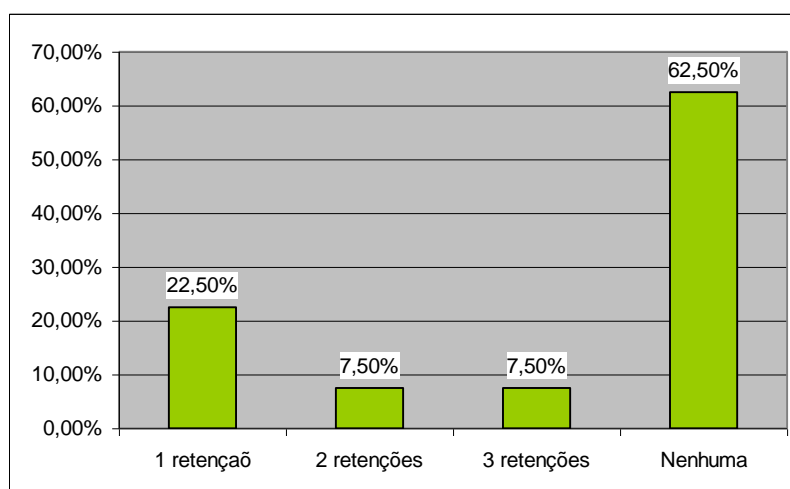


Figura 14 -Número de Retenções Escolares do Grupo de Controlo

Resultados

Seguidamente faremos a apresentação dos resultados. Será feita a comparação dos resultados da EPRF e do IVIA entre os dois grupos da investigação. Serão também analisadas, no grupo de estudo, as variáveis género, origem cultural, número de retenções escolares, problemas de comportamento com professores, problemas de comportamentos com colegas, estrutura familiar, rendimento familiar, tipo de habitação e os limites definidos pelos pais/encarregados de educação, de forma a perceber se os resultados da EPRF e do IVIA apresentam diferenças significativas em função destas variáveis. Para fazer esta análise recorreu-se à estatística inferencial utilizando os testes mais adequados em função da distribuição dos dados.

Para todos os testes estatísticos o nível de significância utilizado foi o de 0,05.

Por último é apresentada a consistência interna dos instrumentos utilizados. Esta análise foi feita através do Alpha de Cronbach, uma vez que esta medida possibilita avaliar a fidelidade do instrumento, permitindo constatar até que ponto um conjunto de itens é homogéneo e o grau em que a medida é consistente ou encontra-se livre de erro aleatório.

Para todo o tratamento estatístico utilizou-se o software SPSS (v. 15; SPSS Inc, Chicago IL).

Seguidamente são apresentados os resultados obtidos pelo grupo de estudo (n=60) e pelo grupo de controlo (n=40) na EPRF. No quadro 1 é possível verificar que os sujeitos em risco de exclusão social apresentaram valores mais baixos na maioria das dimensões desta escala. Na dimensão Autonomia os valores médios são iguais (M=2,48), na Aceitação o grupo de estudo apresenta um valor médio ligeiramente inferior (M=2,41) ao do grupo de controlo, no Suporte Afectivo esta diferença é também evidenciada, os sujeitos em risco de exclusão social apresentam um valor médio de 2,65 e os do grupo de controlo de 2,69. Na dimensão de Suporte Escolar a diferença entre os grupos é mais expressiva, mas uma vez mais é o grupo de controlo que apresenta o valor médio mais elevado (M=2,79) comparativamente com o grupo de estudo (M=2,61). Por último, na dimensão das Expectativas a amostra dos adolescentes em risco de exclusão social apresenta também um valor médio mais baixo (M=2,46) que a amostra do grupo de controlo (M=2,47), no entanto a diferença é muita reduzida.

Quadro 1 – Valores Médios da EPRF no Grupo de Estudo e no Grupo de Controlo

Dimensões da EPRF / Grupos	Mean	Std. Deviation
Autonomia	Estudo	2,4881
	Controlo	,53016
Aceitação	Estudo	2,4821
	Controlo	,32783
Suporte Afectivo	Estudo	2,4146
	Controlo	,44059
Suporte Escolar	Estudo	2,4250
	Controlo	,25758
Expectativas	Estudo	2,6556
	Controlo	,47821
Suporte Escolar	Estudo	2,6958
	Controlo	,32879
Expectativas	Estudo	2,6119
	Controlo	,39109
Suporte Escolar	Estudo	2,7929
	Controlo	,17704
Expectativas	Estudo	2,4619
	Controlo	,42604
Suporte Escolar	Estudo	2,4750
	Controlo	,22504

Para se averiguar se as diferenças das médias são significativas recorreu-se à Estatística Inferencial. O teste adequado para testar duas ou mais amostras independentes é o Anova One-Way, no entanto este teste tem dois pressupostos (Normalidade e Homogeneidade de Variâncias) que precisam ser verificados. Na amostra com dimensão inferior a 50 (grupo de controlo) o teste de normalidade mais adequado é o Shapiro-Wilk para a do grupo de estudo (n=60) aplicou-se o Kolmogorov-Smirnov.

Uma vez que os pressupostos não se verificaram, pois a maioria dos *p-values* é inferior a 0,05, logo a distribuição dos dados não segue normal (ver Anexo F), procedeu-se à aplicação de um Teste Não Paramétrico indicado para comparar duas amostras independentes. O Teste Wilcoxon Mann-Whithney permitiu verificar que a dimensão Suporte Escolar foi a única onde se registaram diferenças significativas entre os dois grupos ($p=0,009$). Sendo o grupo de estudo aquele que tem significativamente menos suporte escolar comparativamente com o grupo de controlo. Nas outras dimensões não se registaram diferenças significativas entre os dois grupos (Autonomia $p= 0,946$; Aceitação $p= 0,773$; Suporte Afectivo $p= 0,624$; Expectativas $p= 0,943$) (ver Anexo F).

Os resultados do IVIA revelaram, também diferenças nos valores médios entre os dois grupos. Os adolescentes em risco de exclusão social exibiram os valores médios mais altos nas dimensões da Vinculação Ansiosa/Ambivalente e Evitante, o grupo de controlo obteve o valor médio mais elevado na dimensão da Vinculação Segura (Quadro 2).

O grupo de controlo apresenta uma média mais elevada (M=4,01) na Vinculação Segura comparativamente com grupo de estudo (M=3,80). Na Vinculação Ansiosa/Ambivalente a média mais elevada é apresentada pelos sujeitos em risco de exclusão social (M=2,73), os sujeitos do grupo de controlo revelaram um valor médio mais baixo

($M=2,36$). Na Vinculação Evitante também se verificou esta diferença nas médias, o grupo de controlo exhibe um valor ligeiramente inferior ($M=3,00$) comparativamente com o grupo de estudo ($M=3,05$).

Apesar destas diferenças ambos os grupos seguem a mesma tendência nas médias, isto é, o valor médio mais alto é exibido na Vinculação Segura, seguido da Evitante e por último a Ansiosa/Ambivalente.

Quadro 2 – Valores Médios do IVIA no Grupo de Estudo e no Grupo de Controlo

Dimensões do IVIA / Grupos	Mean	Std. Deviation
Vinculação Segura	Estudo	3,8072
	Controlo	4,0125
Vinculação Ansiosa/Ambivalente	Estudo	2,7333
	Controlo	2,3656
Vinculação Evitante	Estudo	3,0542
	Controlo	3,0000

Para verificar as diferenças estatisticamente significativas seguiu-se o procedimento descrito anteriormente. Uma vez mais não se verificaram os pressupostos (Normalidade) para a aplicação de um Teste Paramétrico (ver Anexo F), pelo que se recorreu ao Teste Wilcoxon Mann-Whitney, através do qual foi possível verificar que os sujeitos em risco de exclusão social são aqueles que na Vinculação Segura apresentam um valor significativamente superior, comparativamente com os sujeitos do grupo de controlo ($p=0,035$).

Nas outras dimensões não foram encontradas diferenças significativas entre os grupos (Vinculação Segura $p=0,150$; Vinculação Evitante $p=0,941$) (ver Anexo F).

Os resultados obtidos na EPRF pelo grupo de estudo em função da variável género, revelaram a existência de diferenças nos valores médios nas distintas dimensões da escala (Quadro 3). O género feminino ($n=31$) apresentou médias mais elevadas na Autonomia ($M=2,59$), na Aceitação ($M=2,42$), no Suporte Escolar ($M=2,63$) e nas Expectativas ($M=2,56$). A dimensão Suporte Afectivo foi a única em que o género masculino ($n=29$) revelou um valor médio mais elevado ($M=2,75$) comparativamente com o género feminino ($M=2,56$).

Quadro 3 – Valores Médios da EPRF em função do Género no Grupo de Estudo

Dimensões da EPRF / Género		Mean	Std. Deviation
Autonomia	Masculino	2,3744	,54320
	Feminino	2,5945	,50318
Aceitação	Masculino	2,4009	,57997
	Feminino	2,4274	,25976
Suporte Afectivo	Masculino	2,7529	,52444
	Feminino	2,5645	,41872
Suporte Escolar	Masculino	2,5911	,41601
	Feminino	2,6313	,37211
Expectativas	Masculino	2,3498	,47929
	Feminino	2,5668	,34500

Para apurar a existência de diferenças significativas seguiu-se o procedimento supra citado e pelas mesmas razões utilizou-se o Teste Wilcoxon Mann-Whitney (ver Anexo G).

Foi possível constatar que na dimensão Autonomia as raparigas revelaram valores significativamente superiores ($p=0,047$) comparativamente com os rapazes. O mesmo acontecendo na dimensão Expectativas ($p=0,026$). Nas outras dimensões não foram encontradas diferenças significativas (Aceitação $p=0,858$; Suporte Afectivo $p=0,101$; Suporte Escolar $p=0,846$)(ver Anexo G).

Seguidamente foi investigado se existiam diferenças nos resultados obtidos no IVIA em função do género neste grupo.

No quadro 4 é possível observar que a Vinculação Segura é a que apresenta em ambos os géneros um valor médio mais elevado e a Vinculação Ansiosa/Ambivalente o valor médio mais baixo. Na dimensão Vinculação Segura as raparigas exibiram uma média superior ($M=3,82$) à dos rapazes ($M=3,78$). Na Vinculação Ansiosa/Ambivalente o género feminino também apresentou um valor médio superior ($M=2,75$) comparativamente com o género masculino ($M=2,70$). Por último, na Vinculação Evitante esta tendência repetiu-se, tendo apresentado as raparigas uma média de 3,12 e os rapazes de 2,97.

Quadro 4 – Valores Médios do IVIA em função do Género no Grupo de Estudo

Dimensões do IVIA / Grupos	Mean	Std. Deviation
Vinculação Segura	Masculino	3,7857
	Feminino	3,8266
Vinculação Ansiosa/Ambivalente	Masculino	2,7069
	Feminino	2,7581
Vinculação Evitante	Masculino	2,9741
	Feminino	3,1290

Para constatar se estes valores médios são significativos seguiu-se o procedimento habitual e neste caso foi possível utilizar o Teste Paramétrico Anova One-Way, pois os pressupostos de normalidade e de homogeneidade foram aceites, uma vez que todos os *p-values* apresentaram valores superiores a 0,05 nos Testes de Normalidade (Kolmogorov-Smirnov e Shapiro-Wilk) e no de Homogeneidade (Levene). Para consultar estes valores ver outputs no Anexo G.

Através deste teste foi possível constatar que as diferenças nos valores médios não se revelaram significativas, logo nenhuma das dimensões da Vinculação é afectada significativamente pelo género dos adolescentes em risco de exclusão social (Vinculação Segura $p=0,929$; Vinculação Ansiosa/Ambivalente $p=0,823$; Vinculação Evitante $p=0,374$) (ver Anexo G).

A variável género foi também analisada no grupo de controlo. No quadro 5 podemos visualizar que os resultados obtidos na EPRF por este grupo revelaram que o género masculino ($n=24$) tem valores médios mais elevados em todas as dimensões, à excepção da Aceitação, comparativamente com o género feminino ($n=16$), contrariamente ao que se verificou no grupo de estudo, onde as raparigas exibiram médias mais elevadas na maioria das dimensões, apenas no Suporte Afectivo os rapazes revelaram um valor médio superior.

Quadro 5 – Valores Médios da EPRF em função do Género no Grupo de Controlo

Dimensões da EPRF / Género	Mean	Std. Deviation
Autonomia	Masculino	2,5179
	Feminino	2,4286
Aceitação	Masculino	2,4115
	Feminino	2,4453
Suporte Afectivo	Masculino	2,7083
	Feminino	2,6771
Suporte Escolar	Masculino	2,8155
	Feminino	2,7589
Expectativas	Masculino	2,4881
	Feminino	2,4554

No entanto, neste grupo não foram encontradas diferenças significativas em nenhuma das dimensões da EPRF (Autonomia $p=0,296$; Aceitação $p=0,209$; Suporte Afectivo $p=0,572$; Suporte Escolar $p=0,340$; Expectativas $p=0,833$). Para constatar este facto foi utilizado o teste Wilcoxon Mann-Whitney depois de se ter seguido o procedimento habitual para a sua aplicação (ver Anexo G).

Os resultados obtidos no IVIA em função do género (Quadro 6) revelaram que a Vinculação Segura é a que apresenta os valores médios mais elevados e Vinculação Ansiosa/Ambivalente os mais baixos, tal como aconteceu no grupo de estudo. No que se refere à diferença entre género, neste grupo as raparigas exibiram médias mais elevadas na Vinculação Segura ($M=4,42$) e na Vinculação Ansiosa ($M=2,46$) comparativamente com os rapazes, estes obtiveram um valor médio superior na Vinculação Evitante ($M=3,04$), contrariamente ao que aconteceu no grupo de estudo que em todas as dimensões os rapazes apresentaram os valores mais baixos.

Quadro 6 - Valores Médios do IVIA em função do Género no Grupo de Controlo

Dimensões do IVIA / Grupos	Mean	Std. Deviation
Vinculação Segura	Masculino	3,7396
	Feminino	4,4219
Vinculação Ansiosa/Ambivalente	Masculino	2,2969
	Feminino	2,4688
Vinculação Evitante	Masculino	3,0417
	Feminino	2,9375

Após a aplicação do Teste Wilcoxon Mann-Whithney, foi possível verificar que existem diferenças significativas na Vinculação Segura. As raparigas deste grupo exibem valores significativamente superiores ($p=0,005$) comparativamente com os rapazes. Nas outras dimensões não foram encontradas diferenças significativas (Vinculação Ansiosa/Ambivalente $p=0,846$; Vinculação Evitante $p=0,698$).

Para a utilização desta estatística de teste foram seguidos os procedimentos adequados (ver Anexo G).

A origem cultural foi analisada no grupo de estudo. No quadro 7 são apresentados os resultados obtidos na EPRF em função desta variável. Na dimensão Autonomia o valor médio mais elevado foi apresentado pelos sujeitos negros ($M=2,73$) e o mais baixo pelos adolescentes de etnia cigana ($M=2,3$). Na Aceitação acontece exactamente a situação inversa revelando os ciganos o valor mais alto ($M=2,67$) e os negros o valor mais baixo ($M=2,19$). Na dimensão Suporte Afectivo são também os sujeitos de etnia cigana que apresentam a média mais alta ($M=2,75$), os sujeitos de origem cultural mista revelara o valor médio mais baixo ($M=2,50$). No Suporte Escolar os ciganos exibem o valor médio mais baixo ($M=2,54$) e os de

origem cultural mista o valor mais alto ($M=2,69$). Nas Expectativas foram os sujeitos negros que revelaram o valor mais alto ($M=2,67$) e os ciganos o mais baixo ($M=2,32$).

Quadro 7 – Valores Médios da EPRF em função da Origem Cultural no Grupo de Estudo

Dimensões da EPRF/ Origem Cultural		N	Mean	Std. Deviation
Autonomia	Caucasiana	31	2,4747	,58946
	Negra	12	2,7381	,33824
	Mista	6	2,3810	,50034
	Cigana	11	2,3117	,49823
Aceitação	Caucasiana	31	2,3790	,34983
	Negra	12	2,1979	,29895
	Mista	6	2,5625	,18957
	Cigana	11	2,6705	,71866
Suporte Afectivo	Caucasiana	31	2,6398	,46367
	Negra	12	2,6806	,54799
	Mista	6	2,5000	,65828
	Cigana	11	2,7576	,36027
Suporte Escolar	Caucasiana	31	2,6037	,41356
	Negra	12	2,6548	,35235
	Mista	6	2,6905	,31837
	Cigana	11	2,5455	,43714
Expectativas	Caucasiana	31	2,4240	,37883
	Negra	12	2,6786	,41370
	Mista	6	2,4762	,39036
	Cigana	11	2,3247	,54245

Para constatar se estes valores médios são significativos utilizou-se o Teste Wilcoxon Mann-Whitney depois de se ter constatado a impossibilidade de aplicação de um teste paramétrico (ver anexo H). Através deste teste foi possível verificar que os valores não são significativamente diferentes (Autonomia $p=0,217$; Aceitação $p=0,203$; Suporte Afectivo $p=0,674$; Suporte Escolar $p=0,623$; Expectativas $p=0,183$), uma vez que todos os p -*vaules* apresentam valores superiores a 0,05) (ver anexo H).

A variável origem cultural foi também analisada no IVIA (Quadro 8). A Vinculação Segura é a que apresenta os valores médios mais elevados em todos os grupos culturais e a Vinculação Ansiosa/Ambivalente os valores mais baixos. Na Vinculação Segura os sujeitos de origem cultural mista obtiveram o valor médio mais elevado ($M=4,04$) e os negros o valor mais baixo ($M=3,45$). Na Vinculação Ansiosa/Ambivalente foram os caucasianos que apresentaram o valor médio mais elevado ($M=2,94$), o mais baixo foi revelado pelos sujeitos de etnia cigana. Por último na Vinculação Evitante os caucasianos voltam a apresentar a média mais alta ($M=3,18$) e os ciganos a mais baixa ($M=2,61$) (ver Anexo H).

Quadro 8 – Valores Médios do IVIA em função da Origem Cultural no Grupo de Estudo

Dimensões do IVIA / Origem Cultural	Mean	Std. Deviation
Vinculação Segura	Caucasiana	3,8583
	Negra	3,4583
	Mista	4,0417
	Cigana	3,9205
Vinculação Ansiosa/Ambivalente	Caucasiana	2,9476
	Negra	2,7188
	Mista	2,7917
	Cigana	2,1136
Vinculação Evitante	Caucasiana	3,1855
	Negra	3,1354
	Mista	3,0208
	Cigana	2,6136

Para verificar se estes valores médios apresentavam diferenças significativas aplicou-se Teste Anova One-Way, depois de se ter verificado os pressupostos de normalidade e de homogeneidade (ver Anexo H).

Os resultados obtidos revelam que as diferenças encontradas no IVIA em função da origem cultural não são estatisticamente significativas (Vinculação Segura $p=0,274$; Vinculação Ansiosa/Ambivalente $p=0,054$; Vinculação Evitante $p=0,100$) (ver Anexo H).

A maioria dos sujeitos (68,3%) do grupo de estudo tiveram um percurso escolar caracterizado por problemas comportamentais com professores, estes problemas traduziram-se por um comportamento disruptivo na sala de aula. No quadro 9 é apresentada a comparação das médias da EPRF dos jovens que durante o seu percurso escolar tiveram problemas comportamentais com professores e dos adolescentes que não revelaram esta problemática.

Na dimensão Autonomia os sujeitos com problemas comportamentais com professores apresentam um valor médio mais elevado ($M=2,50$) que os sujeitos que não revelaram este tipo de comportamento ($M=2,45$). Na dimensão Aceitação esta tendência inverte-se, o primeiro grupo apresenta uma média mais baixa ($M=2,40$) e o segundo a mais elevada ($M=2,44$). No Suporte Afectivo são os sujeitos com problemas comportamentais com professores que exibem o valor médio mais elevado ($M=2,73$) comparativamente com o outro grupo ($M=2,49$). No Suporte Escolar os adolescentes que não apresentam problemas

comportamentais revelam a média mais elevada ($M=2,66$) e o outro grupo exibe uma média mais baixa ($M=2,58$). Por último, nas Expectativas são também os adolescentes que não têm problemas ao nível do comportamento, aqueles que exibem um valor médio mais elevado ($M=2,47$).

Quadro 9 – Valores Médios da EPRF em função de Problemas Comportamentais com Professores no Grupo de Estudo

Dimensões da EPRF/ Problemas Comportamentais com Professores		N	Mean	Std. Deviation
Autonomia	Sim	41	2,5052	,56433
	Não	19	2,4511	,45987
Aceitação	Sim	41	2,4024	,50506
	Não	19	2,4408	,26143
Suporte Afectivo	Sim	41	2,7317	,50122
	Não	19	2,4912	,38679
Suporte Escolar	Sim	41	2,5854	,40508
	Não	19	2,6692	,36282
Expectativas	Sim	41	2,4564	,48468
	Não	19	2,4737	,26960

As diferenças verificadas não se revelaram significativas. Foi aplicado o teste Wilcoxon Mann-Whitney que indicou a ausência de diferenças significativas em todas as dimensões (Autonomia $p=0,604$; Aceitação $p=0,718$; Suporte Afectivo $p=0,066$; Suporte Escolar $p=0,804$; Expectativas $p=0,829$) (ver Anexo I).

A mesma variável foi estudada nos resultados do IVIA (Quadro 10). Os sujeitos com problemas comportamentais exibem um valor médio mais baixo ($M=3,74$) na Vinculação Segura comparativamente com os adolescentes com ausência desta problemática ($M=3,93$). Esta diferença das médias é também verificada na Vinculação Ansiosa/Ambivalente. Na Vinculação Evitante os jovens com problemas comportamentais com professores apresentam igualmente um valor médio mais baixo ($M=3,00$).

Quadro 10 – Valores Médios do IVIA em função de Problemas Comportamentais com Professores no Grupo de Estudo

Dimensões do IVIA / Problemas Comportamentais com Professores		Mean	Std. Deviation
Vinculação Segura	Sim	3,7469	,73407
	Não	3,9342	,67748
Vinculação Ansiosa/Ambivalente	Sim	2,6829	,85335
	Não	2,8421	,92500
Vinculação Evitante	Sim	3,0030	,72752
	Não	3,1645	,51548

A aplicação do Teste Anova One-Way depois de se ter verificado a normalidade e a homogeneidade permitiu constatar a inexistência de diferenças significativas nestes resultados (Vinculação Segura $p=0,352$; Vinculação Ansiosa/Ambivalente $p=0,515$; Vinculação Evitante $p=0,388$) (Ver Anexo I).

No âmbito da problemática comportamental, também foi feita uma comparação dos resultados da EPRF entre os jovens que tiveram problemas de comportamento com colegas ($n=22$) e aqueles que nunca revelaram este tipo de comportamento ($n=38$). Os problemas com colegas traduziam-se na sua maioria por agressões físicas e/ou verbais (Quadro 11).

Na dimensão de Autonomia o grupo de jovens com comportamentos agressivos com os colegas exibiu um valor médio mais alto ($M=2,57$) que o grupo onde esta problemática não se verifica ($M=2,43$). A mesma diferença foi constatada na dimensão Aceitação e no Suporte Afectivo. No Suporte Escolar os sujeitos que têm problemas comportamentais com os colegas revelam um valor médio mais baixo ($M=2,60$) comparativamente com o outro grupo ($M=2,61$). Nas Expectativas acontece a mesma diferença, os sujeitos que têm problemas comportamentais com os colegas revelaram uma média mais baixa ($M=2,41$).

Quadro 11 – Valores Médios da EPRF em função de Problemas Comportamentais com Colegas no Grupo de Estudo

Dimensões da EPRF/ Problemas Comportamentais com Colegas		N	Mean	Std. Deviation
Autonomia	Sim	22	2,5714	,47072
	Não	38	2,4398	,56207
Aceitação	Sim	22	2,4659	,58780
	Não	38	2,3849	,33311
Suporte Afectivo	Sim	22	2,7197	,39969
	Não	38	2,6184	,51974
Suporte Escolar	Sim	22	2,6039	,36603
	Não	38	2,6165	,40963
Expectativas	Sim	22	2,4156	,37901
	Não	38	2,4887	,45374

As diferenças destes valores não se revelaram significativas. Foi aplicado o Teste Wilcoxon Mann-Whitney, depois de se ter constatado que os dados não tinham distribuição normal, que permitiu verificar a ausência de diferenças significativas (Autonomia $p=0,336$; Aceitação $p=0,816$; Suporte Afectivo $p=0,387$; Suporte Escolar $p=0,786$; Expectativas $p=0,733$) (ver Anexo J).

Os resultados do IVIA foram também alvo de análise em função da variável problemas comportamentais com colegas. No quadro 12 é possível verificar que na Vinculação Segura os sujeitos que não têm problemas de comportamento com colegas são os que revelaram um valor médio mais elevado ($M=3,92$) comparativamente com o grupo oposto ($M=3,61$). Esta diferença é também revelada na Vinculação Ansiosa/Ambivalente e na Evitante.

Quadro 12 – Valores Médios do IVIA em função de Problemas Comportamentais com Colegas no Grupo de Estudo

Dimensões do IVIA/ Problemas Comportamentais com Colegas		Mean	Std. Deviation
Vinculação Segura	Sim	3,6136	,79705
	Não	3,9223	,64708
Vinculação Ansiosa/Ambivalente	Sim	2,6932	,93440
	Não	2,7566	,84577
Vinculação Evitante	Sim	2,9318	,67229
	Não	3,1250	,66335

Para se apurar se as diferenças dos valores médios são significativos recorreu-se ao teste Anova One-Way depois de se ter confirmado os seus pressupostos (Normalidade e Homogeneidade). Assim, foi possível verificar que não existem diferenças significativas nas dimensões da vinculação em função da variável problemas com os colegas (Vinculação Segura $p=0,110$; Vinculação Ansiosa/Ambivalente $p=0,789$; Vinculação Evitante $p=0,284$) (ver Anexo J).

O número de retenções escolares no grupo de estudo é elevado. Os resultados obtidos na EPRF foram analisados em função desta variável, de forma a perceber se existia correlação entre o número de retenções e a percepção da relação familiar. Para tal utilizou-se a correlação de Pearson, uma vez que se trata de uma variável quantitativa.

Com a aplicação deste teste foi possível verificar que não existe qualquer correlação significativa entre as variáveis (Autonomia $p=0,301$; Aceitação $p=0,699$; Suporte Afectivo $p=0,255$; Suporte Escolar $p=0,752$; Expectativas $p=0,178$) (ver Anexo K).

A análise desta mesma variável no IVIA foi também efectuada através da correlação de Pearson, mas também não foram encontradas correlações significativas entre as variáveis (Vinculação Segura $p=0,468$; Vinculação Ansiosa/Ambivalente $p=0,566$; Vinculação Evitante $p=0,920$) (ver Anexo K).

Dos sujeitos que constituem o grupo de estudo 40% coabita apenas com um progenitor. Seguidamente são apresentados os resultados obtidos nos instrumentos utilizados nesta investigação em função do tipo de estrutura familiar. Nesta análise apenas se teve em conta a co-habitabilidade com ou sem progenitores, os restantes elementos do agregado familiar não foram objecto de estudo.

Na comparação de médias que se segue não é referido o valor apresentado pelos sujeitos que coabitam com apenas o pai, por este grupo ser constituído apenas por 4 elementos. No entanto, no quadro 13 são apresentados os valores médios de todas as categorias.

Na dimensão de Autonomia da EPRF a segunda média mais alta foi exibida pelos jovens que coabitam com os progenitores ($M=2,57$) a média mais baixa foi exibida pelos adolescentes que não moram com nenhum dos seus progenitores ($M=2,34;n=9$). Na Aceitação o valor médio mais elevado é apresentado pelos jovens que coabitam com ambos os pais ($M=2,45;n=23$), quem não vive com nenhum dos seus progenitores exhibe o segundo valor médio mais baixo ($M=2,25$). No Suporte Afectivo esta diferença é uma vez mais evidenciada, quem mora com os progenitores revelou a média mais alta ($M=2,79$) comparativamente com os que coabitam apenas com a mãe que apresentaram o segundo valor médio mais baixo ($M=2,56; n=24$). No Suporte Escolar os sujeitos que coabitam com os progenitores e aqueles que moram apenas com a mãe revelaram a mesma média ($M=2,64$). Nesta dimensão o valor médio mais baixo é apresentado pelos adolescentes que não coabitam com nenhum dos progenitores. Nas Expectativas o valor mais baixo é exibido uma vez mais por este grupo ($M=2,38$), a segunda média mais alta nesta dimensão foi apresentada pelos sujeitos que coabitam com os progenitores.

Quadro 13 – Valores Médios da EPRF em função do Tipo de Estrutura Familiar no Grupo de Estudo

Dimensões da EPRF/ Estrutura Familiar		Mean	Std. Deviation
Autonomia	com progenitores	2,5714	,42857
	um progenitor (mãe)	2,4345	,56121
	um progenitor (pai)	2,6429	,47380
	sem progenitores	2,3492	,71824
Aceitação	com progenitores	2,4511	,32800
	um progenitor (mãe)	2,4115	,59376
	um progenitor (pai)	2,2500	,43301
	sem progenitores	2,4028	,18517
Suporte Afectivo	com progenitores	2,7971	,40501
	um progenitor (mãe)	2,5694	,51527
	um progenitor (pai)	2,5000	,45134
	sem progenitores	2,5926	,54716
Suporte Escolar	com progenitores	2,6460	,28852
	um progenitor (mãe)	2,6488	,45950
	um progenitor (pai)	2,5357	,47201
	sem progenitores	2,4603	,41513
Expectativas	com progenitores	2,5466	,37956
	um progenitor (mãe)	2,3929	,51465
	um progenitor (pai)	2,5714	,16496
	sem progenitores	2,3810	,34993

Recorrendo à estatística inferencial foi possível averiguar se existem diferenças significativas nos valores médios apresentados. Foi aplicado o teste Anova One-Way depois de se terem verificado os pressupostos deste teste (Normalidade e Homogeneidade) (ver Anexo L). A diferença das médias não se revelou significativa, logo nenhuma das dimensões da EPRF é afectada significativamente pelo tipo de estrutura familiar (Autonomia $p=0,632$; Aceitação $p=0,874$; Suporte Afectivo $p=0,344$; Suporte Escolar $p=0,606$; Expectativas $p=0,557$) (ver Anexo L).

Na análise da comparação dos resultados do IVIA em função desta variável a média exibida pelos sujeitos que coabitam apenas com o pai não é considerada, pela razão supra citada. No entanto, no quadro 14 são exibidas as médias de todas as categorias.

Na Vinculação Segura os sujeitos que exibem a segunda média mais alta ($M=3,83$) são aqueles que vivem apenas com a mãe e aqueles que não coabitam com nenhum dos progenitores, o valor médio mais baixo é apresentado pelos adolescentes que moram com os dois progenitores ($M=3,75$). Na dimensão Ansiosa/Ambivalente os sujeitos que habitam apenas com a mãe revelam o segundo valor médio mais elevado ($M=2,78$) e aqueles que coabitam com os dois progenitores ($M=2,54$) apresentam a média mais baixa. Na Vinculação Evitante o valor médio mais alto é revelado pelos sujeitos que não coabitam com os

progenitores ($M=3,29$) e o segundo valor mais baixo pelos que moram com os progenitores ($M=2,93$).

Quadro 14 – Valores Médios do IVIA em função do Tipo de Estrutura Familiar no Grupo de Estudo

Dimensões do IVIA / Estrutura Familiar		Mean	Std. Deviation
Vinculação Segura	com progenitores	3,7554	,71953
	um progenitor (mãe)	3,8315	,76649
	um progenitor (pai)	3,9063	,96488
	sem progenitores	3,8333	,55902
Vinculação Ansiosa/Ambivalente	com progenitores	2,5489	,78673
	um progenitor (mãe)	2,7865	,88194
	um progenitor (pai)	3,0625	1,17482
	sem progenitores	2,9167	,97628
Vinculação Evitante	com progenitores	2,9837	,63549
	um progenitor (mãe)	3,0781	,75254
	um progenitor (pai)	2,7813	,69503
	sem progenitores	3,2917	,50000

A diferença dos valores médios não se revelou significativa. Foi aplicado o teste Anova One-Way depois de se terem verificado os pressupostos da sua utilização, que permitiu concluir que nenhuma das dimensões da vinculação é afectada pelo tipo de estrutura familiar (Vinculação Segura $p=0,973$; Vinculação Ansiosa/Ambivalente $p=0,565$; Vinculação Evitante $p=0,564$) (ver Anexo L).

Ainda no âmbito da estrutura familiar do grupo de estudo é importante fazer uma análise do número de elementos do agregado familiar e investigar se esta variável se correlaciona com resultados da EPRF e do IVIA.

Para efectuar esta análise utilizou-se a correlação de Pearson, uma vez que se trata de uma variável quantitativa. Com este teste foi possível verificar que não existe qualquer correlação significativa entre esta variável e os resultados da EPRF (Autonomia $p=0,338$; Aceitação $p=0,361$; Suporte Afectivo $p=0,386$; Suporte Escolar $p=0,306$; Expectativas $p=0,404$).

Também não foi encontrada nenhuma correlação significativa entre esta variável e os padrões de vinculação (Vinculação Segura $p=0,688$; Vinculação Ansiosa/Ambivalente $p=0,195$; Vinculação Evitante $p=0,880$)(ver Anexo M).

Uma das dimensões da exclusão social está ligada ao factor económico. A maioria (68,33%) das famílias dos sujeitos do grupo de estudo tem um rendimento entre 300 e 500 euros. A análise que se segue pretende observar os resultados da EPRF e do IVIA em função da variável rendimento familiar. A análise teve apenas em conta os grupos dos sujeitos com rendimento familiar entre 300 e 500 euros e o grupo com rendimento familiar entre 500 e 1000 euros. O grupo dos sujeitos com rendimento familiar inferior a 300 euros ($n=2$) e entre 1000 e 1500 euros ($n=1$) não foram considerados na análise por serem constituídos por um número muito reduzido de elementos. Apesar da representação destes grupos ser pouco relevante, as médias são apresentadas no quadro 15.

Na dimensão Autonomia os jovens cujas famílias têm um rendimento entre 300 e 500 euros apresentam o valor médio mais elevado ($M=2,50;n=41$). Na Aceitação a média mais baixa é revelada pelos sujeitos das famílias que auferem um rendimento entre 500 e 1000 euros ($M=2,28;n=16$). No Suporte Afectivo os jovens com um rendimento familiar entre 300 e 500 euros ($M=2,65$) e aqueles cujo rendimento familiar é entre 500 e 1000 ($M=2,66$) euros exibem um valor médio muito próximo. No Suporte Escolar os jovens pertencentes a agregados com rendimento entre os 300 e os 500 euros são os que exibem o valor médio mais baixo ($M=2,55$). Nas Expectativas, uma vez mais a média mais baixa é exibida pelos sujeitos cujo rendimento familiar se situa entre os 300 e 500 euros ($M=2,44$).

Quadro 15 – Valores Médios da EPRF em função do Rendimento Económico Familiar no Grupo de Estudo

Dimensões da EPRF / Rendimento Familiar		Mean	Std. Deviation
Autonomia	Menos de 300 euros	2,5000	,10102
	Entre 300 e 500 euros	2,5052	,55613
	Entre 500 e 1000 euros	2,4554	,52481
	Entre 1000 e 1500 euros	2,2857	.
Aceitação	Menos de 300 euros	2,4375	,44194
	Entre 300 e 500 euros	2,4604	,48849
	Entre 500 e 1000 euros	2,2891	,30180
	Entre 1000 e 1500 euros	2,5000	.
Suporte Afectivo	Menos de 300 euros	2,7500	,58926
	Entre 300 e 500 euros	2,6545	,46006
	Entre 500 e 1000 euros	2,6667	,55109
	Entre 1000 e 1500 euros	2,3333	.
Suporte Escolar	Menos de 300 euros	2,9286	,30305
	Entre 300 e 500 euros	2,5575	,40255
	Entre 500 e 1000 euros	2,6964	,36093
	Entre 1000 e 1500 euros	2,8571	.
Expectativas	Menos de 300 euros	2,7143	,40406
	Entre 300 e 500 euros	2,4495	,47009
	Entre 500 e 1000 euros	2,4554	,32249
	Entre 1000 e 1500 euros	2,5714	.

Foi utilizado o teste não paramétrico Friedman para averiguar se a diferenças dos valores médios é significativa. A utilização deste teste foi feita depois de se constatar que os pressupostos de normalidade não se verificavam (ver Anexo M).

Os resultados deste teste permitiram concluir que não existem diferenças significativas, logo nenhuma das dimensões da EPRF é afectada significativamente pelo valor do rendimento familiar (Autonomia $p=0,828$; Aceitação $p=0,337$; Suporte Afectivo $p=0,828$; Suporte Escolar $p=0,268$; Expectativas $p=0,823$) (ver Anexo M).

Os resultados do IVIA foram também analisados em função desta variável. Uma vez mais, para a análise foram excluídos os grupos supra citados, mas no quadro 16 são apresentadas as médias de todos os grupos. Na Vinculação Segura os sujeitos que revelam um valor médio mais alto são os que pertencem a famílias cujos rendimentos são entre 500 e 1000 euros ($M=4,05$). Na vinculação Ansiosa/Ambivalente o segundo valor médio mais elevado é apresentado pelos sujeitos das famílias com rendimento entre 500 e 1000 euros ($M=2,92$). Por último na Vinculação Evitante é uma vez mais este grupo, com rendimento inferior a 300 euros, o que exhibe o valor médio mais baixo ($M=2,68$), a média mais elevada nesta dimensão é apresentada pelos jovens cujo rendimento familiar é entre 1000 e 1500 euros.

Quadro 16 – Valores Médios do IVIA em função do Rendimento Económico Familiar no Grupo de Estudo

Dimensões do IVIA /	Rendimento Familiar	Mean	Std. Deviation
Vinculação Segura	Menos de 300 euros	3,0625	1,50260
	Entre 300 e 500 euros	3,7500	,65352
	Entre 500 e 1000 euros	4,0547	,75549
	Entre 1000 e 1500 euros	3,6250	.
Vinculação Ansiosa/Ambivalente	Menos de 300 euros	2,3125	,44194
	Entre 300 e 500 euros	2,6524	,86671
	Entre 500 e 1000 euros	2,9297	,90711
	Entre 1000 e 1500 euros	3,7500	.
Vinculação Evitante	Menos de 300 euros	2,6875	,44194
	Entre 300 e 500 euros	3,0152	,62575
	Entre 500 e 1000 euros	3,1563	,79386
	Entre 1000 e 1500 euros	3,7500	.

Para analisar se a diferença das médias foi significativa recorreu-se ao teste Friedman, cujos resultados revelaram que não existem diferenças significativas, ou seja, nenhuma das dimensões de Vinculação é afectada significativamente pelo valor do rendimento familiar (Vinculação Segura $p=0,312$; Vinculação Ansiosa/Ambivalente $p=0,332$; Vinculação Evitante $p=0,502$) (ver Anexo N).

No âmbito das características económicas das famílias, foi também analisado o tipo de habitação onde moram os sujeitos do grupo de estudo. Seguidamente são apresentados os resultados dos instrumentos utilizados em função do tipo de habitação onde os sujeitos moram (Quadro 17).

Na análise que se segue é importante ter em conta que a amostra dos jovens que habitam em casas abarracadas é constituída por um número reduzido de elementos ($n=5$).

Na dimensão Autonomia da EPRF os sujeitos que exibem o valor médio mais elevado são aqueles que habitam em casas abarracadas ($M=2,77;n=5$), os adolescentes que moram em casas alugadas apresentam a média mais baixa ($M=2,41;n=18$). Na Aceitação, os jovens que pertencem a famílias com casa própria revelaram o valor mais baixo ($M=2,29;n=9$), a média mais alta foi apresentada pelos sujeitos que habitam em casa camarária ($M=2,48;n=28$). No Suporte Afectivo o valor médio mais elevado foi revelado pelos sujeitos que moram em casas alugadas ($M=2,71$), os que habitam em casa própria exibem o valor mais baixo ($M=2,51$). No Suporte Escolar são uma vez mais os sujeitos que moram numa casa alugada aqueles que revelam o valor médio mais alto ($M=2,72$), nesta dimensão a média mais baixa é apresentada

pelos jovens que habitam em casa camarária. Nas Expectativas os adolescentes que moram em casas abarracadas são os que exibem o valor médio mais elevado ($M=2,65$), os sujeitos que habitam em casas camarárias exibem o valor mais baixo ($M=2,42$).

Quadro 17 – Valores Médios da EPRF em função do Tipo de Habitação no Grupo de Estudo

Dimensões da EPRF / Tipo de Habitação	Mean	Std. Deviation	
Autonomia	Casa Própria	2,4921	,59381
	Casa Alugada	2,4127	,41545
	Casa Camarária	2,4847	,57845
	Casa Abarracada	2,7714	,56785
Aceitação	Casa Própria	2,2917	,22535
	Casa Alugada	2,3958	,36944
	Casa Camarária	2,4821	,54296
	Casa Abarracada	2,3250	,33773
Suporte Afectivo	Casa Própria	2,5185	,56177
	Casa Alugada	2,7130	,42321
	Casa Camarária	2,6667	,49690
	Casa Abarracada	2,6333	,50553
Suporte Escolar	Casa Própria	2,6508	,28670
	Casa Alugada	2,7222	,42568
	Casa Camarária	2,5153	,39525
	Casa Abarracada	2,6857	,36978
Expectativas	Casa Própria	2,4444	,41921
	Casa Alugada	2,4683	,28908
	Casa Camarária	2,4286	,48406
	Casa Abarracada	2,6571	,57676

Para investigar se a diferença das médias apresentadas são significativas utilizou-se o teste não paramétrico Friedman, que permitiu constatar que nenhuma das dimensões da EPRF é afectada significativamente pelo tipo de habitação (Autonomia $p=0,663$; Aceitação $p=0,512$; Suporte Afectivo $p=0,860$; Suporte Escolar $p=0,372$; Expectativas $p=0,940$) (ver Anexo O).

A mesma variável foi analisada nos resultados do IVIA (Quadro 18). Na dimensão Vinculação Segura o valor médio mais elevado foi apresentado pelos sujeitos que habitam em casas camarárias ($M=3,93$). Os jovens que moram em casas abarracadas exibem o valor médio mais baixo ($M=2,87$). Na Vinculação Ansiosa/Ambivalente são os jovens que pertencem a famílias com casa própria os que exibem a média mais alta ($M=3,38$), nesta dimensão o valor médio mais baixo é apresentado pelos sujeitos que habitam em casas abarracadas. Na Vinculação Evitante o valor mais alto é uma vez mais revelado pelos sujeitos de casa própria ($M=3,38$). Os jovens que habitam em casas abarracadas exibem a média mais baixa ($M=2,47$) nesta dimensão.

Quadro 18 – Valores Médios do IVIA em função do Tipo de Habitação no Grupo de Estudo

Dimensões do IVIA / Tipo de Habitação		Mean	Std. Deviation
Vinculação Segura	Casa Própria	3,8194	,62846
	Casa Alugada	3,8750	,67383
	Casa Camarária	3,9306	,70484
	Casa Abarracada	2,8750	,52291
Vinculação Ansiosa/Ambivalente	Casa Própria	3,3889	,60417
	Casa Alugada	2,6458	,84806
	Casa Camarária	2,6875	,90747
	Casa Abarracada	2,1250	,62500
Vinculação Evitante	Casa Própria	3,3889	,74594
	Casa Alugada	3,0069	,69857
	Casa Camarária	3,0804	,62009
	Casa Abarracada	2,4750	,32355

O teste utilizado para averiguar se a diferença das médias é significativa foi o Anova One-Way. Os pressupostos deste teste (Normalidade e Homogeneidade) foram testados previamente. Os resultados da aplicação do mesmo permitem concluir que existem diferenças significativas na dimensão Vinculação Segura ($p=0,020$) e na dimensão Vinculação Ansiosa/Ambivalente ($p=0,046$). Logo o tipo de habitação influencia o tipo de vinculação. Na dimensão Vinculação Evitante não foram registadas diferenças significativas ($p=0,101$)(ver Anexo O).

Para averiguar em que amostras se registam diferenças significativas recorreu-se às comparações múltiplas. A aplicação de teste de Tukey permitiu verificar que na Vinculação Segura as diferenças significativas são entre a “casa alugada” e a “casa abarracada” ($p=0,024$). Ainda nesta dimensão da vinculação também se registam outras diferenças significativas entre a “casa camarária” e a “casa abarracada” ($p=0,011$). Os jovens que habitam em barracas apresentam valores significativamente inferiores na vinculação segura aos que moram em casas camarárias e aos que habitam em casas alugadas.

Na vinculação Ansiosa/Ambivalente as diferenças são entre “casa própria” e “casa abarracada” ($p=0,042$). Os adolescentes que habitam em casa própria apresentam valores significativamente superiores na vinculação ansiosa/ambivalente aos que moram em casas abarracadas (ver Anexo O).

Na relação familiar os pais têm um papel de autoridade, exercendo um controle sobre os comportamentos dos seus educandos.

Os limites colocados podem influenciar a dinâmica familiar. Seguidamente é feita a análise dos resultados, dos instrumentos utilizados nesta investigação, em função da frequência em que estes limites são colocados nas saídas e horas de chegada a casa.

Nesta amostra a maioria (58,3%) dos jovens percebem que só “às vezes” lhes são colocados limites. O número de jovens que afirmam “nunca” lhes serem colocados limites nas saídas e horas de chegada a casa é reduzido(11,7%).

Na dimensão Autonomia da EPRF o valor médio mais elevado é apresentado pelos sujeitos aos quais “nunca” são colocados limites nas saídas e horas de chegada a casa ($M=2,71$; $n=7$), a média mais baixa é exibida pelos adolescentes cujos encarregados de educação colocam “às vezes” limites ($M=2,37$; $n=35$). Na Aceitação o valor médio mais baixo é revelado pelos jovens aos quais “nunca” são impostos limites ($M=2,35$). Os educandos aos quais são colocados limites “às vezes” e “sempre” apresentam o mesmo valor médio ($M=2,42$). No Suporte Afectivo a média mais elevada é exibida pelos sujeitos cujos encarregados de educação “nunca” colocam limites ($M=3,23$). Os sujeitos aos quais os encarregados de educação “sempre” impõem limites apresentam a média mais baixa ($M=2,50$). Já no Suporte Escolar são estes jovens que revelam o valor médio mais elevado ($M=2,73$), os sujeitos aos quais “nunca” são colocados limites têm, nesta dimensão, a média mais baixa ($M=2,46$). Nas Expectativas estes jovens revelam o valor médio mais alto ($M=2,67$), os sujeitos aos quais são impostos limites “às vezes” exibem o valor médio mais baixo ($M=2,37$).

Quadro 19 – Valores Médios da EPRF em função dos Limites no Grupo de Estudo

Dimensões da EPRF / Limites		Mean	Std. Deviation
Autonomia	Sempre	2,6190	,52087
	Às Vezes	2,3755	,55338
	Nunca	2,7143	,27355
Aceitação	Sempre	2,4236	,29123
	Às Vezes	2,4214	,51636
	Nunca	2,3571	,39150
Suporte Afectivo	Sempre	2,5093	,42577
	Às Vezes	2,6143	,45333
	Nunca	3,2381	,31706
Suporte Escolar	Sempre	2,7381	,34387
	Às Vezes	2,5755	,41935
	Nunca	2,4694	,30544
Expectativas	Sempre	2,5397	,29626
	Às Vezes	2,3796	,46991
	Nunca	2,6735	,41824

Depois da aplicação do teste não paramétrico Kruskal Wallis foi possível verificar que existem diferenças significativas no Suporte Afectivo ($p=0,002$), esta dimensão é afectada significativamente pelos limites colocados pelos encarregados de educação aos seus educandos nas horas de chegar a casa e nas saídas.

Tendo em conta que existem três amostras é necessário averiguar entre quais se verificam diferenças significativas. Com o recurso ao teste post-hoc de Tukey foi possível constatar que as diferenças no Suporte Afectivo são entre os sujeitos da amostra “sempre” e os da amostra “nunca” ($p=0,001$). Nesta dimensão também se registaram diferenças significativas entre a amostra “às vezes” e “nunca” ($p=0,003$). Logo, podemos afirmar que os sujeitos da amostra que percebem que “nunca” lhes são colocados limites nas saídas e nas horas de chegar a casa têm um Suporte Afectivo significativamente superior aos que percebem que “sempre” lhes são colocados limites e também aos que “às vezes” lhe são colocados limites (ver Anexo P).

Apesar destas diferenças serem significativas é importante ter em conta que a amostra dos sujeitos aos quais “nunca” lhe são colocados limites é constituída por um número reduzido de elementos ($n=7$).

Nas restantes dimensões da EPRF não foram registadas diferenças significativas (Autonomia $p=0,081$; Aceitação $p=0,942$; Suporte Escolar $p=0,243$; Expectativas $p=0,173$) (ver Anexo P).

Esta variável foi também alvo de análise nos resultados do IVIA (Quadro 20). Na dimensão Vinculação Segura os sujeitos aos quais os encarregados de educação colocam “às vezes” limites nas saídas e horas de chegar a casa apresentam o valor médio mais alto ($M=3,83$), a média mais baixa é exibida por aqueles aos quais são “sempre” colocados limites neste comportamento. Na vinculação Ansiosa/Ambivalente os sujeitos cujos encarregados de educação “nunca” estabelecem limites exibem o valor médio mais elevado ($M=2,85$), a média mais baixa é apresentada pelos jovens aos quais são “sempre” colocados limites ($M=2,55$). Na Vinculação Evitante o valor médio mais alto ($M=3,14$) é exibido pelos jovens aos quais são “sempre” colocados limites e também por aqueles aos que “nunca” são estabelecidos limites.

Quadro 20 – Valores Médios do IVIA em função dos Limites no Grupo de Estudo

Dimensões do IVIA / Limites		Mean	Std. Deviation
Vinculação Segura	Sempre	3,7639	,84659
	Às Vezes	3,8346	,60905
	Nunca	3,7857	,93462
Vinculação Ansiosa/Ambivalente	Sempre	2,5556	1,05303
	Às Vezes	2,8000	,80394
	Nunca	2,8571	,73040
Vinculação Evitante	Sempre	3,1458	,69959
	Às Vezes	2,9893	,59438
	Nunca	3,1429	,96671

Para testar se a diferença dos valores médios é significativa utilizou-se o teste paramétrico Anova One-Way, depois de se ter testado a Normalidade e Homogeneidade. Este teste permitiu verificar que nenhuma das dimensões de vinculação é afectada significativamente pelos Limites (Vinculação Segura $p=0,058$; Vinculação Ansiosa/Ambivalente $p=0,209$; Vinculação Evitante $p=0,319$) (ver Anexo P).

A análise da consistência interna dos instrumentos utilizados foi realizada através do Alpha de Cronbach. Na EPRF os resultados revelaram-se fiáveis, existindo um valor forte de consistência interna (α de Cronbach $>0,6$) nas dimensões de Autonomia (0,76), Aceitação (0,73), Suporte Afectivo (0,76), no Suporte Escolar (0,73) e nas Expectativas (0,72).

No IVIA os valores de consistência interna foram iguais a 0,78 (Vinculação Segura), 0,74 (Vinculação Ansiosa/Ambivalente) e 0,78 (Vinculação Evitante), demonstrando a fidelidade das dimensões (ver Anexo Q).

Discussão

O objectivo desta investigação era aprofundar o conhecimento da relação familiar de adolescentes em risco de exclusão social. Para estudar este fenómeno foi avaliada a percepção que os jovens têm da sua relação familiar e da vinculação. Para a recolha destes dados foram utilizados dois instrumentos de auto-avaliação, a EPRF - Escala de Percepção da Relação Familiar e o IVIA - Inventário da Vinculação na Infância e Adolescência. Os resultados obtidos foram comparados com um grupo de controlo e analisados em função das variáveis género, origem cultural, do número de retenções escolares, dos comportamentos anti-sociais, da estrutura familiar, do rendimento familiar, do tipo de habitação e dos limites definidos pelos pais/encarregados de educação.

Neste capítulo faremos uma discussão dos dados obtidos à luz das investigações realizadas nesta área.

A percepção que o grupo de estudo tem do suporte escolar dado pelas figuras parentais é inferior à do grupo de controlo e é precisamente este grupo que apresenta um elevado número de retenções escolares. Apesar de não se ter verificado correlação entre o número de retenções escolares e a percepção da relação familiar, este dado é relevante estando de acordo com um estudo realizado por Peixoto (2004) onde as retenções escolares estavam relacionadas com a qualidade do relacionamento familiar e os alunos sem retenções percebem-se como recebendo mais apoio na realização de tarefas escolares.

Se tivéssemos que caracterizar estas figuras parentais à luz dos estilos parentais propostos por Baumrind (1966), tendo em conta o suporte escolar prestado, poderíamos enquadrá-las no estilo permissivo uma vez que neste estilo os pais exigem pouco e não regulam as actividades dos filhos.

Nas outras dimensões apesar de não terem sido encontradas diferenças significativas, os sujeitos em risco de exclusão social apresentam em todas as dimensões (Autonomia, Aceitação, Suporte Afectivo, Suporte Escolar e Expectativas) valores mais baixos do que os adolescentes que não estão em risco. A percepção que o grupo de controlo tem do seu relacionamento familiar parece ser ligeiramente melhor do que o grupo constituído por adolescentes que estão em contextos de risco social.

No que se refere à vinculação os sujeitos em risco de exclusão social revelaram ter uma vinculação Ansiosa/Ambivalente superior à do grupo de controlo. Cruzando esta informação com os comportamentos que estes jovens têm, que se traduzem por percursos caracterizados pelo abandono escolar, problemas comportamentais com professores e colegas

e em alguns casos práticas de crime. Podemos dizer que esta investigação vai ao encontro das conclusões de outros estudos que confirmaram que o tipo de vinculação tem influência sobre os comportamentos (Van Ijzendoorn, In Fonseca, 2002) e têm repercussões em diferentes âmbitos da vida do adolescente como a sociabilidade, as predisposições emocionais, a confiança, a curiosidade, a auto-estima, a independência, e a cooperação (Thompson, 1999, cit. Bravo & Tapia, 2006). No desempenho escolar a literatura também aponta para a existência de uma relação entre o padrão de vinculação e este comportamento. Valores mais baixos na cognição social, na descentração cognitiva e afectiva são apresentados por sujeitos com um padrão de vinculação inseguro (Veríssimo, Monteiro, Vaughn & Santos, 2003). São também sujeitos com este tipo de vinculação que revelam ligações frágeis com professores e figuras de autoridade assim como uma falta de identificação com a ordem social e moral (Hirschi, 1969)

Por sua vez sujeitos com melhores resultados escolares, mais participativos e mais atentos apresentam uma vinculação do tipo segura (Papalia, Olds & Feldman, 2001).

Nas outras dimensões apesar de não se terem verificado diferenças significativas, parece-nos importante sublinhar que os valores mais elevados no padrão de vinculação segura foram apresentados pelos sujeitos que não se encontram em risco de exclusão social, o que reforça as ideias supra citadas.

O género foi também alvo de análise. No grupo de estudo as raparigas apresentam valores significativamente superiores ao dos rapazes na dimensão Autonomia, o que não vai ao encontro dos resultados de outros estudos que revelam que as adolescentes têm a percepção de uma maior supervisão tanto por parte da figura materna como do casal (Teixeira, Oliveira & Whottrich, 2006). No entanto, estes valores mais elevados na Autonomia podem ser explicados com o recurso à comunicação, apesar de nesta investigação esta variável não ter sido estudada, outros estudos afirmam que os pais sentem maior dificuldade em comunicar com os filhos do que com as filhas (Wagner, Carpenedo, Melo & Silveira, 2005), logo o grau mais elevado de autonomia das raparigas poderá estar associado a uma maior comunicação destas com as figuras parentais, que se pode traduzir numa maior participação nas decisões familiares e conseqüentemente a percepção do controlo ser menor.

Na dimensão Expectativas as raparigas também revelaram valores significativamente superiores ao dos rapazes, o que vai ao encontro das conclusões de outros estudos que afirmam que as expectativas das figuras parentais são mais elevadas, no âmbito escolar, para com as raparigas, no entanto, no que se refere ao sucesso profissional a situação inverte-se (Glória, 2005 cit. Sampaio, 2007).

No estudo desta variável foram também encontradas diferenças significativas no padrão de vinculação. No grupo de controlo as raparigas apresentam valores superiores aos dos rapazes na vinculação segura. Estas diferenças em função do género contrariam os resultados de outras investigações onde o padrão de vinculação não é influenciado por esta variável (Carvalho, 2007).

A percepção que os adolescentes têm da sua relação familiar, em função da sua origem cultural, não revelou diferenças significativas, no entanto parece-nos importante assinalar que no Suporte Escolar e nas Expectativas os valores médios mais baixos foram exibidos pelos adolescentes ciganos, o que vai ao encontro da ideia da desvalorização da componente escolar nesta etnia (Mendes, 2005).

Segundo os dados obtidos os problemas comportamentais com professores e colegas parecem não estar relacionados com a percepção da relação familiar nos adolescentes em risco de exclusão social. O que contraria as conclusões de vários estudos que defendem que as práticas parentais estão na origem da prevenção ou promoção de comportamentos anti-sociais (Formiga, 2005; Carvalho & Gomide, 2005; Ferreira, 2005; McCord, In Fonseca, 2002; Martins, 2005).

De acordo com os dados obtidos o padrão de vinculação também não está relacionado com os problemas comportamentais. As conclusões de outros estudos apontam no sentido inverso afirmando que uma vinculação segura pode estar na origem de uma atitude pró-social, uma vez que existe uma maior tendência para a interiorização das normas parentais. No entanto, os mesmos estudos também alertam para o facto do comportamento anti-social ser influenciado por outros factores como o contexto social, factores genéticos e pela idade (Van Ijzendoorn, In Fonseca, 2002)

Ainda no âmbito da análise desta variável é importante dizer que os sujeitos desta amostra que não foram autores de comportamentos anti-sociais fazem na mesma parte do grupo em risco de exclusão social, pelo que existem outras problemáticas sociais às quais estão ligados. Logo a ausência de diferenças significativas pode dever-se a este facto.

A estrutura familiar foi também alvo de análise nesta investigação. A literatura indica que uma fratria numerosa pode contribuir para um funcionamento menos harmonioso na dinâmica familiar (Le Blanc & Janosz, In Fonseca, 2002). Outros estudos afirmam que estilo parental não está directamente condicionado pelo tipo de estrutura familiar (Hernández & Hernández, 2005). Neste estudo não se verificou nenhuma correlação entre o número de elementos do agregado familiar e a percepção que os adolescentes em risco de exclusão social, têm da sua dinâmica familiar.

Apesar do rendimento familiar ser baixo em todos os sujeitos da amostra do grupo de estudo, existem algumas diferenças, mas em função destas, a percepção da relação familiar e da vinculação não foi significativamente diferente. O que está de acordo com um outro estudo realizado com uma amostra com características semelhantes ao nível económico, que concluiu que a maioria das práticas educativas empregadas na educação dos filhos eram desejáveis e atribuía este desempenho ao suporte social (rede social de instituições e pessoas) que estas famílias tinham (Silveira, Pacheco, Cruz e Schneider, 2005). Este suporte social é também prestado às famílias dos sujeitos da amostra da nossa investigação, que são apoiadas pela Santa Casa da Misericórdia de Lisboa e são beneficiárias de outros apoios sociais.

No entanto, esta ideia não é consensual pois outros autores defendem que o baixo estatuto sócio-económico é um factor que pode estar na origem da promoção de comportamentos menos apropriados para uma sociabilidade adequada (Le Blanc e Janosz, In Fonseca, 2002),

É importante referir que os escalões de rendimento familiar definidos *à priori* foram quatro mas a grande maioria das famílias apenas se situou em dois (entre 300 e 500 euros / entre 500 e 1000 euros), pelo que a ausência de diferenças significativas da percepção da relação familiar e do padrão de vinculação possa ser explicada pela pequena diferença no valor do rendimento.

Ainda no âmbito do estatuto socio-económico também foram analisados os resultados da ERPF e do IVIA em função do tipo de habitação onde os sujeitos em risco de exclusão social moravam. As diferenças significativas encontradas apontam para o facto do tipo de habitação ter influência na percepção da qualidade da vinculação. Na vinculação segura os sujeitos que habitam em casas camarárias revelaram valores significativamente superiores aos que moram em casas abarracadas. Esta diferença foi também encontrada entre os sujeitos que habitam em casas alugadas e aqueles que moram em barracas. Já na vinculação ansiosa/ambivalente, os sujeitos que apresentam valores mais elevados neste tipo de padrão de vinculação são os que pertencem a famílias que têm casa própria, aqueles que habitam em casas abarracadas revelam um valor mais baixo neste padrão de vinculação.

Apesar destes dados serem significativos é importante ter em conta que o número de elementos da casa abarracada é pequeno (n=5). No entanto, estas diferenças podem ser indicativas da importância do meio onde se desenvolve a dinâmica familiar. Papalia, Olds & Feldman (2001) refere que as oportunidades de educação e as expectativas sociais são geralmente determinadas pelo meio onde a família está inserida.

O controlo é uma prática parental que é apontada, por alguns autores, como sendo importante para prevenir problemas comportamentais já para outros, não existe uma associação entre o controlo que os pais exercem sobre os filhos e os seus comportamentos (Oliva, 2006). Um estudo realizado por Teixeira, Oliveira e Wottrich (2006) concluiu que as práticas educativas de apoio emocional e de supervisão do comportamento estão relacionadas negativamente com a conduta anti-social.

Nos resultados obtidos na presente investigação foram precisamente os sujeitos que percebem um maior suporte afectivo aqueles que também percebem que nunca é feita supervisão no seu comportamento.

Tendo em conta que a maioria destes jovens revelam problemas comportamentais, parece-nos que nesta amostra a ausência de supervisão não influencia o comportamento do adolescente, no entanto temos consciência que esta pode ser uma interpretação abusiva, uma vez que na análise da percepção do suporte afectivo em função da ausência/presença de problemas de comportamento com professores e colegas não foram encontradas diferenças significativas, mas curiosamente os valores médios no suporte afectivo foram superiores nos jovens que têm um percurso caracterizado por problemas de conduta.

Mas uma vez mais, temos de ter em conta que apesar das diferenças encontradas serem significativas, o grupo que percebe que nunca lhes são colocados limites é constituído por um número reduzido de elementos (n=7).

Um dos aspectos a ter em conta em todos os resultados encontrados é a questão da auto-avaliação, isto é, tanto na avaliação da relação familiar como na vinculação só foi tida em conta a percepção dos adolescentes e sabemos que esta poderá não corresponder totalmente à realidade. Pois muitas vezes a maneira como são recordadas determinadas vivências do passado pode estar enviesada (Bowlby, 1973; Van IJzendoorn, In Fonseca, 2002).

Conclusão

Este estudo permitiu aprofundar o conhecimento sobre a qualidade da relação familiar e da vinculação em adolescentes em risco de exclusão social.

Os resultados obtidos permitem-nos concluir que esta amostra tem uma pior percepção da relação familiar, no que se refere ao suporte nas tarefas escolares, do que a amostra dos adolescentes que não se encontram em situação de risco.

No âmbito da vinculação são também estes jovens que revelam uma percepção mais negativa, pois são aqueles que apresentaram os valores mais altos na vinculação Ansiosa/Ambivalente.

Nas diferenças de género foi possível apurar que as raparigas da amostra dos adolescentes em risco de exclusão social percebem-se como sendo mais autónomas e como tendo uma percepção das expectativas, das figuras parentais, superior, comparativamente com os rapazes. Ainda no âmbito da variável género, as raparigas pertencentes à amostra dos jovens que não se encontram em situação de risco são mais seguras que os rapazes.

O tipo de habitação parece estar relacionado com o padrão de vinculação. A amostra dos jovens em risco de exclusão social que moram em casas alugadas e camarárias são mais seguros do que aqueles que habitam em casas com menos condições (barracas), no entanto, nos jovens que moram em habitações próprias o tipo de vinculação ansiosa/ambivalente é superior aos que habitam em casas abarracadas.

Outra das indicações que este estudo dá acerca da relação familiar da amostra dos adolescentes em risco de exclusão social é que os jovens que não se percebem como sendo supervisionados nas saídas e horas de chegada a casa são aqueles que têm um suporte afectivo maior das figuras parentais.

As limitações deste estudo prenderam-se com o facto de não termos tido acesso a todas as informações que faziam parte do questionário de caracterização sócio-demográfica no grupo de controlo, nomeadamente o rendimento familiar e o tipo de habitação, isto impediu que se fizessem comparações pertinentes com os adolescentes em risco de exclusão social e que se pudesse ter chegado a conclusões mais específicas sobre o impacto que o estatuto sócio-económico tem na relação familiar e na vinculação. O estudo da variável habitação, só permitiu a classificação da tipologia (Casa, própria, alugada, camarária abarracada), desta forma só foi possível ter mais conhecimento sobre o estatuto socioeconómico familiar, no entanto as condições de habitabilidade não foram apuradas.

Outra das limitações foi ao nível do número reduzido dos elementos em grupos onde foram encontradas diferenças significativas (jovens que habitam em casas abarracadas e jovens aos que “nunca” são colocados limites nas saídas e horas de chegada a casa). Este reduzido número não permite que as conclusões tenham um peso relevante.

A análise da relação familiar e da identificação do padrão de vinculação foi feita apenas desde a perspectiva do adolescente, o que constitui uma limitação uma vez que a percepção das figuras parentais poderia enriquecer o conhecimento sobre a dinâmica familiar.

Em futuras investigações nesta área seria de todo o interesse estudar outras variáveis como as condições de habitabilidade, pois estas podem influenciar a relação familiar, uma vez que o espaço privilegiado da dinâmica familiar é o lar.

O rendimento familiar é outra variável que em futuros estudos poderá ser estudada de forma a comparar vários escalões de rendimento, averiguando se existe uma correlação entre esta variável e a percepção da relação familiar.

Como foi referido na literatura o controlo é uma prática parental que é apontada por alguns investigadores como sendo importante para prevenir problemas comportamentais. No entanto, não existe consenso sobre esta matéria. Nesta investigação estudou-se a percepção da relação familiar e do padrão de vinculação em função dos limites colocados nas saídas e horas de chegada a casa. Aprofundar o estudo desta variável, analisando os limites colocados pelas figuras parentais em diferentes dimensões da vida do jovem e correlacionar esta variável, não apenas com a relação familiar mas também com os comportamentos pró-sociais e anti-sociais poderá contribuir para se conhecer em que medida estas duas medidas se correlacionam.

Tendo em conta que o estudo da relação familiar e da identificação do padrão de vinculação foi realizado apenas com base na percepção dos jovens, em futuras investigações seria de todo o interesse investigar em paralelo a percepção das figuras parentais e cruzar os dados. O que permitiria ter outra fonte de informação sobre a dinâmica familiar e investigar se existem diferenças na percepção entre as figuras parentais e os filhos.

Os resultados deste estudo permitem-nos afirmar que as relações familiares em jovens oriundos de contextos de risco de exclusão social podem ser afectadas pelas condições sócio-económicas e situações de ruptura com os sistemas sociais básicos. No entanto, a família continua a ser um pilar importante na vida destes jovens e a sua percepção da relação familiar, apesar de ser em algumas dimensões menos favorável que a de adolescentes sem esta problemática, não reflecte uma ruptura, pelo contrário parece haver espaço e condições para melhorar a dinâmica familiar.

As intervenções sociais realizadas com estes jovens devem ser feitas no âmbito de uma intervenção sistémica, de forma a que os modelos familiares sejam analisados, e se reforcem práticas parentais positivas e modifiquem as estratégias educativas menos adequadas. As figuras parentais devem ser envolvidas no projecto de vida do jovem e responsabilizadas pelo seu papel educativo.

Referências

- Ainsworth, M., Blehar, M. Waters, E., & Wall, S. (1978). *Patterns of attachment: A psychological study of strange situation*. Hillsdale, NJ: Erlbaum.
- Antunes, S. (2008). *Construir o que não é herdado: casos de sucesso escolar na minoria cigana*. Tese de Mestrado apresentada ao Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa.
- Baumrind, D. (1966). Effects of authoritative control on child behavior. *Child Development*, 37, 887-907.
- Botelho, T. (2003). *Avaliação do perfil factorial da personalidade de mulheres que sofreram um parto prematuro*. Tese de Doutoramento apresentada à Universidade do Porto/Faculdade de Psicologia e de Ciências de Educação.
- Bowlby, J. (1973). *Attachment and loss. Vol. 2. Separation: anxiety and anger*. Middlesex: Penguin Books.
- Bravo, L., & Tapia, L. (2006). Relación entre autoestima, depresión y apego en adolescentes urbanos de la comuna de concepción, Chile. *Terapia Psicológica*, 24 (1), 5-14.
- Bruto de Costa, A. (1998). *Exclusões sociais*. Lisboa: Gradiva.
- Bruto da Costa, A., Baptista, I., Perista, P., & Carrilho, P. (2008). *Um olhar sobre a pobreza. Vulnerabilidade e exclusão social no Portugal contemporâneo*. Lisboa: Gradiva.
- Carvalho, M. (2007). *Vinculação, temperamento e processamento da informação: Implicações nas perturbações emocionais e comportamentais no início da adolescência*. Tese de doutoramento apresentada à Universidade do Minho, Instituto de Educação e Psicologia, Braga.
- Carvalho, M., & Gomide, P. (2005). Práticas educativas parentais em famílias de adolescentes em conflito com a lei. *Estudos de Psicologia*, 22 (3), 263-275.

- Costa, F., Teixeira, M., & Gomes, W. (2000). Responsividade e exigência: duas escalas para avaliar estilos parentais. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 13 (3), 465-473.
- Cruz, O. (2005). *Parentalidade*. Coimbra: Quarteto.
- Feitosa, F., Matos, M., Del Prette, Z., & Del Prette, A. (2005). Suporte social, nível sócio-económico e o ajustamento social e escolar de adolescentes portugueses. *Temas de Psicologia*, 13 (2) 129-138.
- Ferreira, L. (2005). *Parentalidade e Problemas de Comportamento*. Tese de Mestrado apresentada ao Instituto Superior de Psicologia Aplicada, Lisboa.
- Fonseca, A. (2002). *Comportamento anti-social e família*. Coimbra: Almedina
- Formiga, N. (2005). Condutas anti-sociais e delitivas e relações familiares em duas áreas urbanas na cidade de Palmas –TO. *Aletheia*, (22), 63-70.
- Glória, D. (2005). Relação entre escolaridade e diferenças constitutivas das fratrias. *Paidéia*, 15 (30), 31-42.
- Guedeney, N., & Guedeney, A. (2004). *Vinculação: conceitos e aplicações*. Lisboa: Climepsi
- Hernández, G., & Hernández, J. (2005). Processos familiares relacionados con la conducta antisocial de adolescentes en familias intactas y desestructuradas. *Apuntes de Psicologia*, 23 (1), 41-52.
- Hirschi, T. (1969). *The causes of delinquency*. Berkeley, CA: University of Califórnia Press.
- IEFP - Instituto de Emprego e Formação Profissional -
http://www.iefp.pt/estatisticas/MercadoEmprego/RelatoriosAnuais/Documents/2007/R_ANUAL_07_VERSAO_FINAL.pdf (consultado em 14 de Novembro de 2008).

INE - Instituto Nacional de Estatística

http://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine_indicadores&indOcorrCod=0002007&selTab=tab2 (consultado em 14 de Novembro de 2008).

Instituto Nacional de Estatística - Informação à Comunicação Social (2007).

Jiménez, A., & Delgado A. (2002). Comunicación y conflicto familiar durante la adolescência. *Anales de Psicología*, 18 (2), 215-231.

Leal, I. (2005). *Psicologia da gravidez e da parentalidade*. Lisboa: Fim de Século.

Loeber, R. & Stouthamer-Loeber, M. (1986). Family factors as correlatos and predictors of juvenile conduct problems and delinquency. In M. Tonry & N. Morris (Eds.), *Crime and Justice* (vol 7, pp 29-149). Chicago: University of Chicago Press.

Martins, M. (2005). O problema da violência escolar: uma clarificação e diferenciação de vários conceitos relacionados. *Revista Portuguesa de Educação*, 18 (1), 93-115.

Matos, P., & Costa, M. (2006). Vinculação aos pais e ao par romântico em adolescentes. *Psicologia*, 20 (1). 127-154.

Mendes, M. (2005) - *Nós, os ciganos e os outros*, Lisboa: Livros Horizonte.

Moraes, R., Camino, C., Costa, J., Camino, L., & Cruz, L. (2006). Socialização parental e valores: um estudo com adolescentes. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 20 (1), 167-177.

Musitu, G., & Garcia J. (2004). Consequencias de la socialización familiar en la cultura española. *Psicothema*, 16 (2), 288-293.

Ochoa, G., Ferrer, B., & Pérez, S. (2006) Conflicto marital, apoyo parental y ajuste escolar en adolescentes. *Anuario de Psicología*, 37 (3), 249-261.

Oliva, A. (2006). Relaciones familiares y desarrollo adolescente. *Anuário Psicologia*, 37 (3), 209-223.

- Oliveira, E., Marin, A., Pires, F., Frizzo, G., Ravanello, T., & Rossato, C. (2002). Estilos parentais autoritário e democrático-recíproco intergeracionais, conflito conjugal e comportamentos de externalização e internalização. *Psicologia Reflexão e Crítica*, 15 (1), 1-11.
- Oliveira, J., & Costa, M. (2005). Estilos de vinculação e percepções de satisfação com os papéis parental e conjugal em tríades de famílias intactas. *Psicologia*, 28 (2), 57-74.
- Papalia, D., Olds, S., & Feldman, R. (2001). *O mundo da criança*. Lisboa: McGraw-Hill.
- Pardo, M., Pineda, S., Carrillo, S., & Castro, J. (2006). Análisis psicométrico del inventario de apego con padres y pares en una muestra com adolescentes colombianos. *Revista Interamericana de Psicología*, 40 (3), 289-302.
- Peixoto, F. (1999). Escala de Percepção da Relação com a Família. In A. P. Soares, S. Araújo, & S. Caires (Eds.), *Avaliação Psicológica: Formas e Contextos* (Vol. VI, pp. 468-474). Braga: APPORT.
- Peixoto, F. (2003). *Auto-estima, autoconceito e dinâmicas relacionais em contexto escolar: estudo das relações entre auto-estima, autoconceito, rendimento académico e dinâmicas relacionais com a família e com os pares em alunos do 7º, 9º, e 11º anos de escolaridade*. Tese de doutoramento apresentada à Universidade do Minho, Braga.
- Peixoto, F.(2004). Qualidade das relações familiares, auto-estima, auto-conceito e rendimento académico. *Análise Psicológica*, 22 (1), 235-244.
- Ribeiro, J., & Sousa, M. (2002). Vinculação e comportamento de saúde: estudo exploratório de uma escala de avaliação em adolescentes. *Análise Psicológica I* (20), 67-75.
- Rodrigues, A., Figueiredo, B., Pacheco, A., Costa, R., Cabeleireira, C., & Magarinho. R. (2004). Memória de cuidados na infância, estilo de vinculação e qualidade de relação com pessoas significativas: estudo com grávidas adolescentes. *Análise Psicológica* 4 (22), 643-665.

- Sampaio, I. (2007). Práticas educativas parentais, género e ordem de nascimento dos filhos: actualização. *Revista Brasileira de Crescimento e Desenvolvimento Humano*, 17 (2), 144-152.
- Silveira, L., Pacheco, J., Cruz, T., & Schneider, A. (2005). Estratégias educativas desejáveis e indesejáveis: uma comparação entre a percepção de pais e mães de adolescentes. *Aletheia*, 21, 31-41.
- Szelbracikowski, A., & Dessen, M. (2007). Problemas de comportamento exteriorizados e as relações familiares: revisão de literatura. *Psicologia em Estudo*, 12 (1), 33-40.
- Teixeira, M., Oliveira, A., & Whottrich, S. (2006). Escala de práticas parentais (EPP): avaliando dimensões de práticas parentais em relação a adolescentes. *Psicologia Reflexão e Crítica*, 19 (3), 433-441.
- Veenstra, R., Lindenberg, S., Oldehinkel, A., Winter, A., & Ormel, J. (2006). Temperament, environment and antisocial behaviour in a population sample of preadolescent boys and girls. *International Journal of Behavior Development*, 30 (5), 32-42.
- Veríssimo, M., Monteiro, L., Vaughn, B. & Santos, A. (2003). Qualidade da vinculação e desenvolvimento sócio-cognitivo. *Análise Psicológica*, 4 (21), 419-430.
- Wagner, A., Carpenedo, C., Melo, L., & Silveira, P. (2005). Estratégias de comunicação familiar: a perspectiva dos filhos adolescentes. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 18 (2), 277-282.
- Weber, L., Prado, P., Viezzer, A., & Brandenburg, O. (2004). Identificação de estilos parentais: o ponto de vista dos pais e dos filhos. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 17 (3), 323-331.

Anexos

Anexo A
Questionário da Caracterização da Amostra

Questionário de Caracterização da Amostra

Numeração do Questionário_____

A- Caracterização Geral do Adolescente

1.Data de Nascimento:_____ (Idade:_____)

2. Sexo

2.1 Feminino _____

2.2 Masculino _____

3. Origem Cultural

3.1 Caucasiana_____

3.2 Negra_____

3.3 Asiática_____

3.4 Mista_____

4. Etnia

4.1 Cigana_____

5. Naturalidade:_____

6. Área de Residência

6.1 Concelho_____

6.2 Freguesia_____

7. Habilitações Literárias

7.1 1º ciclo_____

7.2 2º ciclo_____

7.3 7º ano_____

7.4 8º ano_____

B- Caracterização da Família

8. Caracterização do agregado familiar

Parentesco	Idade	Sexo	Estado Civil	Naturalidade	Habilitações Literárias	Profissão/Ocupação	Empregado	Desempregado	Co-habita com o adolescente	Não co-habita com o adolescente

9. Tipo de Habitação

9.1 Casa própria ____

9.2 Casa alugada ____

9.3 Casa camarária ____

9.4 Casa abarracada ____

10. Rendimento Familiar

10.1 Menos de 300 euros ____

10.2 Entre 300 e 500 euros ____

10.3 Entre 500 e 1000 euros ____

10.4 Entre 1000 e 1500 euros ____

10.5 Mais de 1500 euros ____

11. Usufri do Rendimento Social de Inserção (RSI) ____

C – Caracterização Específica do Adolescente

12. Nº de retenções escolares _____

13. Quando frequentava a escola do ensino oficial verificou-se:

13.1 Absentismo _____

13.2 Problemas de comportamento com docentes e/ou pessoal não docente _____

Quais: _____

13.3 Problemas de comportamento com colegas _____

Quais: _____

13.4 Actos de vandalismo no recinto escolar _____

Quais: _____

14. Tempo de duração do abandono escolar

14.1 Menos de 1 ano _____

14.2 1 ano _____

14.3 2 anos _____

14.3 3 anos _____

14.4 4 anos _____

14.5 Mês e Ano do abandono escolar _____/_____

15. Prática de crime _____

Qual _____

16. Processo no Instituto de Reinserção Social o Tribunal

16.1 Nunca teve _____

16.2 Já teve _____ Motivo _____

16.3 Ainda tem _____ Motivo _____

17. Sinalização na Comissão de Protecção de Crianças e Jovens em Risco

17.1 Está sinalizado _____ Motivo _____

17.2 Não está sinalizado _____

D- Relacionamento Familiar

18. Como classifica o seu relacionamento com os pais / encarregados de educação:

18.1 Muito Bom____

18.2 Bom____

18.3 Médio____

18.4 Mau____

19. Qual o adulto a que recorre se tiver um problema

19.1 Mãe____

19.2 Pai____

19.3 Tia____

19.4 Tio____

19.5 Avô____

19.6 Avó____

19.5 Outro____ Qual?_____

20. Com que passa habitualmente mais tempo

20.1 Mãe____

20.2 Pai____

20.3 Tia____

20.4 Tio____

20.5 Avô____

20.6 Avó____

20.7 Amigos____

20.8 Outro____ Qual?_____

21. Como se sente quando está em casa:

21.1 Muito Bem____

21.2 Bem____

21.3 Mais ou menos____

21.4 Mal____

22. Em que medida sente que os seus pais / encarregados de educação se preocupam com o seu comportamento

22.1 Muito_____

22.2 Mais ou menos_____

22.3 Pouco_____

22.4 Nada_____

23. Perante um comportamento menos correcto da sua parte, os seus pais / encarregados de educação reagem:

23.1 Falam consigo e explicam que não devia ter tido esse comportamento_____

23.2 Castigam-no sem falar consigo_____

23.3 Não ligam_____

23.4 Outro ___ Qual? _____

24. Sente que os seus pais / encarregados de educação se preocupam com os seus resultados escolares

24.1 Muito_____

24.2 Mais ou menos_____

24.3 Pouco_____

24.4 Nada_____

25. Os seus pais / encarregados de educação colocam limites em relação às saídas e horas de chegada à casa

25.1 Sempre_____

25.2 Às vezes_____

25.3 Nunca_____

Anexo B
Escala de Percepção da Relação Familiar

Anexo C
Inventário sobre a Vinculação para a Infância e Adolescência – Versão de Auto-
Avaliação

Anexo D
Carta de Consentimento Informado

Caro(a) Encarregado(a) de Educação

O meu nome é Sandra Carolina Vilares Guedes, encontro-me a fazer um estudo, sobre a percepção da relação familiar dos adolescentes, no âmbito da dissertação de mestrado.

A adolescência é um período onde ocorrem mudanças a vários níveis que afectam não só o adolescente mas também os seus pais. Existem muitos estudos sobre esta fase do desenvolvimento que têm como objectivo perceber melhor estas mudanças e indicar pistas para melhor se acompanhar este ciclo da vida. Este é também o propósito deste estudo.

Vimos por este meio pedir a autorização para a participação do seu educando neste estudo. A colaboração será realizada através do preenchimento de três questionários.

Desde já garantimos que as respostas serão anónimas e confidenciais.

Muito Obrigada pela sua disponibilidade e pela sua ajuda.

Eu _____
autorizo o meu educando _____ a
participar nesta investigação.

Anexo E
Carta de Solicitação de Participação no Estudo

Exmo. Sr. Presidente do Conselho Executivo da
Escola dos 2º e 3º ciclos Quinta de Marrocos

O meu nome é Sandra Carolina Vilares Guedes, sou estudante de Psicologia no Instituto Superior de Psicologia Aplicada (ISPA). Conclui a licenciatura em Ciências Psicológicas e frequento, actualmente, o 2º ciclo de estudos denominado por Mestrado Integrado na área de clínica, de acordo com o processo de Bolonha.

Estou a realizar a dissertação de Mestrado sobre a vinculação e a percepção que os adolescentes da sua relação familiar. Os instrumentos utilizados para medir as variáveis em estudo são três, um questionário intitulado Escala de Percepção da Relação Familiar (Peixoto, 1999), um Inventário sobre a Vinculação para a Infância e Adolescência (Marina Carvalho, Isabel Soares, & Américo Baptista, 2006) e um questionário de caracterização da amostra.

A duração da aplicação dos instrumentos é de aproximadamente 20 minutos. A confidencialidade e o anonimato estão garantidos.

Venho por este meio solicitar a colaboração da escola para poder aplicar estes instrumentos a um amostra de 40 jovens com idades compreendidas entre os 14 e os 18 anos de idade e que não apresentem características no âmbito do domínio da exclusão social.

Em anexo seguem os instrumentos a utilizar e a carta de solicitação/ autorização de participação a ser enviada aos pais.

Desde já agradeço a colaboração prestada e fico a aguardar uma resposta.

Atentamente,

Lisboa, 25 de Março de 2008

Sandra Carolina Vilares Guedes

Resultados do Teste de Normalidade das dimensões da EPRF no Grupo de Estudo e no Grupo de Controlo

Tests of Normality

	Adolescentes	Kolmogorov-Smirnov(a)			Shapiro-Wilk		
		Statistic	df	Sig.	Statistic	df	Sig.
Autonomia	Estudo	,088	60	,200(*)	,981	60	,494
	Controlo	,186	40	,001	,933	40	,021
Aceitação	Estudo	,173	60	,000	,849	60	,000
	Controlo	,198	40	,000	,943	40	,043
Suporte_Afectivo	Estudo	,100	60	,200(*)	,978	60	,343
	Controlo	,190	40	,001	,924	40	,010
Suporte_Escolar	Estudo	,125	60	,020	,970	60	,146
	Controlo	,167	40	,007	,932	40	,018
Expectativas	Estudo	,127	60	,018	,957	60	,035
	Controlo	,143	40	,038	,941	40	,036

* This is a lower bound of the true significance.

a Lilliefors Significance Correction

Resultados do Teste Wilcoxon Mann-Whitney nas dimensões da EPRF no Grupo de Estudo e no Grupo de Controlo

Test Statistics(a)

	Autonomia	Aceitação	Suporte_Afectivo	Suporte_Escolar	Expectativas
Z	-,067	-,289	-,490	-2,627	-,071
Asymp. Sig. (2-tailed)	,946	,773	,624	,009	,943

a Grouping Variable: Adolescentes

Resultados do Teste de Normalidade das dimensões do IVIA no Grupo de Estudo e no Grupo de Controlo

Tests of Normality

	Adolescentes	Kolmogorov-Smirnov(a)			Shapiro-Wilk		
		Statistic	df	Sig.	Statistic	df	Sig.
VINC_Segura	Estudo	,122	60	,030	,965	60	,091
	Controlo	,098	40	,200(*)	,937	40	,027
VINC_Ansiosa	Estudo	,091	60	,200(*)	,975	60	,273
	Controlo	,135	40	,062	,940	40	,036
VINC_Evitante	Estudo	,117	60	,043	,966	60	,095
	Controlo	,108	40	,200(*)	,986	40	,882

* This is a lower bound of the true significance.

a Lilliefors Significance Correction

**Resultados do Teste Wilcoxon Mann-Whitney no Grupo de Controlo
nas dimensões do IVIA**

Test Statistics(a)

	VINC_Segura	VINC_Ansiosa	VINC_Evitante
Z	-1,440	-2,106	-,074
Asymp. Sig. (2-tailed)	,150	,035	,941

a Grouping Variable: Adolescentes

Resultados do Teste de Normalidade da EPRF no Grupo de Estudo (Variável Género)

Tests of Normality

	Género	Kolmogorov-Smirnov(a)			Shapiro-Wilk		
		Statistic	df	Sig.	Statistic	df	Sig.
Autonomia	Masculino	,117	29	,200(*)	,972	29	,603
	Feminino	,108	31	,200(*)	,960	31	,286
Aceitação	Masculino	,205	29	,003	,859	29	,001
	Feminino	,162	31	,037	,937	31	,067
Suporte_Afectivo	Masculino	,095	29	,200(*)	,974	29	,681
	Feminino	,161	31	,039	,961	31	,308
Suporte_Escolar	Masculino	,203	29	,004	,906	29	,014
	Feminino	,121	31	,200(*)	,970	31	,519
Expectativas	Masculino	,184	29	,013	,944	29	,128
	Feminino	,149	31	,076	,950	31	,160

* This is a lower bound of the true significance.

a Lilliefors Significance Correction

Resultados do Teste Wilcoxon Mann-Whitney da EPRF no Grupo de Estudo (Variável Género)

Test Statistics(a)

	Autonomia	Aceitação	Suporte_Afectivo	Suporte_Escolar	Expectativas
Mann-Whitney U	316,000	437,500	339,500	436,500	300,500
Wilcoxon W	751,000	872,500	835,500	932,500	735,500
Z	-1,983	-,179	-1,638	-,194	-2,225
Asymp. Sig. (2-tailed)	,047	,858	,101	,846	,026

a Grouping Variable: Género

Resultados do Teste de Normalidade do IVIA no Grupo de Estudo (Variável Género)

	Género	Kolmogorov-Smirnov(a)			Shapiro-Wilk		
		Statistic	df	Sig.	Statistic	df	Sig.
VINC_Segura	Masculino	,088	29	,200(*)	,972	29	,645
	Feminino	,151	31	,070	,933	31	,052
VINC_Ansiosa	Masculino	,126	29	,200(*)	,945	29	,149
	Feminino	,084	31	,200(*)	,983	31	,894
VINC_Evitante	Masculino	,153	29	,093	,959	29	,333
	Feminino	,125	31	,200(*)	,945	31	,115

* This is a lower bound of the true significance.

a Lilliefors Significance Correction

Resultados do Teste de Homogeneidade do IVIA no Grupo de Estudo (Variável Género)

	Levene Statistic	df1	df2	Sig.
VINC_Segura	,013	1	57	,909
VINC_Ansiosa	,003	1	58	,955
VINC_Evitante	2,041	1	58	,159

Resultados do Teste Anova One-Way do IVIA no Grupo de Estudo (Variável Género)

		Sum of Squares	df	Mean Square	F	Sig.
VINC_Segura	Between Groups	,025	1	,025	,047	,829
	Within Groups	29,704	57	,521		
	Total	29,729	58			
VINC_Ansiosa	Between Groups	,039	1	,039	,051	,823
	Within Groups	44,819	58	,773		
	Total	44,858	59			
VINC_Evitante	Between Groups	,359	1	,359	,804	,374
	Within Groups	25,933	58	,447		
	Total	26,293	59			

Resultados do Teste de Normalidade da EPRF no Grupo de Controlo (Variável Género)

	Género	Kolmogorov-Smirnov(a)			Shapiro-Wilk		
		Statistic	df	Sig.	Statistic	df	Sig.
Autonomia	Masculino	,225	24	,003	,916	24	,048
	Feminino	,167	16	,200(*)	,958	16	,621
Aceitação	Masculino	,188	24	,027	,933	24	,115
	Feminino	,259	16	,005	,879	16	,037
Suporte_Afectivo	Masculino	,191	24	,024	,950	24	,269
	Feminino	,240	16	,014	,853	16	,015
Suporte_Escolar	Masculino	,164	24	,093	,935	24	,127
	Feminino	,222	16	,034	,883	16	,043
Expectativas	Masculino	,149	24	,180	,935	24	,129
	Feminino	,206	16	,069	,873	16	,030

* This is a lower bound of the true significance.

a Lilliefors Significance Correction

Resultados do Teste Wilcoxon Mann-Whitney da EPRF no Grupo de Controlo (Variável Género)

	Autonomia	Aceitação	Suporte_Afectivo	Suporte_Escolar	Expectativas
Z	-1,045	-1,256	-,565	-,954	-,211
Asymp. Sig. (2-tailed)	,296	,209	,572	,340	,833

a Not corrected for ties.

b Grouping Variable: Género

Resultados do Teste de Normalidade do IVIA no Grupo de Controlo (Variável Género)

Tests of Normality

	Género	Kolmogorov-Smirnov(a)			Shapiro-Wilk		
		Statistic	df	Sig.	Statistic	df	Sig.
VINC_Segura	Masculino	,103	24	,200(*)	,961	24	,459
	Feminino	,192	16	,120	,838	16	,009
VINC_Ansiosa	Masculino	,145	24	,200(*)	,929	24	,095
	Feminino	,168	16	,200(*)	,934	16	,279
VINC_Evitante	Masculino	,182	24	,038	,962	24	,475
	Feminino	,162	16	,200(*)	,968	16	,800

* This is a lower bound of the true significance.

a Lilliefors Significance Correction

Resultados do Teste Wilcoxon Mann-Whitney do IVIA no Grupo de Controlo (Variável Género)

	VINC_Segura	VINC_Ansiosa	VINC_Evitante
Z	-2,830	-,194	-,388
Asymp. Sig. (2-tailed)	,005	,846	,698

a Not corrected for ties.

b Grouping Variable: Género

Anexo H
Outputs – Variável Origem Cultural

Resultados do Teste de Normalidade da EPRF no Grupo de Estudo (Variável Origem Cultural)

Tests of Normality

	Origem Cultural	Kolmogorov-Smirnov(a)			Shapiro-Wilk		
		Statistic	df	Sig.	Statistic	df	Sig.
Autonomia	Caucasiana	,125	31	,200(*)	,967	31	,444
	Negra	,195	12	,200(*)	,888	12	,112
	Mista	,315	6	,064	,797	6	,055
	cigana	,225	11	,124	,815	11	,015
Aceitação	Caucasiana	,205	31	,002	,871	31	,001
	Negra	,193	12	,200(*)	,942	12	,522
	Mista	,204	6	,200(*)	,902	6	,389
	cigana	,274	11	,020	,841	11	,033
Suporte_Afectivo	Caucasiana	,146	31	,092	,933	31	,054
	Negra	,154	12	,200(*)	,934	12	,429
	Mista	,233	6	,200(*)	,958	6	,807
	cigana	,236	11	,088	,940	11	,521
Suporte_Escolar	Caucasiana	,186	31	,008	,953	31	,189
	Negra	,157	12	,200(*)	,954	12	,690
	Mista	,312	6	,068	,890	6	,316
	cigana	,105	11	,200(*)	,989	11	,996
Expectativas	Caucasiana	,168	31	,027	,879	31	,002
	Negra	,227	12	,088	,867	12	,061
	Mista	,263	6	,200(*)	,874	6	,242
	cigana	,234	11	,095	,897	11	,170

* This is a lower bound of the true significance.

a Lilliefors Significance Correction

Test Statistics(b)

Resultados do Teste Wilcoxon Mann-Whitney da EPRF no Grupo de Estudo (Variável Origem Cultural)

	Autonomia	Aceitação	Suporte_Afectivo	Suporte_Escolar	Expectativas
Z	-1,236	-1,274	-,476	-,492	-1,332
Asymp. Sig. (2-tailed)	,217	,203	,634	,623	,183

a Not corrected for ties.

b Grouping Variable: Origem Cultural

Resultados do Teste de Normalidade do IVIA no Grupo de Estudo (Variável Origem Cultural)

	Origem Cultural	Kolmogorov-Smirnov(a)			Shapiro-Wilk		
		Statistic	df	Sig.	Statistic	df	Sig.
VINC_Segura	Caucasiana	,117	30	,200(*)	,970	30	,542
	Negra	,163	12	,200(*)	,961	12	,804
	Mista cigana	,279	6	,159	,838	6	,126
VINC_Ansiosa	Caucasiana	,138	11	,200(*)	,919	11	,313
	Negra	,122	30	,200(*)	,974	30	,649
	Mista cigana	,150	12	,200(*)	,944	12	,549
VINC_Evitante	Caucasiana	,167	6	,200(*)	,940	6	,656
	Negra	,170	11	,200(*)	,900	11	,187
	Mista cigana	,133	30	,186	,974	30	,651
	Negra	,149	12	,200(*)	,960	12	,778
	Mista cigana	,270	6	,198	,829	6	,106
		,215	11	,164	,899	11	,180

* This is a lower bound of the true significance.

a Lilliefors Significance Correction

Resultados do Teste de Homogeneidade do IVIA no Grupo de Estudo (Variável Origem Cultural)

	Levene Statistic	df1	df2	Sig.
VINC_Segura	,032	3	55	,992
VINC_Ansiosa	,429	3	56	,733
VINC_Evitante	2,702	3	56	,054

Resultados do Teste Anova One-Way do IVIA no Grupo de Estudo (Variável Origem Cultural)

		Sum of Squares	df	Mean Square	F	Sig.
VINC_Segura	Between Groups	2,010	3	,670	1,329	,274
	Within Groups	27,719	55	,504		
	Total	29,729	58			
VINC_Ansiosa	Between Groups	5,670	3	1,890	2,701	,054
	Within Groups	39,188	56	,700		
	Total	44,858	59			
VINC_Evitante	Between Groups	2,755	3	,918	2,185	,100
	Within Groups	23,538	56	,420		
	Total	26,293	59			

Anexo I

Outputs – Variável Problemas Comportamentais com Professores

Resultados do Teste de Normalidade da EPRF no Grupo de Estudo (Variável Problemas Comportamentais com Professores)

Tests of Normality

	Problemas de Comportamento com docente/não docente	Kolmogorov-Smirnov(a)			Shapiro-Wilk		
		Statistic	df	Sig.	Statistic	df	Sig.
Autonomia	Sim	,112	41	,200(*)	,973	41	,419
	Não	,167	19	,173	,957	19	,511
Aceitação	Sim	,197	41	,000	,850	41	,000
	Não	,200	19	,044	,927	19	,149
Suporte_Afectivo	Sim	,141	41	,038	,970	41	,353
	Não	,184	19	,091	,944	19	,310
Suporte_Escolar	Sim	,161	41	,009	,949	41	,035
	Não	,187	19	,078	,942	19	,281
Expectativas	Sim	,127	41	,096	,964	41	,219
	Não	,168	19	,165	,943	19	,299

* This is a lower bound of the true significance.

a Lilliefors Significance Correction

Resultados do Teste Wilcoxon Mann-Whitney da EPRF no Grupo de Estudo (Variável Problemas Comportamentais com Professores)

Test Statistics(a)

	Autonomia	Aceitação	Suporte_Afectivo	Suporte_Escolar	Expectativas
Z	-,519	-,361	-1,840	-,249	-,217
Asymp. Sig. (2-tailed)	,604	,718	,066	,804	,829

a Grouping Variable: Problemas de Comportamento com docente/não docente

Resultados do Teste de Normalidade do IVIA no Grupo de Controlo (Variável Problemas Comportamentais com Professores)

Tests of Normality

	Problemas de Comportamento com docente/não docente	Kolmogorov-Smirnov(a)			Shapiro-Wilk		
		Statistic	df	Sig.	Statistic	df	Sig.
VINC_Segura	Sim	,122	40	,138	,961	40	,183
	Não	,163	19	,197	,947	19	,346
VINC_Ansiosa	Sim	,106	40	,200(*)	,965	40	,250
	Não	,119	19	,200(*)	,978	19	,921
VINC_Evitante	Sim	,130	40	,086	,946	40	,056
	Não	,171	19	,146	,926	19	,148

Resultados do Teste de Homogeneidade do IVIA no Grupo de Controlo (Variável Problemas Comportamentais com Professores)

Test of Homogeneity of Variances

	Levene Statistic	df1	df2	Sig.
VINC_Segura	,072	1	57	,790
VINC_Ansiosa	,322	1	58	,573
VINC_Evitante	2,077	1	58	,155

Resultados do Teste Anova One-Way do IVIA no Grupo de Estudo (Variável Problemas Comportamentais com Professores)

		Sum of Squares	df	Mean Square	F	Sig.
VINC_Segura	Between Groups	,452	1	,452	,880	,352
	Within Groups	29,277	57	,514		
	Total	29,729	58			
VINC_Ansiosa	Between Groups	,329	1	,329	,428	,515
	Within Groups	44,529	58	,768		
	Total	44,858	59			
VINC_Evitante	Between Groups	,338	1	,338	,756	,388
	Within Groups	25,954	58	,447		
	Total	26,293	59			

**Resultados do Teste de Normalidade da EPRF no Grupo de Controlo (Variável
Problemas Comportamentais com Colegas)**

	Problemas de Comportamento com colegas	Kolmogorov-Smirnov(a)			Shapiro-Wilk		
		Statistic	df	Sig.	Statistic	df	Sig.
Autonomia	Sim	,091	22	,200(*)	,987	22	,987
	Não	,092	38	,200(*)	,978	38	,637
Aceitação	Sim	,224	22	,006	,796	22	,000
	Não	,172	38	,006	,951	38	,094
Suporte_Afectivo	Sim	,157	22	,166	,926	22	,099
	Não	,087	38	,200(*)	,980	38	,705
Suporte_Escolar	Sim	,255	22	,001	,897	22	,026
	Não	,116	38	,200(*)	,963	38	,237
Expectativas	Sim	,195	22	,028	,883	22	,014
	Não	,125	38	,138	,963	38	,231

* This is a lower bound of the true significance.

a Lilliefors Significance Correction

**Resultados do Teste Wilcoxon Mann-Whitney da EPRF no Grupo de Estudo (Variável
Problemas Comportamentais com Colegas)**

Test Statistics(a)

	Autonomia	Aceitação	Suporte_Afectivo	Suporte_Escolar	Expectativas
Mann-Whitney U	355,500	403,000	362,000	400,500	396,000
Wilcoxon W	1096,500	1144,000	1103,000	1141,500	649,000
Z	-,963	-,233	-,865	-,271	-,341
Asymp. Sig. (2-tailed)	,336	,816	,387	,786	,733

a Grouping Variable: Problemas de Comportamento com colegas

Descriptives

**Resultados do Teste de Normalidade do IVIA no Grupo de Controlo (Variável
Problemas Comportamentais com Colegas)**

Tests of Normality

	Problemas de Comportamento com colegas	Kolmogorov-Smirnov(a)			Shapiro-Wilk		
		Statistic	df	Sig.	Statistic	df	Sig.
VINC_Segura	Sim	,106	22	,200(*)	,973	22	,772
	Não	,136	37	,080	,945	37	,068
VINC_Ansiosa	Sim	,131	22	,200(*)	,955	22	,399
	Não	,101	37	,200(*)	,977	37	,641
VINC_Evitante	Sim	,096	22	,200(*)	,969	22	,686
	Não	,135	37	,088	,939	37	,062

* This is a lower bound of the true significance.

a Lilliefors Significance Correction

Resultados do Teste de Homogeneidade do IVIA no Grupo de Controlo (Variável Problemas Comportamentais com Colegas)

Test of Homogeneity of Variances

	Levene Statistic	df1	df2	Sig.
VINC_Segura	,791	1	57	,377
VINC_Ansiosa	,354	1	58	,554
VINC_Evitante	,005	1	58	,941

Resultados do Teste Anova One-Way do IVIA no Grupo de Estudo (Variável Problemas Comportamentais com Colegas)

		Sum of Squares	df	Mean Square	F	Sig.
VINC_Segura	Between Groups	1,314	1	1,314	2,637	,110
	Within Groups	28,414	57	,498		
	Total	29,729	58			
VINC_Ansiosa	Between Groups	,056	1	,056	,072	,789
	Within Groups	44,802	58	,772		
	Total	44,858	59			
VINC_Evitante	Between Groups	,520	1	,520	1,170	,284
	Within Groups	25,773	58	,444		
	Total	26,293	59			

Correlações da variável Número de Retenções Escolares na EPRF

		Autonomia	Aceitação	Suporte_Afectivo	Suporte_Escolar	Expectativas
Número de Retenções Escolares	Pearson Correlation	,136	,051	,149	-,042	,176
	Sig. (2-tailed)	,301	,699	,255	,752	,178
	N	60	60	60	60	60

** Correlation is significant at the 0.01 level (2-tailed).

Correlações da variável Número de Retenções Escolares no IVIA

		VINC_Segura	VINC_Ansiosa	VINC_Evitante
Número de Retenções Escolares	Pearson Correlation	-,096	,076	,013
	Sig. (2-tailed)	,468	,566	,920
	N	59	60	60

** Correlation is significant at the 0.01 level (2-tailed).

Resultados do Teste de Normalidade da EPRF no Grupo de Estudo (Estrutura Familiar)

	Agregado familiar	Kolmogorov-Smirnov(a)			Shapiro-Wilk		
		Statistic	df	Sig.	Statistic	df	Sig.
Autonomia	com progenitores	,152	23	,179	,963	23	,517
	um progenitor (mãe)	,142	24	,200(*)	,967	24	,590
	um progenitor (pai)	,310	4	.	,916	4	,515
	sem progenitores	,205	9	,200(*)	,886	9	,180
Aceitação	com progenitores	,139	23	,200(*)	,944	23	,221
	um progenitor (mãe)	,201	24	,013	,840	24	,101
	um progenitor (pai)	,364	4	.	,840	4	,195
	sem progenitores	,256	9	,092	,860	9	,095
Suporte_Afectivo	com progenitores	,117	23	,200(*)	,954	23	,345
	um progenitor (mãe)	,116	24	,200(*)	,969	24	,641
	um progenitor (pai)	,394	4	.	,773	4	,062
	sem progenitores	,226	9	,200(*)	,874	9	,136
Suporte_Escolar	com progenitores	,146	23	,200(*)	,966	23	,604
	um progenitor (mãe)	,183	24	,036	,924	24	,073
	um progenitor (pai)	,220	4	.	,980	4	,900
	sem progenitores	,219	9	,200(*)	,947	9	,654
Expectativas	com progenitores	,159	23	,136	,929	23	,104
	um progenitor (mãe)	,147	24	,195	,972	24	,716
	um progenitor (pai)	,307	4	.	,729	4	,024
	sem progenitores	,262	9	,074	,914	9	,341

* This is a lower bound of the true significance.

a Lilliefors Significance Correction

Resultados do Teste de Homogeneidade da EPRF no Grupo de Estudo (Estrutura Familiar)

	Levene Statistic	df1	df2	Sig.
Autonomia	1,587	3	56	,203
Aceitação	1,179	3	56	,326
Suporte_Afectivo	,555	3	56	,647
Suporte_Escolar	,952	3	56	,422
Expectativas	1,481	3	56	,230

Resultados do Teste Anova One-Way da EPRF no Grupo de Estudo (Estrutura Familiar)

		Sum of Squares	df	Mean Square	F	Sig.
Autonomia	Between Groups	,498	3	,166	,578	,632
	Within Groups	16,085	56	,287		
	Total	16,583	59			
Aceitação	Between Groups	,140	3	,047	,232	,874
	Within Groups	11,312	56	,202		
	Total	11,453	59			
Suporte_Afectivo	Between Groups	,771	3	,257	1,132	,344
	Within Groups	12,721	56	,227		
	Total	13,493	59			
Suporte_Escolar	Between Groups	,289	3	,096	,618	,606
	Within Groups	8,735	56	,156		
	Total	9,024	59			
Expectativas	Between Groups	,386	3	,129	,699	,557
	Within Groups	10,323	56	,184		
	Total	10,709	59			

Resultados do Teste de Normalidade do IVIA no Grupo de Estudo (Variável Estrutura Familiar)

	Agregado familiar	Kolmogorov-Smirnov(a)			Shapiro-Wilk		
		Statistic	df	Sig.	Statistic	df	Sig.
VINC_Segura	com progenitores	,107	23	,200(*)	,965	23	,572
	um progenitor (mãe)	,152	23	,180	,919	23	,065
	um progenitor (pai)	,231	4	.	,948	4	,701
	sem progenitores	,144	9	,200(*)	,930	9	,484
VINC_Ansiosa	com progenitores	,083	23	,200(*)	,988	23	,992
	um progenitor (mãe)	,137	23	,200(*)	,944	23	,222
	um progenitor (pai)	,221	4	.	,958	4	,764
	sem progenitores	,189	9	,200(*)	,900	9	,251
VINC_Evitante	com progenitores	,125	23	,200(*)	,932	23	,119
	um progenitor (mãe)	,194	23	,024	,908	23	,067
	um progenitor (pai)	,374	4	.	,763	4	,051
	sem progenitores	,154	9	,200(*)	,968	9	,879

* This is a lower bound of the true significance.

a Lilliefors Significance Correction

Resultados do Teste de Homogeneidade do IVIA no Grupo de Estudo (Estrutura Familiar)

	Levene Statistic	df1	df2	Sig.
VINC_Segura	,771	3	55	,515
VINC_Ansiosa	,712	3	56	,549
VINC_Evitante	,822	3	56	,487

Resultados do Teste Anova One-Way do IVIA no Grupo de Estudo (Estrutura Familiar)

		Sum of Squares	df	Mean Square	F	Sig.
VINC_Segura	Between Groups	,121	3	,040	,075	,973
	Within Groups	29,608	55	,538		
	Total	29,729	58			
VINC_Ansiosa	Between Groups	1,586	3	,529	,684	,565
	Within Groups	43,272	56	,773		
	Total	44,858	59			
VINC_Evitante	Between Groups	,934	3	,311	,687	,564
	Within Groups	25,359	56	,453		
	Total	26,293	59			

Anexo M
Outputs – Variável Número de Elementos do Agregado Familiar

Correlações da variável Elementos do Agregado Familiar na EPRF

		Autonomia	Aceitação	Suporte_Afectivo	Suporte_Ecolar	Expectativas
Nº de elementos do agregado familiar	Pearson Correlation	,126	,120	,114	-,134	,110
	Sig. (2-tailed)	,338	,361	,386	,306	,404
	N	60	60	60	60	60

** Correlation is significant at the 0.01 level (2-tailed).

Correlações da variável Elementos do Agregado Familiar no IVIA

		VINC_Segura	VINC_Ansiosa	VINC_Evitante
Nº de elementos do agregado familiar	Pearson Correlation	,053	,170	,020
	Sig. (2-tailed)	,688	,195	,880
	N	59	60	60

** Correlation is significant at the 0.01 level (2-tailed).

Resultados do Teste de Normalidade na EPRF no Grupo de Estudo (Rendimento Familiar)

Tests of Normality(b,c,d,e,f)

	Rendimento Familiar	Kolmogorov-Smirnov(a)			Shapiro-Wilk		
		Statistic	df	Sig.	Statistic	df	Sig.
Autonomia	Menos de 300 euros	,260	2	.			
	Entre 300 e 500 euros	,108	41	,200(*)	,978	41	,606
	Entre 500 e 1000 euros	,208	16	,063	,927	16	,218
Aceitação	Menos de 300 euros	,260	2	.			
	Entre 300 e 500 euros	,203	41	,000	,826	41	,000
	Entre 500 e 1000 euros	,138	16	,200(*)	,961	16	,673
Suporte_Afectivo	Menos de 300 euros	,260	2	.			
	Entre 300 e 500 euros	,104	41	,200(*)	,965	41	,241
	Entre 500 e 1000 euros	,181	16	,167	,924	16	,192
Suporte_Escolar	Menos de 300 euros	,260	2	.			
	Entre 300 e 500 euros	,172	41	,004	,959	41	,149
	Entre 500 e 1000 euros	,172	16	,200(*)	,918	16	,156
Expectativas	Menos de 300 euros	,260	2	.			
	Entre 300 e 500 euros	,140	41	,041	,947	41	,055
	Entre 500 e 1000 euros	,201	16	,085	,958	16	,634

* This is a lower bound of the true significance.

a Lilliefors Significance Correction

It has been omitted.

c Aceitação is constant when Rendimento Familiar = Entre 1000 e 1500 euros. It has been omitted.

It has been omitted.

e Suporte_Escolar is constant when Rendimento Familiar = Entre 1000 e 1500 euros. It has been omitted.

f Expectativas is constant when Rendimento Familiar = Entre 1000 e 1500 euros. It has been omitted

Resultados do Teste Friedman na EPRF no Grupo de Estudo (Rendimento Familiar)

Test Statistics(a,b)

	Autonomia	Aceitação	Suporte_Afectivo	Suporte_Escolar	Expectativas
Chi-Square	,891	3,377	,888	3,940	,911
df	3	3	3	3	3
Asymp. Sig.	,828	,337	,828	,268	,823

a Kruskal Wallis Test

b Grouping Variable: Rendimento Familiar

Resultados do Teste de Normalidade no IVIA no Grupo de Estudo (Rendimento Familiar)

Tests of Normality(b,c,d)

	Rendimento Familiar	Kolmogorov-Smirnov(a)			Shapiro-Wilk		
		Statistic	df	Sig.	Statistic	df	Sig.
VINC_Segura	Menos de 300 euros	,260	2	.			
	Entre 300 e 500 euros	,128	40	,098	,952	40	,086
	Entre 500 e 1000 euros	,164	16	,200(*)	,901	16	,085
VINC_Ansiosa	Menos de 300 euros	,260	2	.			
	Entre 300 e 500 euros	,109	40	,200(*)	,970	40	,352
	Entre 500 e 1000 euros	,126	16	,200(*)	,946	16	,423
VINC_Evitante	Menos de 300 euros	,260	2	.			
	Entre 300 e 500 euros	,141	40	,043	,936	40	,026
	Entre 500 e 1000 euros	,203	16	,077	,944	16	,403

* This is a lower bound of the true significance.

a Lilliefors Significance Correction

b VINC_Segura is constant when Rendimento Familiar = Entre 1000 e 1500 euros. It has been omitted.

c VINC_Ansiosa is constant when Rendimento Familiar = Entre 1000 e 1500 euros. It has been omitted.

d VINC_Evitante is constant when Rendimento Familiar = Entre 1000 e 1500 euros. It has been omitted.

Resultados do Teste Friedman no IVIA no Grupo de Estudo (Rendimento Familiar)

Test Statistics(a,b)

	VINC_Segura	VINC_Ansiosa	VINC_Evitante
Chi-Square	3,565	3,412	2,356
df	3	3	3
Asymp. Sig.	,312	,332	,502

a Kruskal Wallis Test

b Grouping Variable: Rendimento Familiar

Resultados do Teste da Normalidade na EPRF no Grupo de Estudo (Tipo de Habitação)

Tests of Normality

	Tipo de Habitação	Kolmogorov-Smirnov(a)			Shapiro-Wilk		
		Statistic	df	Sig.	Statistic	df	Sig.
Autonomia	Casa Própria	,167	9	,200(*)	,967	9	,867
	Casa Alugada	,147	18	,200(*)	,936	18	,250
	Casa Camarária	,097	28	,200(*)	,984	28	,930
	Casa Abarracada	,240	5	,200(*)	,961	5	,816
Aceitação	Casa Própria	,204	9	,200(*)	,861	9	,099
	Casa Alugada	,177	18	,141	,858	18	,011
	Casa Camarária	,227	28	,001	,796	28	,000
	Casa Abarracada	,159	5	,200(*)	,990	5	,980
Suporte_Afectivo	Casa Própria	,160	9	,200(*)	,938	9	,564
	Casa Alugada	,112	18	,200(*)	,966	18	,710
	Casa Camarária	,121	28	,200(*)	,957	28	,301
	Casa Abarracada	,324	5	,095	,717	5	,014
Suporte_Escolar	Casa Própria	,143	9	,200(*)	,945	9	,637
	Casa Alugada	,159	18	,200(*)	,952	18	,456
	Casa Camarária	,164	28	,053	,943	28	,131
	Casa Abarracada	,269	5	,200(*)	,894	5	,376
Expectativas	Casa Própria	,203	9	,200(*)	,936	9	,537
	Casa Alugada	,195	18	,069	,951	18	,442
	Casa Camarária	,179	28	,023	,913	28	,023
	Casa Abarracada	,254	5	,200(*)	,889	5	,350

* This is a lower bound of the true significance.

a Lilliefors Significance Correction

Resultados do Teste Friedman no IVIA no Grupo de Estudo (Tipo de Habitação)

Test Statistics(a,b)

	Autonomia	Aceitação	Suporte_Afectivo	Suporte_Escolar	Expectativas
Chi-Square	1,585	2,305	,755	3,127	,399
df	3	3	3	3	3
Asymp. Sig.	,663	,512	,860	,372	,940

a Kruskal Wallis Test

b Grouping Variable: Tipo de Habit

Resultados do Teste da Normalidade no IVIA no Grupo de Estudo (Tipo de Habitação)

Tests of Normality

	Tipo de Habitação	Kolmogorov-Smirnov(a)			Shapiro-Wilk		
		Statistic	df	Sig.	Statistic	df	Sig.
VINC_Segura	Casa Própria	,288	9	,030	,848	9	,072
	Casa Alugada	,145	18	,200(*)	,959	18	,583
	Casa Camarária	,156	27	,089	,923	27	,057
	Casa Abarracada	,300	5	,161	,868	5	,257
VINC_Ansiosa	Casa Própria	,281	9	,040	,845	9	,065
	Casa Alugada	,194	18	,072	,928	18	,177
	Casa Camarária	,146	27	,143	,962	27	,404
	Casa Abarracada	,221	5	,200(*)	,923	5	,548
VINC_Evitante	Casa Própria	,174	9	,200(*)	,928	9	,460
	Casa Alugada	,142	18	,200(*)	,950	18	,421
	Casa Camarária	,115	27	,200(*)	,967	27	,529
	Casa Abarracada	,269	5	,200(*)	,894	5	,376

* This is a lower bound of the true significance.

a Lilliefors Significance Correction

Resultados do Teste de Homogeneidade do IVIA no Grupo de Estudo (Tipo de Habitação)

Test of Homogeneity of Variances

	Levene Statistic	df1	df2	Sig.
VINC_Segura	,527	3	55	,666
VINC_Ansiosa	,939	3	56	,428
VINC_Evitante	1,021	3	56	,390

Resultados do Teste Anova One-Way do IVIA no Grupo de Estudo (Tipo de Habitação)

		Sum of Squares	df	Mean Square	F	Sig.
VINC_Segura	Between Groups	4,840	3	1,613	3,565	,020
	Within Groups	24,889	55	,453		
	Total	29,729	58			
VINC_Ansiosa	Between Groups	5,915	3	1,972	2,835	,046
	Within Groups	38,944	56	,695		
	Total	44,858	59			
VINC_Evitante	Between Groups	2,745	3	,915	2,176	,101
	Within Groups	23,548	56	,420		
	Total	26,293	59			

Resultados do Teste Tukey do IVIA no Grupo de Estudo (Tipo de Habitação)

Multiple Comparisons

Tukey HSD

Dependent Variable	(I) Tipo de Habitação	(J) Tipo de Habitação	Mean Difference (I-J)	Std. Error	Sig.
VINC_Segura	Casa Própria	Casa Alugada	-,05556	,27463	,997
		Casa Camarária	-,11111	,25892	,973
		Casa Abarracada	,94444	,37521	,068
	Casa Alugada	Casa Própria	,05556	,27463	,997
		Casa Camarária	-,05556	,20470	,993
		Casa Abarracada	1,00000(*)	,34007	,024
	Casa Camarária	Casa Própria	,11111	,25892	,973
		Casa Alugada	,05556	,20470	,993
		Casa Abarracada	1,05556(*)	,32751	,011
	Casa Abarracada	Casa Própria	-,94444	,37521	,068
		Casa Alugada	-1,00000(*)	,34007	,024
		Casa Camarária	-1,05556(*)	,32751	,011
VINC_Ansiosa	Casa Própria	Casa Alugada	,74306	,34045	,141
		Casa Camarária	,70139	,31954	,137
		Casa Abarracada	1,26389(*)	,46514	,042
	Casa Alugada	Casa Própria	-,74306	,34045	,141
		Casa Camarária	-,04167	,25193	,998
		Casa Abarracada	,52083	,42157	,607
	Casa Camarária	Casa Própria	-,70139	,31954	,137
		Casa Alugada	,04167	,25193	,998
		Casa Abarracada	,56250	,40487	,511
	Casa Abarracada	Casa Própria	-1,26389(*)	,46514	,042
		Casa Alugada	-,52083	,42157	,607
		Casa Camarária	-,56250	,40487	,511

* The mean difference is significant at the .05 level.

Resultados do Teste da Normalidade na EPRF no Grupo de Estudo (Limites)

	Limites colocados pelos pais	Kolmogorov-Smirnov(a)			Shapiro-Wilk		
		Statistic	df	Sig.	Statistic	df	Sig.
Autonomia	Sempre	,128	18	,200(*)	,970	18	,806
	Às Vezes	,105	35	,200(*)	,976	35	,631
	Nunca	,280	7	,102	,775	7	,023
Aceitação	Sempre	,230	18	,013	,900	18	,056
	Às Vezes	,234	35	,000	,815	35	,000
	Nunca	,214	7	,200(*)	,891	7	,282
Suporte_Afectivo	Sempre	,144	18	,200(*)	,956	18	,521
	Às Vezes	,105	35	,200(*)	,962	35	,270
	Nunca	,239	7	,200(*)	,927	7	,523
Suporte_Escolar	Sempre	,139	18	,200(*)	,970	18	,801
	Às Vezes	,144	35	,064	,955	35	,159
	Nunca	,202	7	,200(*)	,945	7	,686
Expectativas	Sempre	,167	18	,200(*)	,953	18	,481
	Às Vezes	,136	35	,101	,965	35	,331
	Nunca	,318	7	,031	,751	7	,013

* This is a lower bound of the true significance.

a Lilliefors Significance Correction

Resultados do Teste Kruskal Wallis na EPEF no Grupo de Estudo (Limites)

Test Statistics(a,b)

	Autonomia	Aceitação	Suporte_Afectivo	Suporte_Escolar	Expectativas
Chi-Square	5,018	,120	12,325	2,832	3,513
df	2	2	2	2	2
Asymp. Sig.	,081	,942	,002	,243	,173

a Kruskal Wallis Test

b Grouping Variable: Limites colocados pelos pais

Resultados do Teste Tukey na EPEF no Grupo de Estudo (Limites)

Multiple Comparisons

Dependent Variable: Suporte_Afectivo

Tukey HSD

(I) Limites colocados pelos pais	(J) Limites colocados pelos pais	Mean Difference (I-J)	Std. Error	Sig.
Sempre	Às Vezes	-,10503	,12550	,682
	Nunca	-,72884(*)	,19274	,001
Às Vezes	Sempre	,10503	,12550	,682
	Nunca	-,62381(*)	,17916	,003
Nunca	Sempre	,72884(*)	,19274	,001
	Às Vezes	,62381(*)	,17916	,003

* The mean difference is significant at the .05 level

Resultados do Teste da Normalidade no IVIA no Grupo de Estudo (Limites)

	Limites colocados pelos pais	Kolmogorov-Smirnov(a)			Shapiro-Wilk		
		Statistic	df	Sig.	Statistic	df	Sig.
VINC_Segura	Sempre	,165	18	,200(*)	,928	18	,180
	Às Vezes	,105	34	,200(*)	,981	34	,805
	Nunca	,244	7	,200(*)	,845	7	,110
VINC_Ansiosa	Sempre	,170	18	,183	,937	18	,257
	Às Vezes	,085	34	,200(*)	,974	34	,589
	Nunca	,139	7	,200(*)	,961	7	,825
VINC_Evitante	Sempre	,163	18	,200(*)	,941	18	,299
	Às Vezes	,159	34	,029	,937	34	,051
	Nunca	,170	7	,200(*)	,955	7	,777

* This is a lower bound of the true significance.

a Lilliefors Significance Correction

Resultados do Teste de Homogeneidade no IVIA no Grupo de Estudo (Limites)

Test of Homogeneity of Variances

	Levene Statistic	df1	df2	Sig.
VINC_Segura	3,455	2	56	,058
VINC_Ansiosa	1,607	2	57	,209
VINC_Evitante	1,165	2	57	,319

Resultados do Teste Anova One-Way do IVIA no Grupo de Estudo (Limites)

		Sum of Squares	df	Mean Square	F	Sig.
VINC_Segura	Between Groups	,062	2	,031	,059	,943
	Within Groups	29,666	56	,530		
	Total	29,729	58			
VINC_Ansiosa	Between Groups	,832	2	,416	,538	,587
	Within Groups	44,027	57	,772		
	Total	44,858	59			
VINC_Evitante	Between Groups	,354	2	,177	,389	,680
	Within Groups	25,939	57	,455		
	Total	26,293	59			

Resultados da Consistência Interna da EPRF e do IVIA

Autonomia

Reliability Statistics

Cronbach's Alpha	N of Items
,765	7

Aceitação

Reliability Statistics

Cronbach's Alpha(a)	N of Items
,738	7

Suporte Afectivo

Reliability Statistics

Cronbach's Alpha	N of Items
,762	6

Suporte Escolar

Reliability Statistics

Cronbach's Alpha	N of Items
,738	7

Expectativas

Reliability Statistics

Cronbach's Alpha	N of Items
,722	7

Segura

Reliability Statistics

Cronbach's Alpha	N of Items
,781	8

Ansiosa

Reliability Statistics

Cronbach's Alpha	N of Items
,746	8

Evitante

Reliability Statistics

Cronbach's Alpha	N of Items
,785	8

